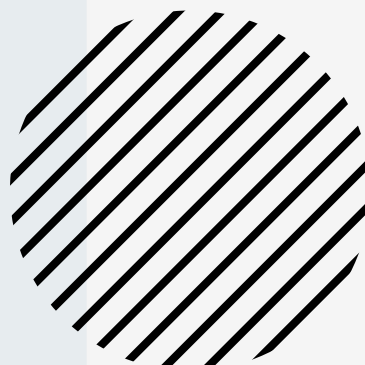
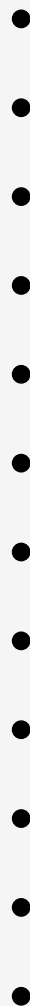
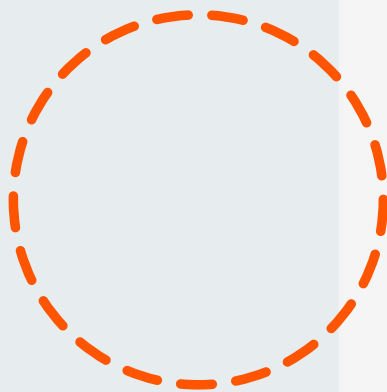


ESTUDO SOCIOLÓGICO DE CARACTERIZAÇÃO DA POPULAÇÃO JOVEM DO CONCELHO DE OEIRAS E SUAS DINÂMICAS

Ana Cardoso (coord.)
Ana Brázia
Mafalda Araújo





FICHA TÉCNICA

TÍTULO

Estudo Sociológico
de Caracterização
da População Jovem
do Concelho de Oeiras
e suas Dinâmicas

ENTIDADE PROMOTORA

Câmara Municipal de Oeiras

EQUIPA

CESIS – Centro de Estudos para a Intervenção Social

AUTORIA

Ana Cardoso (coord.)
Ana Brázia
Mafalda Araújo

DATA

Maio de 2022





OEIRAS É PARA TI

Oeiras foi o primeiro Município do país a criar um Gabinete da Juventude, em 1986. Há várias décadas que reconhecemos a importância de uma intervenção orientada especificamente para a população jovem.

Esta aposta na comunidade jovem do nosso concelho não se esgota, porém, na mera existência de um serviço dedicado, pois há todo um conjunto de medidas que têm vindo a ser tomadas ao longo destes 35 anos, nas mais diversas áreas, que se dirigem aos jovens, tornando-os numa clara prioridade política.

De facto, embora a área da juventude seja relativamente recente no que diz respeito a políticas públicas, especificamente dedicadas a esta franja da população, há muito que em Oeiras vimos assumindo o apoio aos jovens.

Desde a Educação, à Habitação, passando pela Empregabilidade, a Cultura, o Desporto, entre muitas outras áreas, a Juventude tem conquistado uma importância crescente nas políticas municipais, pois estamos bem conscientes da necessidade de criar as melhores condições de prosperidade às novas gerações.

E numa sociedade em transformação devem as organizações públicas criar os instrumentos necessários para se atualizarem, nomeadamente no que diz respeito à definição de políticas para a juventude.

Foi neste sentido que o Município de Oeiras desenvolveu este Estudo Sociológico sobre os jovens do Concelho, para os conhecer melhor, mas, sobretudo, para os ouvir sobre os seus anseios e necessidades.

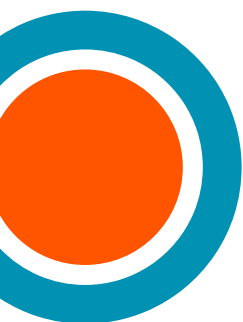
Não temos dúvidas em afirmar que o presente documento é, em si, uma referência, considerando o processo de participação juvenil que lhe subjaz e o papel que assumirá enquanto pilar da política municipal de juventude, norteando a elaboração de um Plano Municipal, assente nos eixos estratégicos identificados.

O nosso objetivo é, assim, realizar um conjunto de medidas nos próximos anos, que promovam o desenvolvimento holístico dos jovens, incorporando as ideias dos próprios, para que estes assumam que Oeiras é a sua casa.

Queremos estar à frente do tempo e construir, com os jovens, um futuro de prosperidade em Oeiras.

Em suma, queremos que os jovens estejam e sejam felizes em Oeiras!"

O Presidente da Câmara Municipal de Oeiras
Isaltino Moraes



ÍNDICE

OEIRAS É PARA TI	1
ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS	4
INTRODUÇÃO	7
I. METODOLOGIA	9
II. O QUE DIZEM OS NÚMEROS SOBRE A POPULAÇÃO JOVEM DO CONCELHO DE OEIRAS	12
II.1. ASPETOS DEMOGRÁFICOS	12
DINÂMICAS MIGRATÓRIAS	14
FAMÍLIAS E NATALIDADE	16
II.2. JOVENS E EDUCAÇÃO FORMAL	18
II.3. MERCADO DE TRABALHO	22
II.4. PROTEÇÃO NA PRECARIIDADE	30
II.5. VIOLÊNCIA(S)	32
JOVENS E A PRÁTICA DE CRIMES REGISTRADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA	32
JOVENS VÍTIMAS	33
III. DO PRESENTE À CONSTRUÇÃO DO FUTURO: O QUE DIZEM AS E OS JOVENS DO CONCELHO SOBRE SI E QUAIS AS SUAS EXPETATIVAS	36
III.1. CONHECIMENTO E ENVOLVIMENTO NOS ODS POR PARTE DOS/AS JOVENS	38
III.2. VIDA SAUDÁVEL – PERCEÇÕES SOBRE O ESTADO DE SAÚDE E PREOCUPAÇÕES	40
PERCEÇÕES DOS/AS JOVENS SOBRE A SUA SAÚDE - UMA AUTOAVALIAÇÃO GLOBALMENTE POSITIVA, DIFERENCIADA EM FUNÇÃO DO GÉNERO	40
A SAÚDE COMO CATEGORIA ESTÉTICA	41
COMPORTAMENTOS ADITIVOS	42
A SAÚDE MENTAL: UMA PREOCUPAÇÃO CRESCENTE	43
IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL	46
III.3. EDUCAÇÃO E PRÁTICAS CULTURAIS E DESPORTIVAS	48
III.3.1. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO	48
COMO É QUE OS/AS JOVENS VEEM O SEU PERCURSO ESCOLAR?	50
ESCOLA – QUE PROBLEMAS E DESAFIOS?	51
PRINCIPAL DESAFIO – LIDAR COM O FATOR PRESSÃO QUE É A ESCOLA	52
III.3.2. USOS DOS TEMPOS LIVRES E PRÁTICAS CULTURAIS E DESPORTIVAS	56
OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS E DESPORTIVOS DO CONCELHO E SUA UTILIZAÇÃO	58
AVALIAÇÃO DO ACESSO À CULTURA, INFORMAÇÃO, E SATISFAÇÃO COM A OFERTA CULTURAL E DESPORTIVA DE OEIRAS	60
III.4. TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PERSPETIVAS DE FUTURO	62
III.4.1. JOVENS E O DESEMPENHO DA ATIVIDADE PROFISSIONAL	62
A ROTATIVIDADE DO TRABALHO JOVEM	64
A IMPORTÂNCIA DA ESCOLARIDADE NA INSERÇÃO PROFISSIONAL	66

ADEQUAÇÃO DAS QUALIFICAÇÕES AO TRABALHO DESEMPENHADO E SATISFAÇÃO PROFISSIONAL	67
SALÁRIOS BAIXOS E O DESGOSTO PELA PROFISSÃO	68
III.4.2. O DESEMPREGO	70
MOTIVOS DO DESEMPREGO	71
III.4.3. PERSPETIVAS DE UM FUTURO PROFISSIONAL	73
III.4.4. E OS IMPACTOS DA COVID-19?	74
III.5. CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS	76
III.5.1. HABITAÇÃO	76
ONDE E COM QUEM VIVE A POPULAÇÃO JOVEM INQUIRIDA NO CONCELHO DE OEIRAS?	77
PREÇOS DA HABITAÇÃO – UM OBSTÁCULO À AUTONOMIA	78
A PRECARIIDADE ECONÓMICA COMO FATOR DE COABITAÇÃO TARDIA DOS/AS JOVENS COM OS PAIS OU FAMILIARES NUMA ÓTICA DE ENTREAJUDA	82
OS/AS JOVENS GOSTAM DA CASA ONDE VIVEM ATUALMENTE?	82
AS PERSPETIVAS DE FUTURO FACE À HABITAÇÃO	84
III.5.2. PARTICIPAÇÃO CÍVICA	85
INFORMAR	86
AUSCULTAR - A POPULAÇÃO JOVEM E A AVALIAÇÃO QUE FAZ DE SE SENTIR OU NÃO OUVIDA	86
PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA	87
PARTICIPAÇÃO SOCIAL – O EXEMPLO DO VOLUNTARIADO	88
A INTEGRAÇÃO DE JOVENS EM INICIATIVAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS	88
III.6. IGUALDADE DE GÉNERO	90
PERCEÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA E SEGURANÇA	91
III.7. JOVENS, FAMÍLIA E RELAÇÕES FAMILIARES	93
FAMÍLIA – QUE PLANOS DE FUTURO?	96
O SENTIMENTO DE FELICIDADE	97
IV. SÍNTESE CONCLUSIVA E PROPOSTAS PARA A AÇÃO	99
EDUCAÇÃO	99
TRABALHO/EMPREGO	99
SAÚDE E BEM-ESTAR	100
HABITAÇÃO	100
USOS DO TEMPO PARA ALÉM DA ESCOLA E DO TRABALHO	101
USO DOS RECURSOS DO CONCELHO	101
RELAÇÕES FAMILIARES	101
VIOLÊNCIA(S) E SENTIMENTOS DE (IN)SEGURANÇA	101
O SENTIMENTO DE FELICIDADE	102
A HETEROGENEIDADE DA JUVENTUDE	102
PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA SAÚDE	104
PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO	104
PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DO TRABALHO/EMPREGO	104
PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA HABITAÇÃO	105
PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA PARTICIPAÇÃO	105
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
ANEXOS	108

ÍNDICE DE GRÁFICOS E TABELAS

Gráfico 1. População residente (v.a.), 2010-2020, Oeiras	12
Gráfico 2. População jovem residente por grupo etário e sexo (v.a.), 2020, Oeiras	13
Gráfico 3. Taxa bruta de natalidade (‰), 2010-2020	13
Gráfico 4. Índice de envelhecimento (v.a.), 2010-2020	14
Gráfico 5. Peso percentual da população estrangeira com estatuto legal de residente no total de população residente (%), 2010-2020	14
Gráfico 6. População estrangeira com estatuto legal de residente por nacionalidade/continentes (%), 2020, Oeiras	15
Gráfico 7. Nados-vivos fora do casamento (%), 2010-2020	16
Gráfico 8. Nados-vivos de mães residentes, fora do casamento sem coabitação dos pais (% sob o total de nascimentos fora do casamento), 2010-2020	17
Gráfico 9. Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário (v.a.), 2010-2020, Oeiras	18
Gráfico 10. Taxa Real de Escolarização no pré-escolar* (%), 2010/11-2019/20, Oeiras	19
Gráfico 11. Taxa de transição/conclusão*, por nível de ensino (%), 2010/11-2019/20, Oeiras	19
Gráfico 12. Taxa de transição/conclusão*, no ensino básico (%), 2010/11-2019/20	20
Gráfico 13. Taxa de retenção e desistência*, no ensino básico e secundário (%), 2010/11-2019/20, Oeiras	20
Gráfico 14. Taxa de retenção e desistência* no ensino básico e secundário, por sexo (%), 2019/2020, Oeiras	21
Gráfico 15. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por nível de escolaridade e sexo (%), 2012 e 2019, Oeiras	22
Gráfico 16. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por profissão e sexo (%), 2019, Oeiras	25
Gráfico 17. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por tipo de contrato e sexo (%), 2019, Oeiras	25
Gráfico 18. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por tipo de contrato (v.a.), 2012-2019, Oeiras	26
Gráfico 19. Ganho médio mensal da população TCO e dos/as jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem nos estabelecimentos (€), 2012-2019, Oeiras	27
Gráfico 20. Diferencial entre o ganho médio mensal da população jovem TCO e o salário mínimo nacional (€), 2012-2019, Oeiras	27
Gráfico 21. Diferencial do ganho médio mensal dos homens trabalhadores/as por conta de outrem (TCO), até aos 30 anos, por comparação às mulheres (€), 2012-2019, Oeiras	28

Gráfico 22. Total de desemprego registado e total em pessoas com menos de 25 anos registadas no Centro de Emprego (v.a.) 2010-2021, Oeiras*	28
Gráfico 23. Peso percentual do desemprego registado de pessoas com menos de 25 anos face ao total de desemprego registado (%), 2010-2021, Oeiras*	29
Gráfico 24. Pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção: Total e com menos de 25 anos (v.a.), 2012-2020, Oeiras	30
Gráfico 25. Beneficiários do Rendimento Social de Inserção com menos de 25 anos no total (%), 2012-2020	31
Gráfico 26. Pessoas suspeitas com menos de 25 anos, identificadas em crimes registados de violência doméstica (v.a.), 2010-2020, Oeiras	32
Gráfico 27. Pessoas lesadas/ofendidas, com menos de 25 anos, identificadas em crimes registados de violência doméstica (v.a.), 2010-2020, Oeiras	33
Gráfico 28. Crianças/jovens acompanhadas/os na CPCJ, por grupo etário (v.a.), 2020, Oeiras	34
Gráfico 29. Crianças/jovens com mais de 10 anos acompanhadas/os na CPCJ, por grupo etário e sexo (%), 2020, Oeiras	34
Gráfico 30. Crianças/jovens acompanhadas/os na CPCJ, por sexo e problemática diagnosticada (%), 2020, Oeiras	35
Gráfico 31. Jovens inquiridos/as que conhecem e estão envolvidos/as em atividades inseridas no âmbito dos ODS, por sexo (%)	38
Gráfico 32. Auto perceção dos/as jovens sobre a sua saúde, por sexo (%)	41
Gráfico 33. Jovens que afirmam ter alguém próximo que já mostrou preocupação com alguns dos seus comportamentos, por sexo (%)	42
Gráfico 34. Preocupações dos/as jovens face ao futuro em questões de saúde, por sexo (%)	44
Gráfico 35. Consequências da COVID-19 identificadas pelos/as jovens, por sexo (%)	46
Gráfico 36. Jovens inquiridos/as que se encontram a frequentar a escola, ação de formação ou universidade, por sexo (%)	49
Gráfico 37. Jovens inquiridos/as segundo o nível de escolaridade já completado, por sexo (%)	49
Gráfico 38. Jovens inquiridos/as segundo o nível de escolaridade até onde gostariam de ter estudado/pretende alcançar, por sexo (%)	50
Gráfico 39. Jovens inquiridos/as segundo o tipo de problemas sentidos na escola, na formação ou na universidade, por sexo (%)	52
Gráfico 40. Jovens inquiridos/as segundo os principais desafios sentidos relativamente à educação/formação, por sexo (%)	54
Gráfico 41. Jovens inquiridos/as segundo as práticas que realizam diariamente, por sexo (%)	56
Gráfico 42. Jovens inquiridos/as segundo as práticas que nunca realizam, por sexo (%)	57
Gráfico 43. Jovens inquiridos/as que nunca frequentam os equipamentos do concelho, por sexo (%)	58

Gráfico 44. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado, por sexo e grupo etário (%)	62
Gráfico 45. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado, por nível de escolaridade e sexo (%)	63
Gráfico 46. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado, segundo a situação na profissão, por sexo (%)	64
Gráfico 47. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo o tipo de contrato, por sexo (%)	65
Gráfico 48. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo a adequação das qualificações ao mesmo, por sexo (%)	67
Gráfico 49. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo a satisfação com o trabalho, por sexo (%)	67
Gráfico 50. Razões apontadas pelos/as jovens inquiridos/as com trabalho remunerado para a não satisfação com o atual trabalho, por sexo (%)	68
Gráfico 51. Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo a facilidade em fazer face às despesas habituais, por sexo (%)	70
Gráfico 52. Jovens inquiridos/as sem trabalho remunerado, segundo o motivo da situação de desemprego, por sexo (%)	72
Gráfico 53. Jovens inquiridos/as segundo os projetos profissionais para o futuro, por sexo (%)	73
Gráfico 54. Jovens inquiridos/as segundo o tipo de consequências existentes/emergentes decorrentes da pandemia/Estados de emergência (%)	75
Gráfico 55. Jovens inquiridos que ainda vivem em casa de familiares, por idade (%)	77
Gráfico 56. Jovens inquiridos que já não vivem em casa de familiares, por idade (%)	77
Gráfico 57. Jovens inquiridos/as, segundo as principais dificuldades sentidas para uma pessoa jovem ter uma casa sua, por sexo (%)	78
Gráfico 58. Jovens inquiridos/as segundo as razões para não gostar da casa, por sexo, (%)	83
Gráfico 59. Jovens inquiridos/as que não conhecem nem estão envolvidos/as em atividades/projetos da Câmara Municipal de Oeiras, por tipologia e local de residência (%)	89
Gráfico 60. Jovens inquiridos/as segundo a avaliação das relações familiares, por sexo (%)	93
Gráfico 61. Jovens inquiridos/as segundo o tempo que têm para estar em família, por sexo (%)	94
Gráfico 62. Jovens inquiridos/as segundo a avaliação da existência de alguém na sua família com quem possam falar dos seus problemas e perspetivas de futuro (%)	95
Gráfico 63. Jovens inquiridos/as, segundo os seus projetos futuros, por sexo (%)	96
Tabela 1. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por CAE do estabelecimento e sexo (%), 2019, Oeiras	23
Tabela 2. Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por CAE do estabelecimento e variação %, 2012-2019, Oeiras	24

INTRODUÇÃO

O presente estudo resulta de um concurso lançado pela Câmara Municipal de Oeiras tendo em vista a necessidade de fundamentar um plano estratégico para a área da juventude da Câmara Municipal de Oeiras.

Tendo em conta a natureza e abrangência dos programas dirigidos a pessoas jovens no concelho de Oeiras foi-nos solicitado que o estudo abrangesse as pessoas com idades compreendidas entre os 13 e os 30 anos de idade.

Ainda que não exista uma definição universalmente aceite relativa ao grupo etário que, de certo modo, pode balizar a juventude, usa-se com frequência, e sobretudo para fins estatísticos, o grupo etário compreendido entre os 15 e os 24 anos.¹

Mesmo no grupo mais restrito dos 15 aos 24 anos se coloca a coexistência de estatutos legais distintos. Ou seja, sem se colocar em dúvida a sua condição de cidadania de quem se enquadra nas faixas até aos 18 anos de idade, é de notar que estas são pessoas que não atingiram ainda a “maioridade”. Aos olhos da Convenção sobre os Direitos da Criança, e da legislação nacional, elas são ainda “crianças”, o que significa, nomeadamente, que têm direito a uma proteção específica de natureza mais transversal. A partir dos 18 anos, em Portugal, as pessoas passam a receber tratamento igual perante a lei² e alargam-se os seus direitos civis e políticos (passam, por exemplo, a ter direito a voto).

Esta referência enuncia que, se algum consenso pode ser estabelecido em torno do conceito de juventude, é a complexidade da sua própria definição.

Em primeiro lugar, se ser jovem se pode definir pela pertença a um conjunto de pessoas que se enquadram numa determinada faixa etária, os limites etários que estabelecem a juventude são flexíveis e flutuantes. Por exemplo, no recente estudo empírico levado a cabo a nível nacional pela Fundação Francisco Manuel dos Santos (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021), foi considerado o grupo entre os 15 e os 34 anos.

Aliás, uma das tendências mais recentes da juventude é o alargamento dos seus limites etários, o que acrescenta à juventude novas dimensões. Neste sentido, a juventude é, pois, muito mais do que uma categoria biológica, devendo ser vista como uma condição social que tem vindo a ser (re)construída e transformada ao longo do tempo, onde se inclui a tal fluidez dos limites de idade que podem apoiar a definição de juventude.

Por outro lado, se a pertença a uma determinada faixa etária é algo que pode ser entendido como um traço comum a um grupo de pessoas, a juventude é, na verdade, uma realidade diversificada e heterogénea que integra culturas distintas as quais se constituem em função de diferentes heranças sociais e de diferentes estatutos económicos.

Estudos dos anos 80 salientaram a perspetiva da juventude como uma fase de transição para a vida adulta onde se cruzam diferentes processos: saída da escola e entrada no mercado de trabalho; saída de casa da família de origem; constituição de família própria; enfim, passagem de uma vida mais ou menos dependente

¹ Esta é, por exemplo a definição usada pela Organização das Nações Unidas.

² Segundo condições especiais, a Lei de Proteção de Crianças e Jovens em Perigo alarga o seu âmbito de intervenção até aos 21 ou 25 anos. Artigo 5º definições: “Criança ou jovem - a pessoa com menos de 18 anos ou a pessoa com menos de 21 anos que solicite a continuação da intervenção iniciada antes de atingir os 18 anos, e ainda a pessoa até aos 25 anos sempre que existam, e apenas enquanto durem, processos educativos ou de formação profissional”.

da família para uma vida independente (Vd Guerreiro, Abrantes e Pereira, 2007; Pais, Bendit e Ferreira, 2011; Vieira, 2016). Estes processos conheceram alguma concomitância no passado mas o prolongamento da escolaridade obrigatória, transformações no mercado de trabalho, diferentes perspetivas sobre a família, o casamento e a parentalidade introduziram descoincidências nestes processos fazendo com que não haja propriamente um padrão de transição mas com que cada uma dessas etapas possa acontecer em diferentes momentos da vida dos indivíduos, em função de condições estruturais e opções individuais.

Importa ainda não ignorar as relações de interdependência entre as diferentes etapas de transição para a vida adulta, facto que hoje se torna particularmente evidente com as dificuldades de entrada/permanência dos/as jovens no mercado de trabalho e suas consequências ao nível do adiamento da saída de casa da família de origem. Este aspeto, conjugado com o preço das habitações, foi particularmente referido pelos jovens, rapazes e raparigas, envolvidos/as neste estudo, como um dos maiores obstáculos sentidos para se alcançar uma vida independente.

Aliás, se a juventude foi tida (e continuará a ser em certos meios) como protagonista de comportamentos entendidos como problemáticos ou disruptivos, as pessoas jovens são hoje consideradas como particularmente vulneráveis a condições sociais, como por exemplo o desemprego e/ou o emprego precário, que podem dificultar a sua passagem para a vida adulta e, como tal, prolongar os limites que contribuem para estabelecer o que é ser jovem.

O presente estudo procura, pois, compreender como se processa essa passagem para a vida adulta e como enfrentam as pessoas jovens as dificuldades que lhes são colocadas neste processo; procura ainda conhecer que heterogeneidades compõem a juventude do concelho de Oeiras.

Ao falar de juventude é incontornável uma referência não só ao presente como ao futuro. Conceber a juventude como um processo de passagem para a vida adulta é perceber esta fase da vida como um momento de preparação da vida futura, onde se cruzam futuros individuais e coletivos. “As pesquisas sobre os jovens permitem, na verdade, perspetivar as mudanças sociais que se prefiguram e uma melhor compreensão das características do mundo contemporâneo. Os comportamentos e atitudes das gerações mais jovens constituem um barómetro suscetível de antecipar o que podem ser as configurações societárias futuras” (Guerreiro M. Dores, Abrantes, P. e Pereira, I., 2007:239).

Neste contexto, as pessoas jovens podem ser percebidas como agentes de mudança, a quem cabe realizar o seu próprio potencial e construir uma sociedade mais adequada às exigências da sua própria geração sendo, por isso, fundamental conhecer as suas expetativas e projetos de futuro.

Tendo estes aspetos em consideração, o presente documento estrutura-se em três grandes componentes. Uma primeira onde se faz uma breve caracterização da juventude do concelho de Oeiras, tendo por base um conjunto de informação estatística, recolhida em função da identificação prévia de indicadores que cobrem vários temas. A partir da informação disponível foi possível comparar, em alguns indicadores, a situação do concelho com a da área metropolitana em que o concelho se insere e com o país. Numa segunda parte explora-se a informação diretamente cedida pelos/as jovens do concelho, através da sua resposta ao questionário especificamente lançado para o efeito, das entrevistas realizadas e da sua participação em *workshops* temáticos.³ Esta informação foi organizada em torno dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. O documento termina com uma síntese conclusiva e com as propostas apresentadas pelos/as jovens em várias áreas.

3 Ver capítulo sobre metodologia.

I. METODOLOGIA

O presente estudo contou com três metodologias distintas de recolha de informação: recolha e análise documental; questionário *on-line* e recolha de informação qualitativa que se concretizou através da realização de entrevistas e da dinamização de *workshops* de discussão.

i) Recolha e análise documental

Para além de uma pesquisa bibliográfica foi feita uma recolha dos indicadores estatísticos que permitem caracterizar genericamente a população jovem que reside, trabalha e/ou estuda no concelho de Oeiras. De acordo com a grelha apresentada e discutida com a equipa da Câmara Municipal de Oeiras os indicadores dizem respeito às seguintes áreas: Demografia e famílias; Educação; Emprego; Proteção Social; Saúde; Segurança.

ii) Questionário *online*

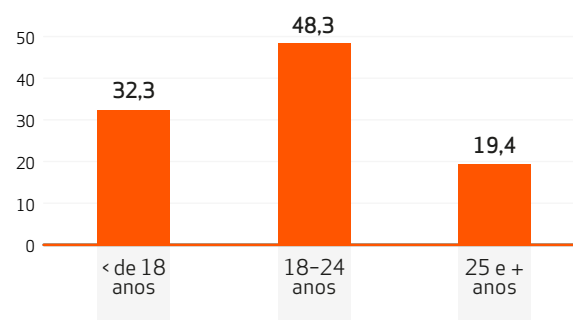
Foi desenhado e testado um questionário de autoaplicação dirigido à população jovem do concelho com idades compreendidas entre os 13 e os 30 anos de idade. Versões preliminares do questionário foram discutidas com elementos da Câmara Municipal de Oeiras para que da forma o mais eficaz possível fossem atingidos os objetivos do estudo. O questionário foi maioritariamente composto por perguntas fechadas havendo, no entanto, espaço para comentários e apresentação de propostas. O questionário ficou disponível na plataforma Google de forma a ser acedido *on-line* (ver anexo 1).

O período de aplicação do questionário decorreu entre junho e novembro de 2021. A disseminação do mesmo ficou a cargo da Câmara Municipal de Oeiras. Semanalmente era fornecida à Câmara Municipal de Oeiras o ponto de situação relativamente ao número de respostas e a algumas características das pessoas respondentes para que fosse possível o máximo de aproximação às características das pessoas jovens residentes no concelho em termos de sexo, idade, freguesia de residência e situação na profissão.

Estava inicialmente previsto a obtenção de 2 500 questionários com uma distribuição equitativa entre sexos. No total foram obtidas 2 233 respostas válidas das quais 60,4% por parte de jovens do sexo feminino e 39,6% por parte de jovens do sexo masculino.

A distribuição por idades é a que consta na figura em baixo, revelando-se uma tendência para uma menor participação, do que o esperado (30%), por parte de jovens das faixas etárias mais elevadas.

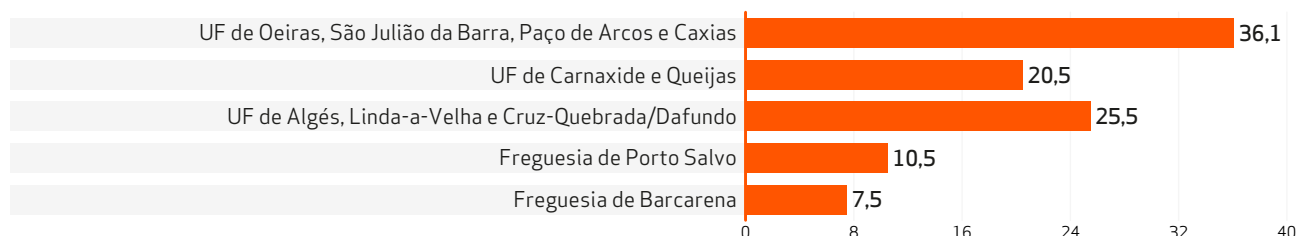
Jovens respondentes por grupos etários (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Quanto à distribuição geográfica das respostas ela surge equilibrada, tendo em conta a percentagem de população jovem a residir em cada uma das uniões de freguesia.

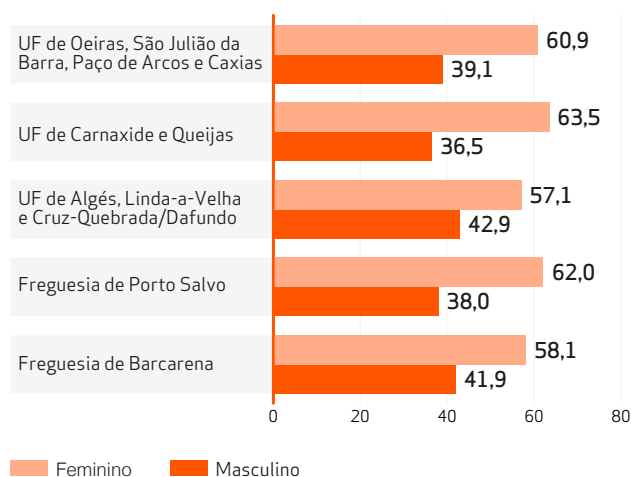
Jovens respondentes segundo a freguesia de residência (%)



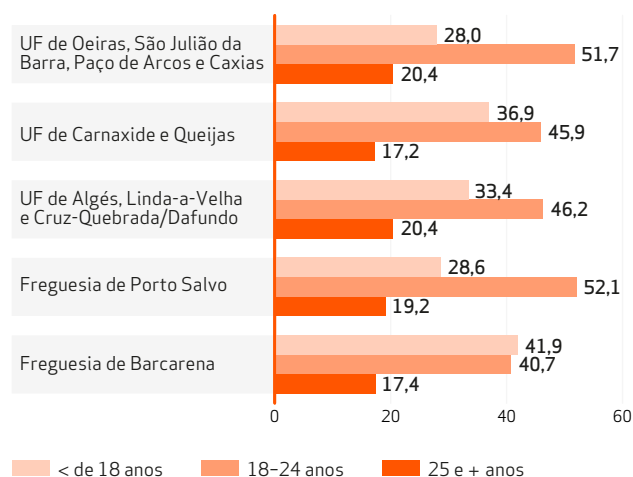
Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Cruzando a distribuição pelo território dos/as jovens respondentes por sexo e idade, verifica-se que as freguesias onde se conseguiu um maior equilíbrio da representação de ambos os sexos são a União de Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada/Dafundo e a Freguesia de Barcarena. Por outro lado, as/os participantes no processo de inquirição residentes na Freguesia de Barcarena e na União de Freguesias de Carnaxide e Queijas apresentam um estrutura etária mais nova, enquanto o grupo de respondentes da Freguesia de Porto Salvo e da União de Freguesias de Oeiras, São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias se revelam um pouco mais velhos do que a totalidade das pessoas jovens que responderam ao questionário.

Jovens respondentes por sexo, nas diferentes freguesias (%)



Jovens respondentes por grupos etários, nas diferentes freguesias (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

iii) Entrevistas a jovens

No que se refere às entrevistas, a Câmara Municipal de Oeiras facilitou a realização de duas entrevistas, através da identificação de duas pessoas que se mostraram disponíveis para tal. A identificação das restantes pessoas entrevistadas ficou a cargo da equipa do CESIS, tendo sido, sobretudo, utilizado o método de bola-de-neve (ver guião de entrevista no anexo 2).

No total foram realizadas 12 entrevistas a jovens (o total previsto), com igual representação para ambos os sexos (6 cada), de diferentes idades (entre os 18 e os 30 anos) e em situações distintas: jovens que vivem em habitação própria (3); em casa de familiares, geralmente dos pais (9); 3 jovens estudantes; 2 trabalhadores/as-estudantes; 4 que se encontram a trabalhar; 1 jovem que nem trabalha, nem estuda. Uma das jovens é de nacionalidade brasileira; as restantes pessoas entrevistadas são portuguesas.

iv) Realização de *workshops* de discussão

Os *workshops* de discussão constituíram-se como uma forma complementar de obter informação junto de jovens possibilitando também uma devolução dos primeiros resultados obtidos com o questionário e uma discussão e reflexão coletiva em torno dos mesmos. Foram realizados 10 *workshops* que contaram com a participação de jovens (42) e de profissionais (28) do concelho.

Nestes *workshops*, cada um orientado por um tema, juntaram-se jovens residentes no concelho e profissionais com intervenção no mesmo, quase numa lógica de “encontros improváveis”. Este processo de auscultação foi saudado como sendo algo que faz com que as pessoas jovens se sintam ouvidas, os seus sonhos acolhidos e as suas angústias projetadas, fazendo eco em órgãos de tomada de decisão da vida política, formal, ao nível local.

A metodologia de trabalho utilizada pode ser sintetizada da seguinte forma:



II. O QUE DIZEM OS NÚMEROS SOBRE A POPULAÇÃO JOVEM DO CONCELHO DE OEIRAS

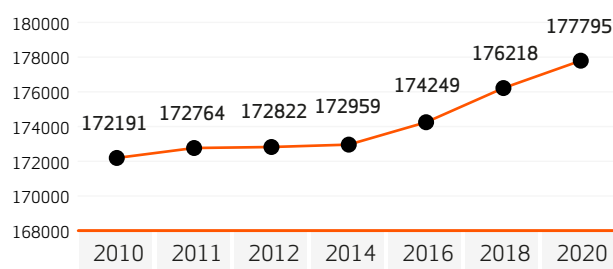
II.1. ASPETOS DEMOGRÁFICOS

O município de Oeiras constitui-se como um dos 18 municípios que compõem a Área Metropolitana de Lisboa (AML). Está inserido no distrito de Lisboa, com uma área de apenas 46 km², sendo composto por cinco freguesias: União de freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz Quebrada-Dafundo; União de Freguesias de Oeiras, S. Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias; União de Freguesias de Carnaxide e Queijas; Barcarena e Porto Salvo.

Em 2021, segundo dados preliminares dos Censos, o concelho de Oeiras apresentava um total de 171 802 habitantes: 79 644 homens (46,4%) e 92 158 mulheres (53,6%). Este total de habitantes reflete um pequeno decréscimo de -0,2%, face a 2011, o que inclui Oeiras nos quatro municípios da AML que perderam população entre os dois momentos censitários.

Este decréscimo pode ser uma situação pontual ou corresponder a uma inversão da tendência que se fez sentir na década anterior. Com efeito, entre 2010 e 2020 as estimativas da população residente dão conta de um crescimento populacional contínuo chegando a atingir, em 2020, cerca de 178 mil pessoas.

Gráfico 1.
População residente (v.a.),
2010-2020, Oeiras

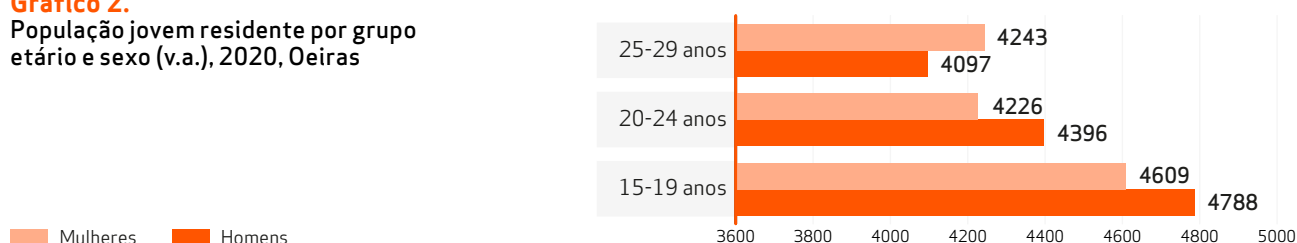


Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente.

Ainda que não haja coincidência entre os grupos etários de referência para a realização do presente estudo (13 – 30 anos), dados ainda provisórios do Censos de 2021 apontam para um total de 17 900 jovens, com idades entre os 15 e os 24 anos, a residir no concelho de Oeiras, o que significa pouco mais de 10% do total de pessoas residentes. Se estes números se confirmarem, eles significam uma diminuição de efetivos jovens com a correspondente diminuição do seu peso percentual no total da população do concelho já que, em 2020, as estimativas demográficas apontavam para um total de 18 019 jovens, do mesmo grupo etário, ainda que representassem igualmente 10% da população do concelho.

Continuando a considerar os dados das estatísticas demográficas para 2020, o total de pessoas jovens entre os 15-29 anos, distribuem-se pelos diferentes grupos etários, e por sexo, como se pode verificar no gráfico seguinte.

Gráfico 2.
População jovem residente por grupo
etário e sexo (v.a.), 2020, Oeiras

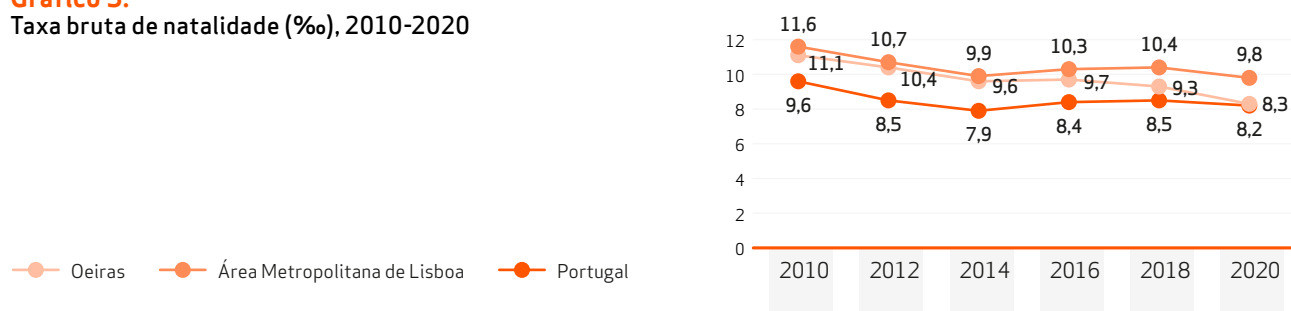


Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente.

A faixa dos 15 aos 19 anos é a que inclui um maior número de pessoas (9 397). Por outro lado, na faixa dos 25 aos 29 anos, e como esperado, a percentagem de rapazes (49%) começa a ser inferior à de raparigas (51%).

Para melhor compreender as dinâmicas demográficas do concelho há que olhar as taxas de natalidade que, como no país, em geral, têm também decrescido. Assim, a taxa bruta de natalidade passa de 11,1‰ em 2010 (valor próximo do registado na AML e superior ao do total do país) para 8,3‰ em 2020.

Gráfico 3.
Taxa bruta de natalidade (‰), 2010-2020



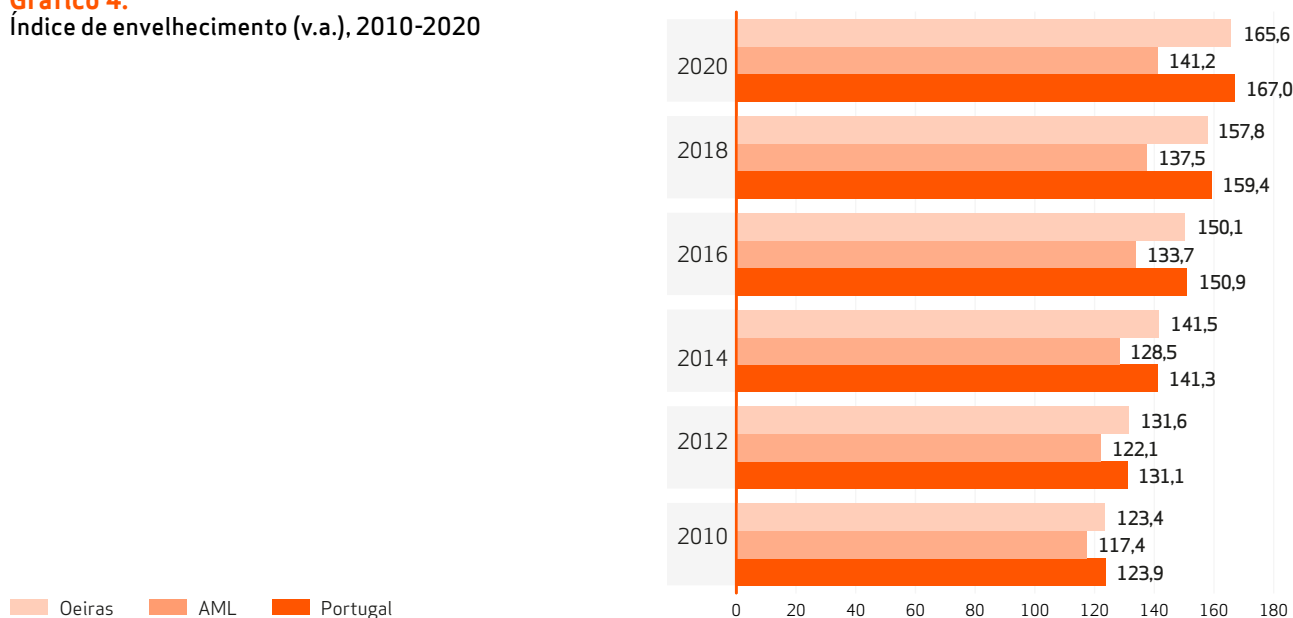
Fonte: INE, Indicadores demográficos.

As alterações que se fazem sentir ao nível da taxa de natalidade têm, naturalmente, reflexo no número de crianças residentes no concelho. Com efeito, na última década, verificou-se um decréscimo no número de crianças residentes com menos de 10 anos (- 1 514), o que irá ter os seus impactos a curto prazo no número de pessoas jovens.

Importa não esquecer que a diminuição das taxas de natalidade acontece a par do aumento da esperança de vida e consequente aumento do número de pessoas idosas, dando origem ao envelhecimento da população. Um dos indicadores deste processo é o índice de envelhecimento.

Em 2020, por cada 100 jovens no concelho de Oeiras existiam um pouco mais de 165 pessoas idosas; em 2010 esse valor era de 123 idosos. A evolução deste índice no concelho acompanha as tendências do país e da AML, no entanto os valores apresentados estão mais próximos dos valores para Portugal do que dos valores do índice de envelhecimento da área metropolitana onde o concelho de insere.

Gráfico 4.
Índice de envelhecimento (v.a.), 2010-2020



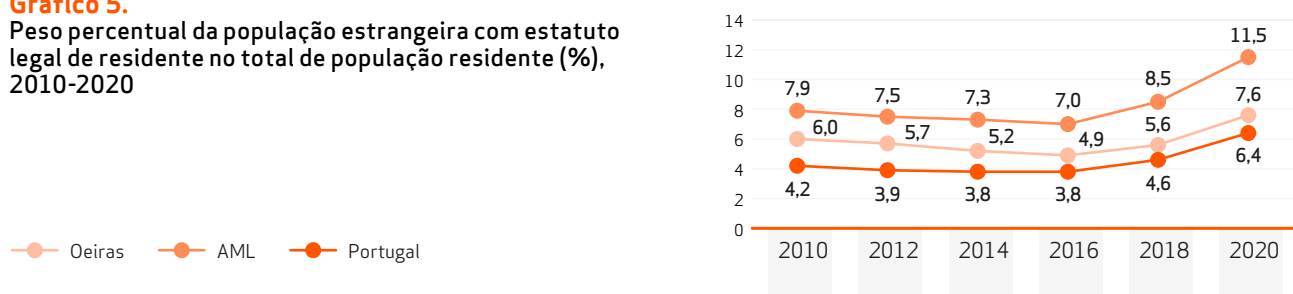
Fonte: INE, Estimativas anuais da população residente

DINÂMICAS MIGRATÓRIAS

Nos tempos atuais não é possível compreender as dinâmicas demográficas de um concelho sem equacionar a componente migratória pois as migrações têm impacto no volume de população e na sua estrutura etária e composição.

Na última década, a presença de população estrangeira com estatuto legal de residência no concelho de Oeiras teve uma evolução muito semelhante ao verificado no país e na AML. No entanto, a percentagem desta população no total de residentes apresenta-se mais elevado do que no país mas mais baixa do que na área metropolitana. Por outro lado, entre 2018 e 2020, o ritmo de crescimento de pessoas estrangeiras no concelho foi menor do que o verificado na AML: no concelho a percentagem passou de 5,6% para 7,6% (+ 2pp); na AML a percentagem era 8,5%, em 2018, e de 11,5%, em 2020, o que significa um aumento de 3pp. Estes números significam que Oeiras é o concelho com menor percentagem de pessoas estrangeiras no conjunto de concelhos que são seus limítrofes (Lisboa, Amadora e Cascais).

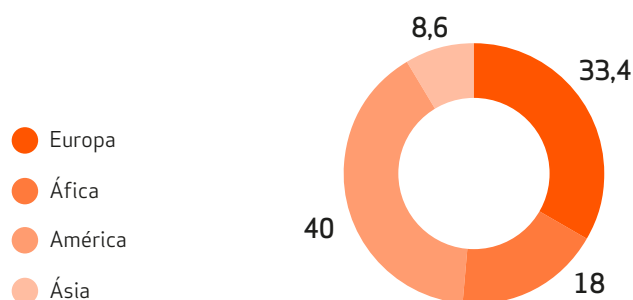
Gráfico 5.
Peso percentual da população estrangeira com estatuto legal de residente no total de população residente (%), 2010-2020



Fonte: PORDATA, INE | SEF/MAI - População Estrangeira com Estatuto Legal de Residente

Em termos absolutos, em 2020, o total de pessoas estrangeiras com estatuto legal de residência em Oeiras eram de 13 485. A maior parte destas pessoas são originárias de países do continente americano (40%), muito em particular do Brasil, e de países europeus (33%). Por outro lado, e ao contrário do que acontece, por exemplo no concelho vizinho de Lisboa, há uma maior presença de população do sexo feminino (53%).

Gráfico 6.
População estrangeira com estatuto legal
de residente por nacionalidade/continentes (%),
2020, Oeiras



Fonte: PORDATA, INE | SEF/MAI - População Estrangeira com Estatuto Legal de Residente

Ainda que não haja informação sobre a estrutura etária da população imigrante para o concelho saber-se que a “estrutura demográfica da população estrangeira residente em Portugal contrasta significativamente com a estrutura da população portuguesa: desde logo, os estrangeiros mostram uma grande concentração nas idades ativas, entre os 20-49 anos (60,6% em 2019, +1pp que em 2018), o que não se verifica na população de nacionalidade portuguesa que regista percentagens mais baixas no mesmo intervalo de idades (36,6%, representando -0,5% que no ano anterior)” (Oliveira, Catarina Reis., 2021:70)

Tomando como referência a última década (2010 – 2020), no concelho de Oeiras, o saldo natural⁴ torna-se negativo em 2019, assumindo o valor de -361 pessoas, em 2020. Este desequilíbrio é, no entanto, compensado por um saldo migratório⁵ positivo de + 748 pessoas. Por outro lado, tendo em conta que as pessoas imigrantes são, em geral, pessoas mais jovens, em idade ativa e fértil a sua entrada permite, também no concelho, atenuar a dinâmica de envelhecimento da população.

Importa aqui notar que as migrações são também uma componente principal de mudança das populações acrescentando diversidade às pessoas, à cultura e às línguas em que se expressam. No entanto, a informação anteriormente apresentada é limitada na compreensão da diversidade da população residente em Oeiras e dos universos onde crescem e se socializam as pessoas jovens do concelho.

Assim, tendo em conta que a nacionalidade é o critério estatístico para estimar a dimensão da população imigrante, ele permite apenas uma aproximação à realidade pois ignora o facto de haver pessoas com nacionalidade estrangeira que já nasceram em Portugal, e nomeadamente no concelho de Oeiras, e não têm qualquer experiência migratória, pois herdaram a nacionalidade de origem da sua família, bem como todo um conjunto de referências culturais distintas. Por outro lado, verifica-se que os dados acerca de indivíduos com nacionalidade estrangeira podem excluir imigrantes de facto que adquiriram, entretanto, a nacionalidade portuguesa.

⁴ Diferença entre o número de nascimentos e o número de mortos.

⁵ Diferença entre o número de imigrantes (entradas) e o número de emigrantes (saídas).

FAMÍLIAS E NATALIDADE

Várias são as autoras⁶ que têm estudado as mudanças que têm corrido nas famílias em Portugal, ao nível da sua composição e dimensão e da sua própria função. Face ao modelo tradicional, a família nuclear moderna terá “perdido funções produtivas e educativas, estas últimas partilhadas com a escola, e adquirido novas funções, no plano emocional-afectivo e do desenvolvimento da personalidade da criança” (Guerreiro, M. Dores, Torres A. e Lobo, C., 2007: 8).

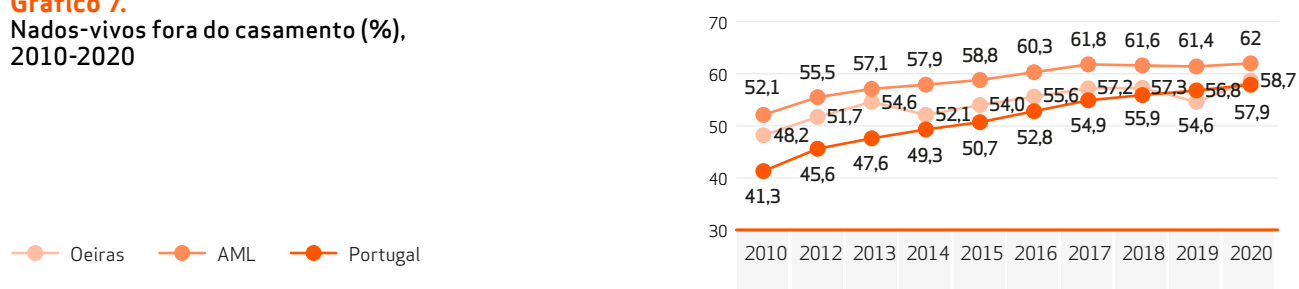
Por outro lado, a partir do terceiro quartel do século XX os estudos identificam transformações ao nível dos projetos de conjugalidade e novas estratégias procriativas, “geradoras de uma redução significativa da natalidade e associadas a novos significados em torno da parentalidade” (Guerreiro, 2007: 8).

Algumas dessas mudanças são visíveis nos dados disponíveis sobre o concelho de Oeiras.

Assim, cabe salientar o aumento do número de nados-vivos fora do casamento. Seguindo, uma vez mais, as mesmas tendências no país e na AML, a percentagem de nados-vivos fora do casamento tem aumentado no concelho e, em 2020, representam 58,7% do total de nascimentos, percentagem que é um pouco inferior à AML mas um pouco superior à do país.

Este é um elemento que expressa a inversão de processos de passagem para a idade adulta que, em gerações anteriores, priorizava o casamento como condição para a maternidade/ paternidade. Esta dessincronização entre parentalidade e casamento tem também subjacente uma valorização da afetividade, em detrimento da institucionalização do casamento.

Gráfico 7.
Nados-vivos fora do casamento (%),
2010-2020



Fonte: PORDATA (INE - Estatísticas de Nados-Vivos)

Outros dados, como o dos nados-vivos fora do casamento sem coabitação de pai e mãe, indicam novos modos de vida em família com inequívocas consequências no próprio processo de socialização das crianças e jovens. Com efeito, a percentagem de nascimentos fora do casamento sem haver coabitação dos progenitores tem vindo a aumentar ao longo dos anos. No concelho de Oeiras o aumento não é tão expressivo como no país e na AML e a percentagem apresenta algumas oscilações ao longo da década. Em 2020, a percentagem de nados-vivos fora do casamento sem a coabitação dos pais é de 29,4%.

⁶ (Ver, entre outras: Karin Wall, 2006; Guerreiro, Maria das Dores, 2005; Aboim, Sofia, 2005).

Gráfico 8.
Nados-vivos de mães residentes, fora do casamento
sem coabitação dos pais (% sob o total de nascimentos
fora do casamento), 2010-2020



Fonte: INE - Estatísticas de Nados-Vivos

Ao falar de natalidade há que fazer referência ao indicador relativo à taxa de fecundidade na adolescência. Esta taxa dá conta do número de nados vivos em raparigas adolescentes (menos de 20 anos), por cada 1000 jovens entre os 15 e os 19 anos. Aquilo que é possível verificar relativamente ao concelho de Oeiras é que esta taxa se tem mantido ao longo dos anos abaixo dos valores registados, quer a nível nacional, quer na AML.

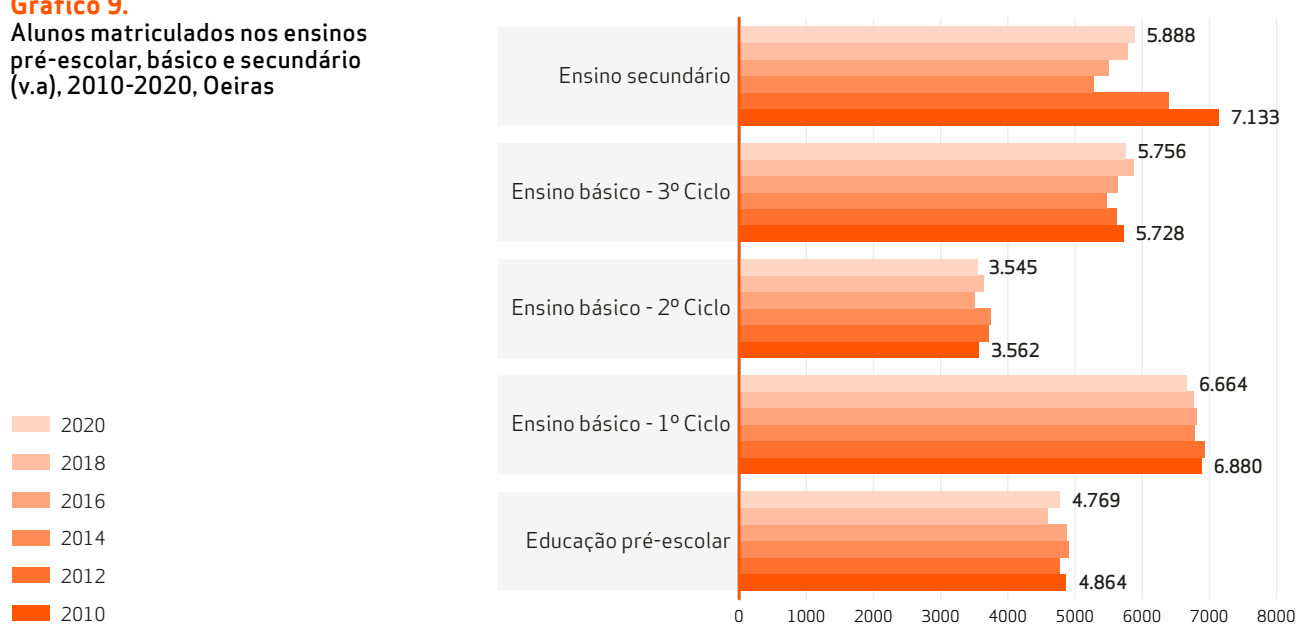
Outro aspeto é o facto de se registar um decréscimo contínuo nos valores registados no que se refere às três áreas geográficas, ainda que o concelho de Oeiras registre algumas oscilações ao longo dos anos. Relacionado com a diferença de valores que se denota entre estas áreas, poderão estar fatores relacionados com características do próprio concelho de Oeiras que se distingue por ser um dos concelhos com maior poder de compra da AML (156,53 em 2017, apenas abaixo do valor registado para o concelho de Lisboa). Por outro lado, a realidade social das pessoas residentes neste concelho difere em larga medida das realidades de outros concelhos. Em muitas situações as jovens mães são originárias de famílias carenciadas e vulneráveis, situações essas que marcam de forma muito evidente alguns concelhos da AML, não acontecendo o mesmo com a mesma intensidade relativamente ao concelho de Oeiras.

II.2. JOVENS E EDUCAÇÃO FORMAL

A rede de educação e ensino de Oeiras integrava, em 2020, um total de 26 622 alunos/as matriculados/as na educação pré-escolar e nos ensinos básico e secundário. Destes alunos/as cerca de 25% frequentavam a rede privada (maioritariamente ao nível da educação pré-escolar e do 1º Ciclo do ensino básico).⁷

O número de alunos/as matriculados/as nos diferentes anos de ensino têm-se mantido relativamente estável, principalmente no que se refere à educação pré-escolar e aos ensinos básico e secundário. Já o ensino secundário apresenta uma maior variação, com uma descida considerável no número de matrículas entre os anos de 2012 e 2014. A partir deste último ano o número de alunos/as matriculados/as aumenta gradualmente, ainda que em 2019 apresente valores inferiores aos registados em 2012. Importa referir que esta é uma questão que não pode deixar de estar relacionada com a evolução da população residente e, nesse contexto, com o processo de envelhecimento na base da pirâmide etária.

Gráfico 9.
Alunos matriculados nos ensinos
pré-escolar, básico e secundário
(v.a), 2010-2020, Oeiras



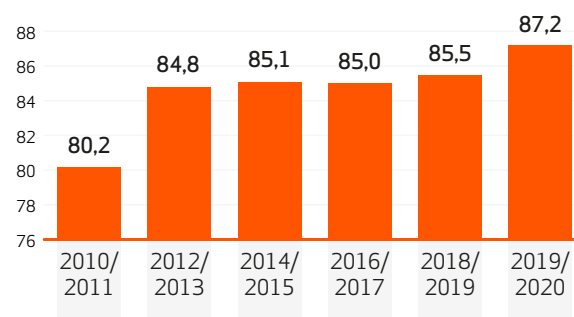
Fonte: PORDATA - DGEEC/ME-MCTES - Recenseamento Escolar

A Estratégia Europa 2020 estabelece como meta que, pelo menos 95% das crianças entre os 4 anos e a idade do início do ensino básico, deveriam frequentar a educação pré-escolar no ano de 2020.

Tomando como indicador a taxa real de pré-escolarização que diz respeito à percentagem de alunos/as inscritos/as na educação pré-escolar, em idade ideal de frequência, face à população do mesmo nível etário, verifica-se que, ao longo da década do século XXI, esta taxa sofreu a nível nacional, algumas oscilações, atingindo em 2019/2020 o valor mais elevado da década – 92,8%.

⁷ Esta percentagem é semelhante à da AML mas mais elevada do que a do país (20%).

Gráfico 10.
Taxa Real de Escolarização no pré-escolar*
(%), 2010/11-2019/20, Oeiras



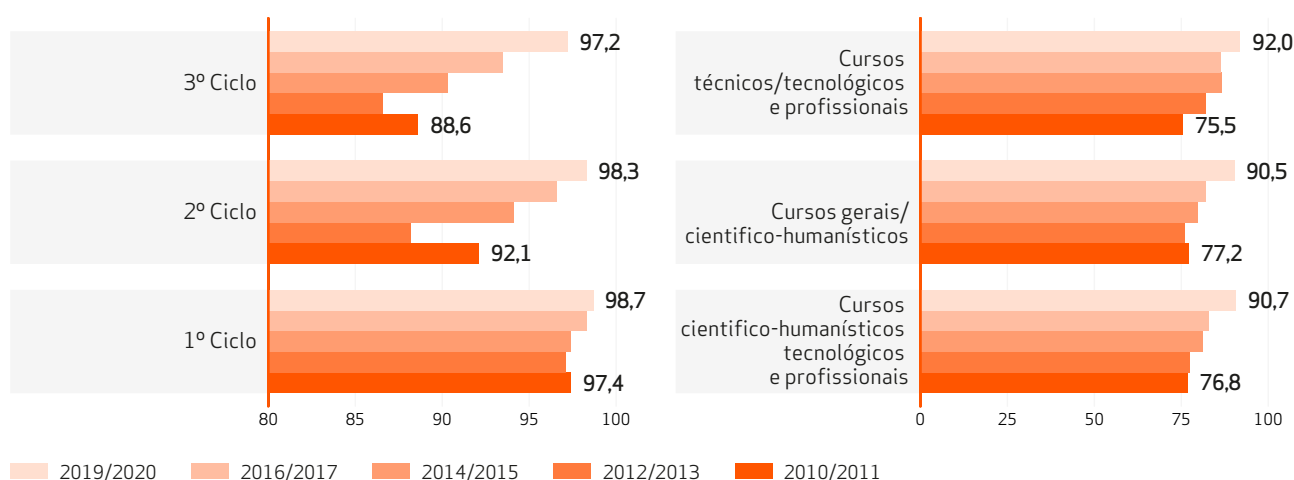
Fonte: DGEEC.

*Alunos matriculados no nível ou ciclo x em idade normal de frequência / População residente com idade normal de frequência do nível ou ciclo x 100

No concelho de Oeiras o aumento da taxa de pré-escolarização tem sido constante mas, em 2019/2020, a meta anteriormente referida ainda está por cumprir, embora o concelho registre uma taxa real de pré-escolarização superior à registada na AML (82,9%).

Outro elemento importante de compreensão do acesso à educação e, mais do que isso, do acesso ao sucesso educativo, são as taxas de transição/conclusão e as suas complementares taxas de retenção/desistência. A este nível, tem havido no concelho de Oeiras, uma evolução muito positiva ao longo dos anos considerados, sendo que, no ano letivo de 2019/2020, as taxas de transição/conclusão no ensino básico apresentam os valores máximos de 97,2% no 3º ciclo; 98,3% no 2º ciclo e 98,7% no 1º ciclo. No ensino secundário as taxas variam consoante a área dos cursos mas, no último ano para o qual há informação disponível, as taxas de transição/conclusão situam-se acima dos 90% nas duas áreas, com os cursos técnicos/tecnológicos e profissionais a apresentarem o melhor desempenho (92%).

Gráfico 11.
Taxa de transição/conclusão*, por nível de ensino (%),
2010/11-2019/20, Oeiras



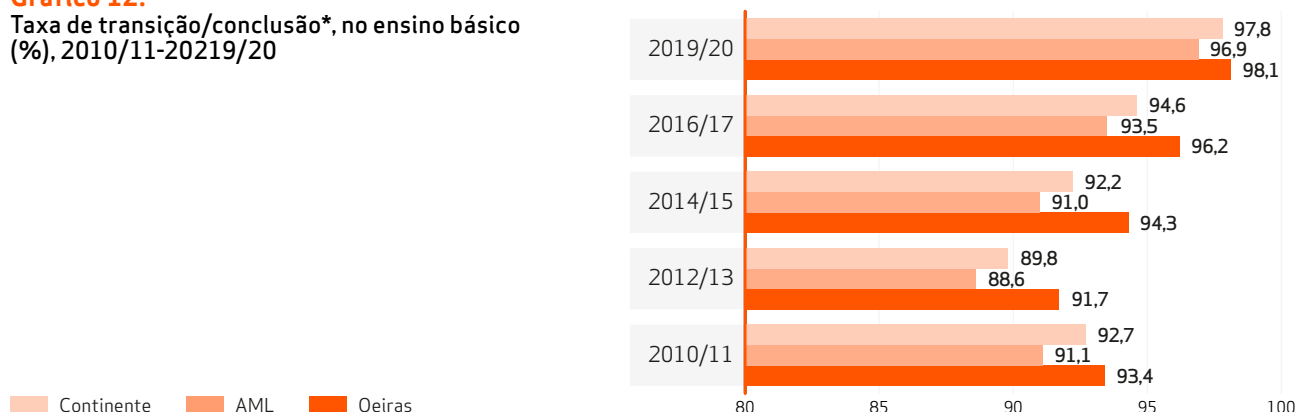
Fonte: DGEEC

*Alunos que podem transitar para o ano de escolaridade x+1/ Alunos matriculados no ano x *100

Quando comparado com a AML e o Continente, o concelho de Oeiras em todos os anos letivos, à exceção de 2008/2009, apresenta taxas de transição/conclusão superiores.

Gráfico 12.

Taxa de transição/conclusão*, no ensino básico (%), 2010/11-2019/20



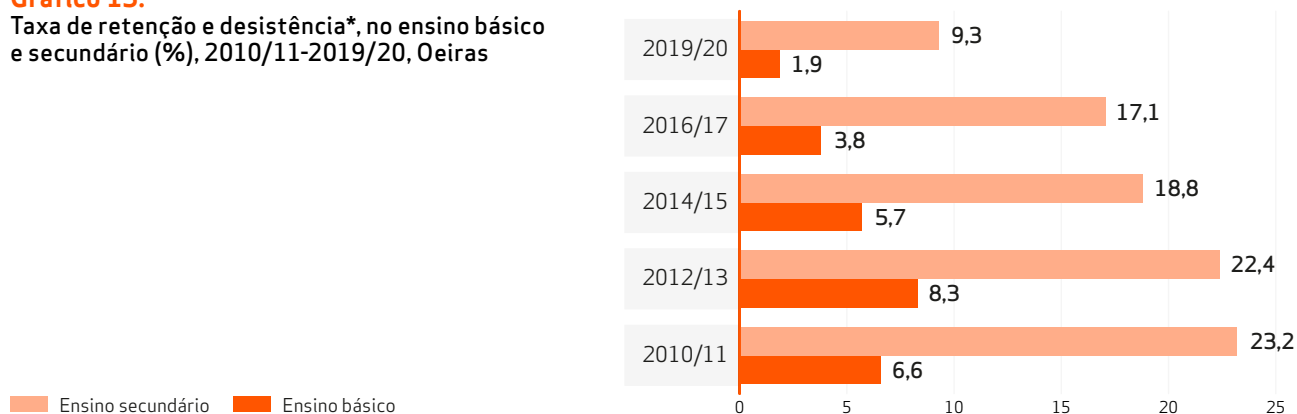
Fonte: DGEEC

*Alunos que podem transitar para o ano de escolaridade x+1/ Alunos matriculados no ano x*100

Complementarmente, as taxas de retenção/desistência 'seguem' o caminho oposto e apresentam uma tendência consistente de descida. Esta melhoria é, sobretudo, visível ao nível do ensino secundário, que apresentava em 2010/2011 uma taxa de retenção/desistência acima de 20% a qual, em 2019/2020, não chega aos 10%.

Gráfico 13.

Taxa de retenção e desistência*, no ensino básico e secundário (%), 2010/11-2019/20, Oeiras



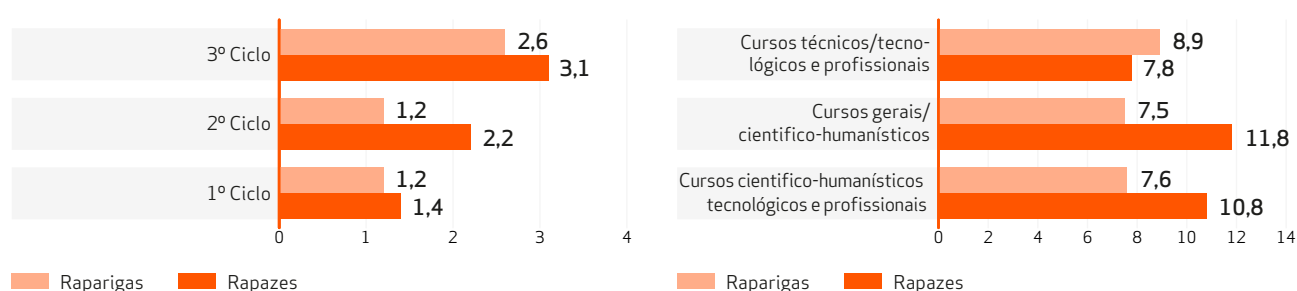
Fonte: DGEEC

*Alunos que não podem transitar para o ano de escolaridade x+1/ Alunos matriculados no ano x*100

Apesar da evolução positiva que tem vindo a ocorrer, no concelho de Oeiras, e no país em geral, ao nível das taxas de retenção/abandono importa não ignorar, como indicador de desigualdade, a relação entre a retenção escolar e os baixos recursos socioeconómicos de alunos/as e suas famílias. Citando o relatório do Conselho Nacional de Educação: "Os alunos portugueses de contextos socialmente mais desfavorecidos têm uma probabilidade de retenção de 0,45, enquanto os de contextos mais favorecidos têm uma probabilidade de retenção de 0,08" (Miguéns, M., 2020: 58).

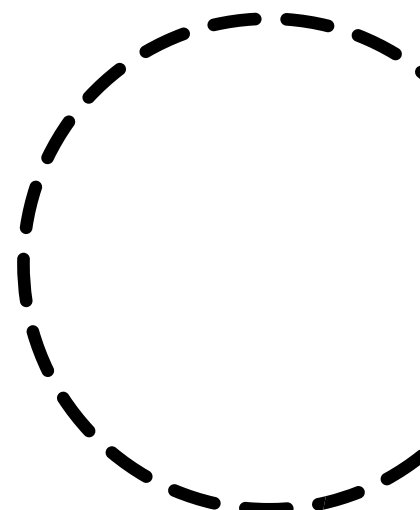
Porque as desigualdades no acesso ao sucesso educativo entre rapazes e raparigas é uma das características do sistema educativo em Portugal, importa verificar o que se passa a nível concelhio. Com efeito, e tomando como referência o ano letivo de 2019/2020, verifica-se que, à exceção dos Cursos técnicos/tecnológicos e profissionais do ensino secundário, em todos os níveis de ensino são os rapazes que apresentam taxas de retenção mais elevadas. As diferenças mais expressivas encontram-se no ensino secundário e, sobretudo, nos Cursos gerais/científico-humanísticos, tal como se pode verificar na figura em baixo.

Gráfico 14.
Taxa de retenção e desistência* no ensino básico
e secundário, por sexo (%), 2019/2020, Oeiras



Fonte: DGEEC

*Alunos que não podem transitar para o ano de escolaridade x+1/ Alunos matriculados no ano x*100



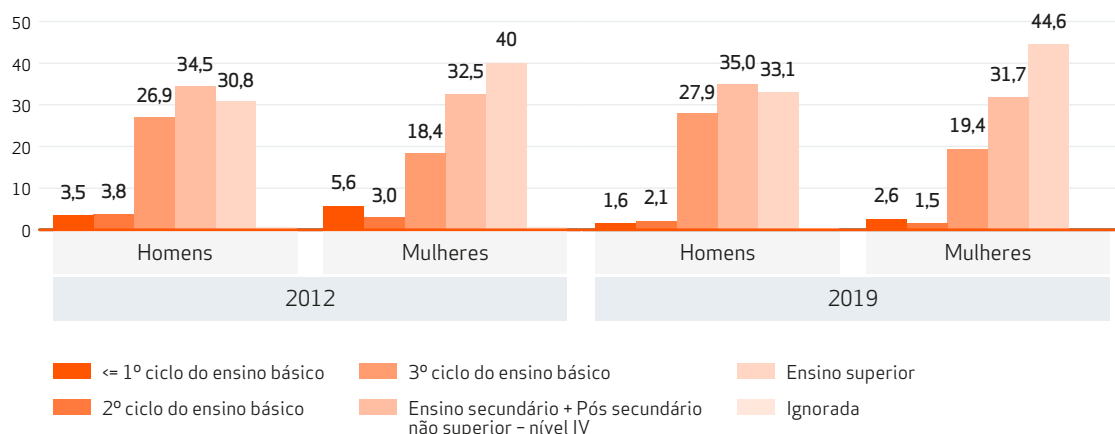
II.3. MERCADO DE TRABALHO

Em 2019 eram 21 038 as pessoas jovens (com 30 ou menos anos) a trabalhar por conta de outrem (TCO) no concelho de Oeiras.

Fazendo uma caracterização destas pessoas verifica-se uma tendência para uma crescente qualificação escolar já que, entre 2012 e 2019, aumenta o número de pessoas jovens a trabalhar por conta de outrem, tanto mulheres como homens, com níveis de instrução superiores. Por outro lado, são as jovens mulheres que apresentam uma escolaridade mais elevada do que os homens. Tomando como referência 2019, quase 45% das jovens mulheres trabalhadoras por conta de outrem têm o ensino superior; para os jovens do sexo masculino essa percentagem é de 33%.

Ainda que a diferença não seja muito expressiva, é de notar que são também as raparigas que, numa percentagem um pouco maior, se enquadram nos níveis de instrução mais baixos (no máximo 2º ciclo do ensino básico).

Gráfico 15.
Jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por nível de escolaridade e sexo (%), 2012 e 2019, Oeiras



Fonte: Informação trabalhada a partir de dados diretamente cedidos pelo GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

Quanto às atividades económicas nas quais os/as jovens até aos 30 anos maioritariamente se enquadram, destacam-se três que concentram a maior percentagem de jovens rapazes e raparigas, são elas: atividades ligadas ao comércio/reparação de veículos automóveis (G); atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares (M) e atividades administrativas e de serviços de apoio (N).

Por outro lado, as atividades de informação e de comunicação concentram 13,6% de profissionais do sexo masculino face a 7% de mulheres; as profissões ligadas às atividades de saúde humana e apoio social envolvem 17,2% das mulheres jovens TCO e 4% dos homens jovens.

Tabela 1.

Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por CAE do estabelecimento e sexo (%), 2019, Oeiras

	HOMENS	MULHERES
A. Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	0,1	0,1
C. Indústrias transformadoras	3,3	2,9
D. Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	0,1	0,1
E. Captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição	0,4	0,1
F. Construção	5,2	0,7
G. Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos	21,1	24,3
H. Transportes e armazenagem	2,1	0,9
I. Alojamento, restauração e similares	9,8	9,3
J. Atividades de informação e de comunicação	13,6	7,0
K. Atividades financeiras e de seguros	1,4	2,1
L. Atividades imobiliárias	0,1	0,5
M. Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	11,7	11,7
N. Atividades administrativas e dos serviços de apoio	24,0	19,0
O. Administração pública e defesa; segurança social obrigatória	0,3	0,2
P. Educação	0,4	1,7
Q. Atividades de saúde humana e apoio social	4,0	17,2
R. Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	1,1	1,1
S. Outras atividades de serviços	1,0	1,3
TOTAL	100	100

Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

Numa perspetiva evolutiva verifica-se um conjunto de atividades que, no período de tempo considerado, revelou capacidade para absorver um número crescente de mão-de-obra juvenil. Desse conjunto destacam-se as atividades relacionadas com a saúde e apoio social, com acréscimo acima de 90%; seguem-se as atividades imobiliárias e as do alojamento, restauração e similares que viram aumentar em 65% e em 62,7%, respetivamente, o número de seus/suas trabalhadores/as.

Ainda que os números absolutos sejam muito reduzidos não deixa de ser interessante o aumento do número de jovens a trabalhar na área da agricultura, produção animal, caça floresta e pesca: 9 em 2012; 19 em 2019.

Na situação inversa, ou seja, atividade económicas nas quais se assistiu a uma diminuição do número de pessoas jovens a trabalhar, surgem as ligadas às áreas financeiras e de seguros (-22,3%) e as atividades na área da captação, tratamento e distribuição de águas/saneamento, gestão de resíduos e despoluição (-21,4%).

De salientar, contudo, que o número de trabalhadores/as nas diferentes atividades não apresenta, em todas elas, um aumento ou decréscimo contínuo, ou seja, consistente ao longo de todos os anos, como se poderá verificar pela tabela abaixo. Antes apresentam oscilações em algumas atividades, aumentando ou diminuindo no período que intermeia 2012 e 2019.

Tabela 2.

Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por CAE do estabelecimento e variação %, 2012-2019, Oeiras

	2012	2014	2016	2018	2019	VAR. % 2012- 2019
A. Agricultura, produção animal, caça, floresta e pesca	9	1	6	5	19	111,1
C. Indústrias transformadoras	595	576	472	576	650	9,2
D. Eletricidade, gás, vapor, água quente e fria e ar frio	17	10	5	11	19	11,8
E. Captação, tratamento e distribuição de água; saneamento, gestão de resíduos e despoluição	70	49	90	47	55	-21,4
F. Construção	652	514	427	433	601	-7,8
G. Comércio por grosso e a retalho; reparação de veículos automóveis e motociclos	3 984	3 633	3 991	4 407	4 791	20,3
H. Transportes e armazenagem	298	210	217	305	303	1,7
I. Alojamento, restauração e similares	1 237	1 356	1 665	2 023	2 013	62,7
J. Atividades de informação e de comunicação	1 538	1 496	1 792	1 888	2 137	38,9
K. Atividades financeiras e de seguros	475	356	312	399	369	-22,3
L. Atividades imobiliárias	40	33	55	72	66	65,0
M. Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	1 726	1 761	1 590	2 262	2 460	42,5
N. Atividades administrativas e dos serviços de apoio	4 200	4 845	5 673	4 959	4 492	7,0
O. Administração pública e defesa; segurança social obrigatória	37	45	53	59	49	32,4
P. Educação	207	165	174	180	227	9,7
Q. Atividades de saúde humana e apoio social	1 206	1 255	1 748	1 942	2 301	90,8
R. Atividades artísticas, de espetáculos, desportivas e recreativas	150	137	207	255	236	57,3
S. Outras atividades de serviços	302	238	233	278	250	-17,2

Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

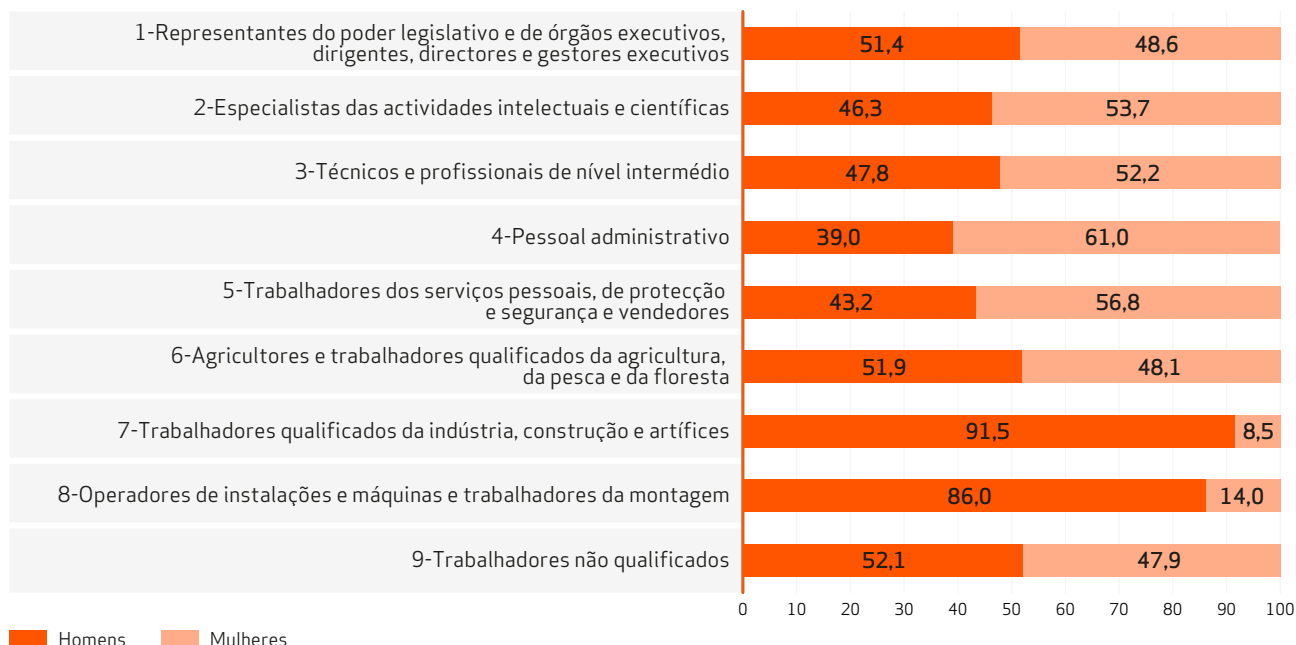
Considerando agora as profissões verifica-se, de modo mais claro, a segregação horizontal do mercado de trabalho, como efeito da concentração de mulheres e homens em determinadas áreas.

Assim, as profissões que integram os “serviços pessoais, de proteção e segurança e vendedores” e as profissões de cariz administrativo são muito feminizadas. Os homens são a maioria em profissões ligadas à indústria, construção e artífices (91,5% face a 8,5% de mulheres) e como operadores de máquinas e trabalhadores da montagem (86% de homens contra 14%).

Interessante, e com certeza também reflexo do maior nível de escolaridade em geral alcançado pelas jovens raparigas, é o facto de haver um equilíbrio de sexos em “técnicos/as e profissões de nível intermédio” e em “especialistas das atividades intelectuais e científicas” que abrangerão as pessoas mais qualificadas.

Gráfico 16.

Jovens até aos 30 anos, trabalhadores por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por profissão e sexo (%), 2019, Oeiras



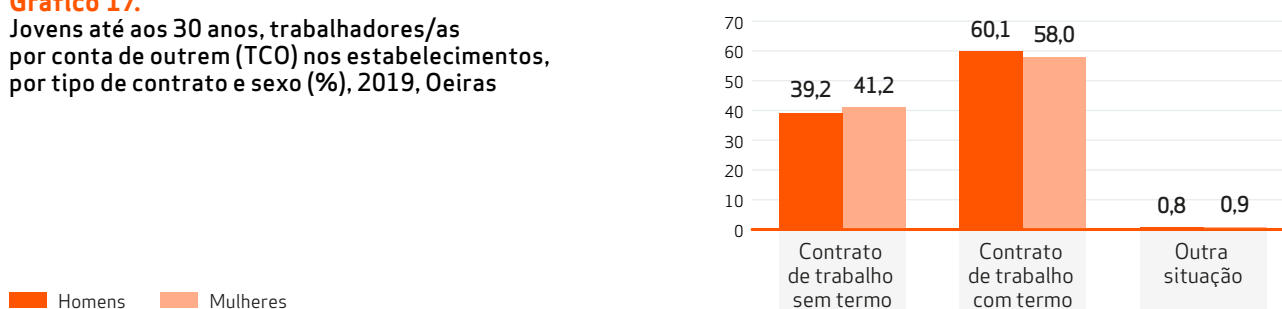
Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

O tipo de contrato estabelecido entre trabalhadores/as e entidades empregadoras constitui-se como um indicador da (ins)tabilidade profissional das pessoas mais jovens, discutindo-se, com frequência, se a rotatividade no emprego, decorrente de empregos temporários, é algo do “modo de ser” das gerações mais novas ou uma característica do mercado de trabalho.

Entre as pessoas jovens trabalhadoras por conta de outrem em Oeiras, a maioria estabeleceu um contrato de trabalho com termo, o que implicará a tal rotatividade entre empregos para a maior parte destes/as jovens. Como se pode verificar no gráfico em baixo, há um pouco mais de rapazes nesta situação. Comparando com a população TCO, em geral, esta é uma situação completamente inversa, já que 67% do total dos/as trabalhadores/as do concelho tem contrato de trabalho sem termo o que, por seu lado, remete para uma maior fixação nos empregos.

Gráfico 17.

Jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos, por tipo de contrato e sexo (%), 2019, Oeiras



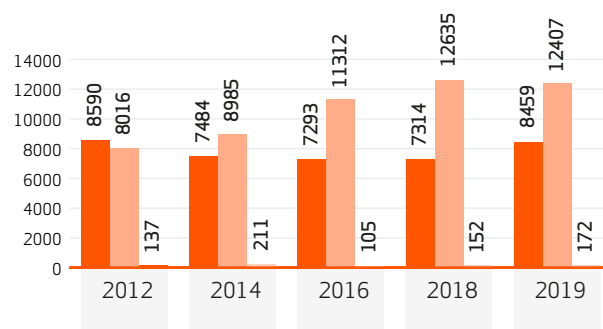
Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

Considerando, de novo, apenas a população TCO até aos 30 anos de idade pode verificar-se como a presença dos contratos com termo se tem vindo a “impor” ao longo dos últimos anos, tornando a instabilidade no emprego (sobretudo jovem) uma característica estrutural e não algo que tenha que ver com conjunturas económicas mais desfavoráveis.

Assim, e considerando o período 2012-2019, verifica-se um aumento do número de jovens com contrato de trabalho com termo registando-se uma exceção nesta tendência entre 2018 e 2019. Certamente que a situação pandémica vivida na sua maior intensidade durante o ano de 2020 terá tido também, a este nível, o seu impacto.

Gráfico 18.
Jovens até aos 30 anos, trabalhadores
por conta de outrem (TCO) nos estabelecimentos,
por tipo de contrato (v.a.), 2012-2019, Oeiras

Contrato de trabalho sem termo
Contrato de trabalho com termo
Outra situação



Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

Importa notar que esta não é uma situação específica do concelho de Oeiras mas algo que se verifica no país: em 2017, são as pessoas jovens entre os 15 e os 29 anos as mais afetadas pela modalidade de trabalho temporário (contrato de trabalho com termo), abrangendo 51,5% de jovens dessa faixa etária, 19 pp acima da média da UE28 (cfr. Ferreira, T. e Vieira, M., 2018).

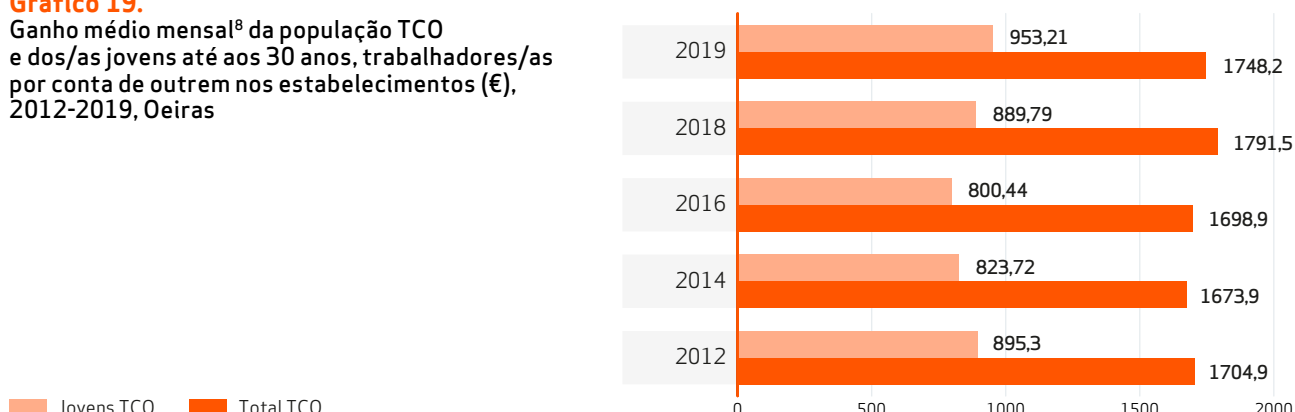
Outro indicador importante é o ganho auferido no desempenho profissional. Aqui importa salientar que Oeiras em 2019 é um dos cinco concelhos do país com um ganho médio mensal mais elevado - 1 748,20€ para o total da população TCO, enquanto para o país o valor correspondente era de 1 206,30€.

Em relação ao ganho auferido pela população trabalhadora jovem, entre 2012 e 2019, houve um aumento do ganho médio mensal, ainda que tal aumento não tenha sido constante, como se pode verificar no gráfico seguinte. A evolução é semelhante ao ganho médio da população TCO, em geral, mas a recuperação do volume de remuneração para o total da população trabalhadora fez-se mais cedo do que para a população jovem, ainda que para esta o ritmo de aumento tenha sido superior.



Gráfico 19.

Ganho médio mensal⁸ da população TCO e dos/as jovens até aos 30 anos, trabalhadores/as por conta de outrem nos estabelecimentos (€), 2012-2019, Oeiras

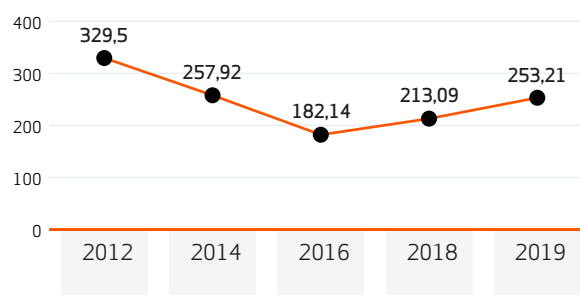


Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal.

O aumento do ganho da população jovem não pode deixar de estar relacionada com o aumento do salário mínimo cujo valor de referência (considerando 14 meses de remuneração a dividir por 12 meses do ano) passou de 565,80€, em 2012, para 700€, em 2019. Por seu lado, o ganho médio mensal da população jovem TCO em Oeiras era de 895,30€ em 2012, sendo de 953,21€ em 2019, mantendo-se a diferença considerável entre estes valores e os do salário mínimo (+ 329,5€ em 2012; + 253,21€ em 2019). Ainda assim, esse diferencial sofreu uma queda em 2014 e 2016, altura que se esbateu a diferença entre a remuneração auferida pela população jovem e o salário mínimo nacional, estabelecido por lei.

Gráfico 20.

Diferencial entre o ganho médio⁹ mensal da população jovem TCO e o salário mínimo nacional (€), 2012-2019, Oeiras



Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal e PORDATA. Valores resultantes de cálculos próprios.

Outra dimensão importante é, sem dúvida, perceber as diferenças nas remunerações de homens e de mulheres. Em Portugal é acentuado o “gap” salarial entre mulheres e homens em desfavor das primeiras. No concelho de Oeiras, e independentemente, do nível de instrução e da categoria profissional, os homens ganhavam, em média, por mês, +387,40€ do que as mulheres, segundo dados para 2019.

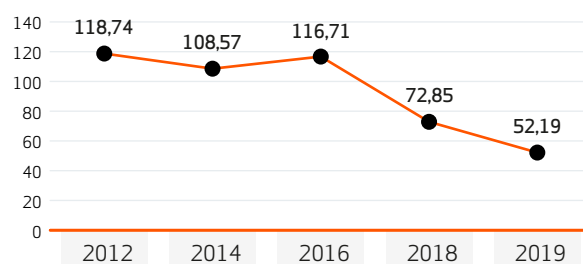
Quanto à população jovem trabalhadora é interessante verificar que, apesar de as jovens trabalhadoras em Oeiras ganharem, em geral, menos do que os jovens trabalhadores, o diferencial de género tem vindo a dimi-

8 Nota GEP-para o cálculo das remunerações são considerados/as os/as TCO a tempo completo que no período de referência (outubro) trabalharam o horário completo tendo auferido remuneração completa (não são considerados os TCO a tempo parcial nem os TCO a tempo completo que tiveram ausências não remuneradas pela empresa).

9 Nota GEP-para o cálculo das remunerações são considerados/as os/as TCO a tempo completo que no período de referência (outubro) trabalharam o horário completo tendo auferido remuneração completa (não são considerados os TCO a tempo parcial nem os TCO a tempo completo que tiveram ausências não remuneradas pela empresa).

nuir (apesar de uma inversão de tendência entre 2014 e 2016), chegando a 2019 com o valor mínimo registado de um diferencial de +52€ (em média, por mês) a favor dos homens. Uma interrogação fica sobre esta evolução de sentido positivo pois, como algumas organizações internacionais têm vindo a chamar a atenção, a pandemia da COVID-19 produziu graves repercussões nas pessoas trabalhadoras jovens, ao destruir empregos, ao reduzir horas de trabalho e, consequentemente, ao diminuir as remunerações auferidas (vd. OIT., 2020)

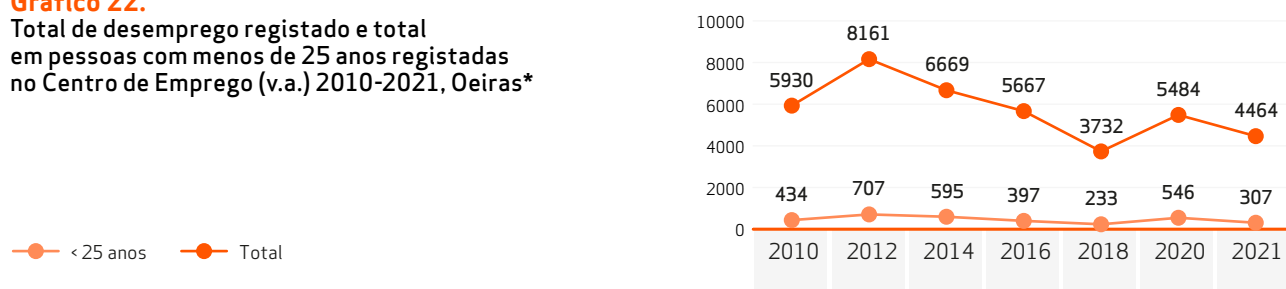
Gráfico 21.
Diferencial do ganho médio mensal dos homens trabalhadores/as por conta de outrem (TCO), até aos 30 anos, por comparação às mulheres (€), 2012-2019, Oeiras



Fonte: GEP/MTSSS, Quadros de Pessoal. Valores resultantes de cálculos próprios.

Já no que se refere às situações de desemprego, um total de 4 464 pessoas encontravam-se registadas no Centro de Emprego, no final do ano de 2021. Este valor corresponde a um decréscimo desde 2012 ainda que, em 2020, se tenha verificado uma nova subida certamente como consequência da situação pandémica particularmente vivida nesse ano. O desemprego registado nas pessoas jovens (menos de 25 anos) tem acompanhado a tendência do desemprego, em geral, tal como se pode verificar no gráfico seguinte.

Gráfico 22.
Total de desemprego registado e total em pessoas com menos de 25 anos registadas no Centro de Emprego (v.a.) 2010-2021, Oeiras*



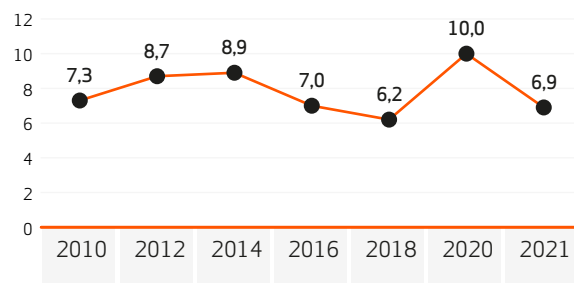
Fonte: IEPF, Desemprego Registado por Concelho — Estatísticas Mensais.

* valores registados no fim do mês de Dezembro

Após uma diminuição consistente entre 2012 e 2018, em 2020 a percentagem de desemprego jovem sobe aos 10%. Tal como referido atrás, 2020 foi um ano de grandes dificuldades económicas, despedimentos, falências, *lay-offs*, o que teve consequências não só no desemprego total mas também nas pessoas mais jovens, que em muitas situações serão das primeiras a sofrer as consequências das crises económicas que surgem. A condição contratual mais precária, a existência de menos experiência laboral, associada também ao fator idade, podem constituir-se como uma conjugação que para que sejam as pessoas mais jovens umas das primeiras a perderem o seu emprego. Sinal positivo é, contudo, a descida verificada em 2021, ano em que o peso percentual do desemprego jovem se situa no 6,9%, um dos valores mais baixos verificados na série de anos considerada.

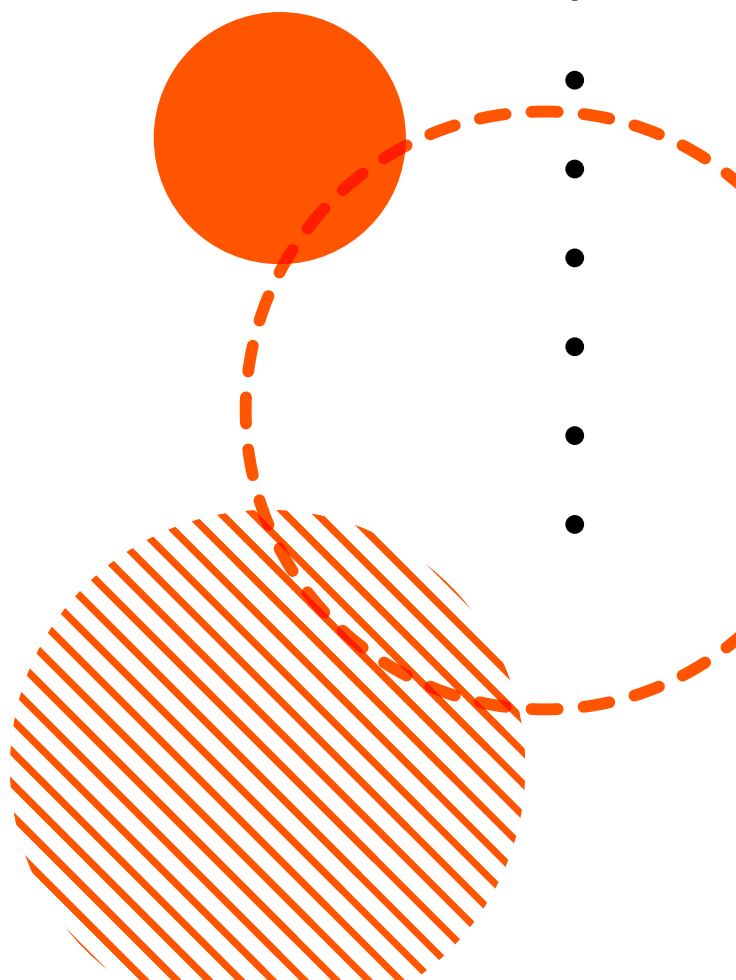
Gráfico 23.

Peso percentual do desemprego registado de pessoas com menos de 25 anos face ao total de desemprego registado (%), 2010-2021, Oeiras*



Fonte: IEFP, Desemprego Registado por Concelho — Estatísticas Mensais. Valores resultantes de cálculos próprios.

* valores registados no fim do mês de Dezembro



II.4. PROTEÇÃO NA PRECARIIDADE

Vários trabalhos têm demonstrado que as pessoas jovens constituem um dos grupos com maior vulnerabilidade à pobreza ou exclusão social.

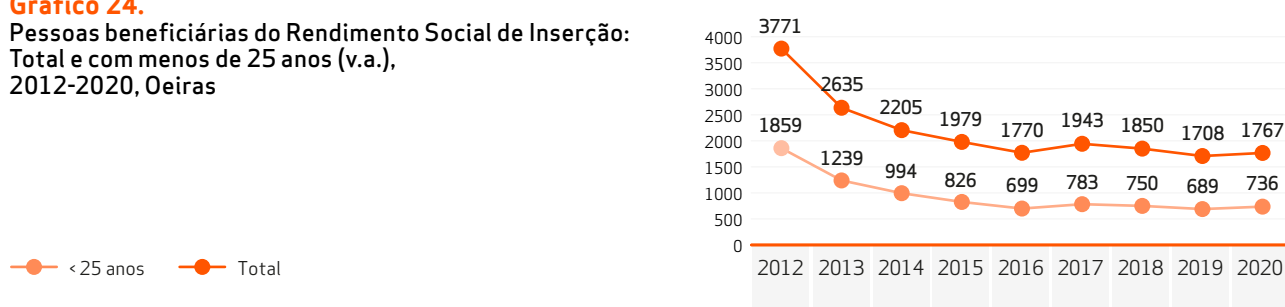
Tomando a população com idades entre os 18 e os 24 anos em 2018, a nível nacional¹⁰:

- i) A taxa de risco de pobreza ou de exclusão social era de 25,8% (a da população total era de 21,6%).
- ii) A taxa de pobreza monetária era de 21,3% (a da população total era de 17,3%), ou seja, são jovens que têm rendimentos inferiores a 40% do rendimento mediano.
- iii) A taxa de privação material severa era de 7,4% (para a população em geral era de 6%), ou seja, são jovens que não podem aceder a pelo menos quatro de uma lista de nove itens considerados importantes para um bem-estar material.¹¹

Daqui decorre como pertinente perceber a proteção social dada às pessoas mais jovens em contextos de fragilidade económica. Neste sentido, uma das medidas a ter em consideração é o Rendimento Social de Inserção (RSI).

A partir da informação disponível verifica-se uma quebra acentuada, e contínua, no número de pessoas beneficiárias de Rendimento Social de Inserção, no concelho de Oeiras, entre 2012 e 2017 muito como consequência das alterações legislativas verificadas em 2012. Esta descida é comum ao total de beneficiários/as e ao grupo das pessoas mais jovens. A partir de 2016 novas alterações na lei promovem um acesso mais facilitado à medida e o número de pessoas beneficiárias volta a subir um pouco sem que, no entanto, sejam atingidos os números do ano inicial de referência. É expetável nova subida, na sequência da pandemia COVID-19 que neste momento, porém, ainda não é visível na informação disponível.

Gráfico 24.
Pessoas beneficiárias do Rendimento Social de Inserção:
Total e com menos de 25 anos (v.a.),
2012-2020, Oeiras



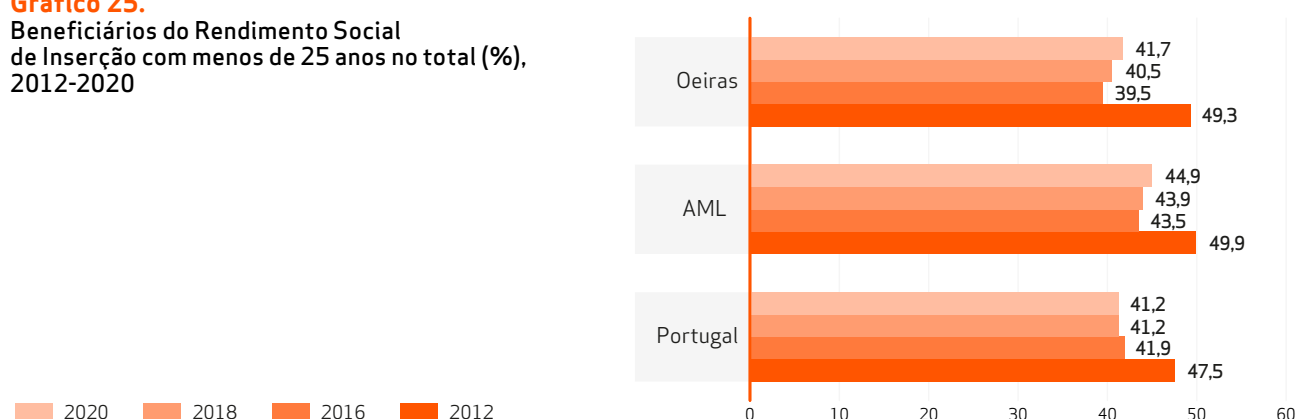
Fonte: PORDATA

¹⁰ Os dados citados constam no documento do Observatório Nacional Contra a Pobreza: EAPN. 2020. *EM FOCO. Dos 15 aos 24: Pobreza e exclusão social nos jovens em Portugal*. Disponível em: https://eapn.pt/on/wp-content/uploads/Em-Foco-7_-Pobreza-entre-jovens.pdf.

¹¹ Os itens consensualizados no indicador de privação material severa são "a) capacidade para assegurar o pagamento imediato de uma despesa inesperada e próxima do valor mensal da linha de pobreza (sem recorrer a empréstimo); b) capacidade para pagar uma semana de férias, por ano, fora de casa, suportando a despesa de alojamento e viagem para todos os membros do agregado; c) capacidade para pagar atempadamente rendas, prestações de crédito ou despesas correntes da residência principal, ou outras despesas não relacionadas com a residência principal; d) capacidade para ter uma refeição de carne ou de peixe (ou equivalente vegetariano), pelo menos de 2 em 2 dias; e) capacidade para manter a casa adequadamente aquecida; f) capacidade para ter máquina de lavar roupa; g) capacidade para ter televisão a cores; h) capacidade para ter telefone fixo ou telemóvel; i) capacidade para ter automóvel (ligeiro de passageiros ou misto)." (INE, metainformação)

Como se pode verificar no gráfico anterior, em 2020, Oeiras tinha 736 pessoas com menos de 25 anos, beneficiárias de RSI, o que significa pouco mais de 40% do total de beneficiários/as. Se tivermos em consideração o total da população residente com menos de 25 anos, o peso percentual dos/as jovens beneficiários/as de RSI é de 1,6%. Em 2012 esse peso percentual era superior e mais elevado do que o registado no país, mas a partir de 2016 esta situação já não se verifica.

Gráfico 25.
Beneficiários do Rendimento Social
de Inserção com menos de 25 anos no total (%),
2012-2020



Fonte: PORDATA. Valores resultantes de cálculos próprios.

II.5. VIOLÊNCIA(S)

A nível mundial a violência na juventude é considerada como um problema de saúde pública.¹²

A violência assume diferentes formas e expressões que podem ter os/as jovens como vítimas ou como protagonistas.

JOVENS E A PRÁTICA DE CRIMES REGISTADOS DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

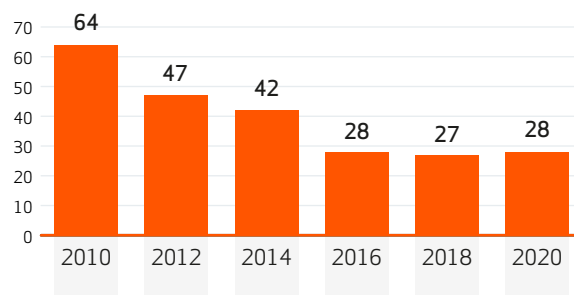
Pela sua importância social e conceções subjacentes sobre a relação entre pares considera-se aqui, em particular, os atos cometidos que podem ser considerados como violência doméstica, o que inclui a violência no namoro.

De acordo com as estatísticas da justiça em 2020 foram registados pela polícia¹³ 3 994 crimes, dos quais 320 (8%) foram classificados como sendo violência doméstica.

Neste contexto, foram 28 as pessoas com menos de 25 anos consideradas como agentes suspeitas do crime de violência doméstica. Este número corresponde a uma descida que se começa a verificar em 2012.

Gráfico 26.

Pessoas suspeitas com menos de 25 anos, identificadas em crimes registados de violência doméstica (v.a.), 2010-2020, Oeiras



Fonte: Estatísticas da Justiça.

Esta diminuição do número de jovens registados/as como suspeitos/as de terem cometido um crime de violência doméstica pode ser resultado de uma boa estratégia de prevenção local ou, pelo contrário, de um retrocesso em termos da consciência sobre o problema. Note-se que, de acordo com um estudo publicado em 2020¹⁴, 67% dos/as jovens inquiridos/as não consideram violência no namoro pelo menos um dos seguintes comportamentos: controlo; perseguição; violência sexual; violência psicológica; violência através das redes sociais; violência física.

Por outro lado, a diminuição do número de jovens suspeitos deste tipo de crime não é coincidente com a evolução do número de crimes registados de violência doméstica, nem com o peso percentual deste tipo de crime no total de crimes registados pela PSP: 6,7% em 2010; 8% em 2020, como anteriormente referido.

¹² <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/youth-violence>.

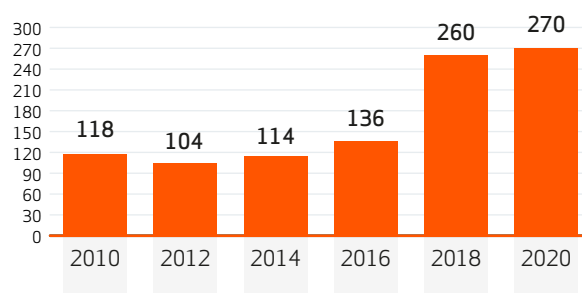
¹³ No concelho de Oeiras só a Polícia de Segurança Pública tem intervenção.

¹⁴ Magalhães, M.J. (coord). 2020. *Estudo Nacional sobre Violência no Namoro 2020*. Disponível em: <https://www.cig.gov.pt/2020/02/divulgados-dados-do-estudo-nacional-violencia-no-namoro-2020/>.

JOVENS VÍTIMAS

Noutra perspetiva, em 2020, registou-se um total de 270 pessoas com menos de 25 anos, como vítimas de um crime de violência doméstica. Neste contexto, a maior parte das vítimas é cônjuge da pessoa agressora, ou com ela estabelece relação análoga, o que significa que estes números abrangem, também, os casos de violência no namoro. Ora, como se pode verificar no gráfico em baixo, os crimes de violência doméstica têm vindo a aumentar ao longo dos anos considerados.

Gráfico 27.
Pessoas lesadas/ofendidas, com menos de 25 anos, identificadas em crimes registados de violência doméstica (v.a.), 2010-2020, Oeiras



Fonte: Estatísticas da Justiça.

O leque de idades considerado neste estudo¹⁵ inclui menores de 18 anos o que significa, nos termos da Convenção sobre os Direitos da Criança (CDC) e da legislação nacional, que estas são pessoas ainda crianças. Tanto a lei portuguesa, como a CDC enunciam o direito à proteção afirmando, este último documento, no seu artigo 19º que “Estados Partes tomam todas as medidas legislativas, administrativas, sociais e educativas adequadas à proteção da criança contra todas as formas de violência física ou mental, dano ou sevícia, abandono ou tratamento negligente; maus tratos ou exploração, incluindo a violência sexual, enquanto se encontrar sob a guarda de seus pais ou de um deles, dos representantes legais ou de qualquer outra pessoa a cuja guarda haja sido confiada.”¹⁶

Independentemente da existência de legislação que as protege, as crianças/jovens continuam a ser vítimas de diferentes formas de violência. No relatório anual de Avaliação da Atividade das Comissões de Proteção de Crianças e Jovens (CPCJ)¹⁷ pode ler-se que o número de situações de perigo comunicadas,¹⁸ no ano de 2020, foi de 580, o que corresponde a uma taxa de incidência de 0,5%. Ou seja, 0,5% dos menores de 18 anos residentes no concelho foram sinalizados.

Por seu lado, informação cedida CPCJ de Oeiras refere que, no final de 2020, permaneciam em acompanhamento 231 crianças/jovens das quais 111 (48%) raparigas e 120 (52%) rapazes, cujos processos transitaram para 2021.

¹⁵ O estudo tem como referência as pessoas com idades compreendidas entre os 13 e os 30 anos.

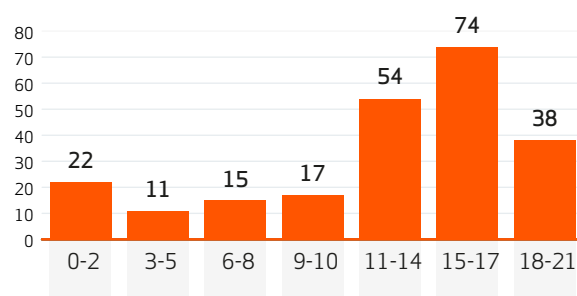
¹⁶ Disponível em: https://www.unicef.pt/media/2766/unicef_convenc-a-o-dos-direitos-da-crianca.pdf.

¹⁷ CNPDPCJ. 2021. Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ 2020. CNPDPCJ. Lisboa. Disponível em: <https://www.cnpdpdj.gov.pt/relatorio-atividades>.

¹⁸ A Lei de Crianças e Jovens em Perigo (Lei nº 147/99, 1 de setembro, revista em 2015) considera que uma criança está em quando se encontra numa das seguintes situações: a) Está abandonada ou vive entregue a si própria; b) Sofre maus tratos físicos ou psíquicos ou é vítima de abusos sexuais; c) Não recebe os cuidados ou a afeição adequados à sua idade e situação pessoal; d) Está aos cuidados de terceiros, durante período de tempo em que se observou o estabelecimento com estes de forte relação de vinculação e em simultâneo com o não exercício pelos pais das suas funções parentais; e) É obrigada a atividades ou trabalhos excessivos ou inadequados à sua idade, dignidade e situação pessoal ou prejudiciais à sua formação ou desenvolvimento; f) Está sujeita, de forma direta ou indireta, a comportamentos que afetem gravemente a sua segurança ou o seu equilíbrio emocional; g) Assume comportamentos ou se entrega a atividades ou consumos que afetem gravemente a sua saúde, segurança, formação, educação ou desenvolvimento sem que os pais, o representante legal ou quem tenha a guarda de facto se lhes oponham de modo adequado a remover essa situação.

A maior parte das crianças/jovens acompanhados/as situa-se acima dos 11 anos, sendo a maior prevalência entre crianças com idades entre os 15 e os 17 anos com 74 crianças/jovens acompanhados/as. A concentração de casos nas faixas etárias mais velhas estará, porventura, relacionada com o facto de coincidirem com estágios de desenvolvimento onde predominam atitudes de contestação e experimentação e a assunção de comportamentos de risco que podem colocar em perigo o seu desenvolvimento e a verificação dos seus próprios direitos.

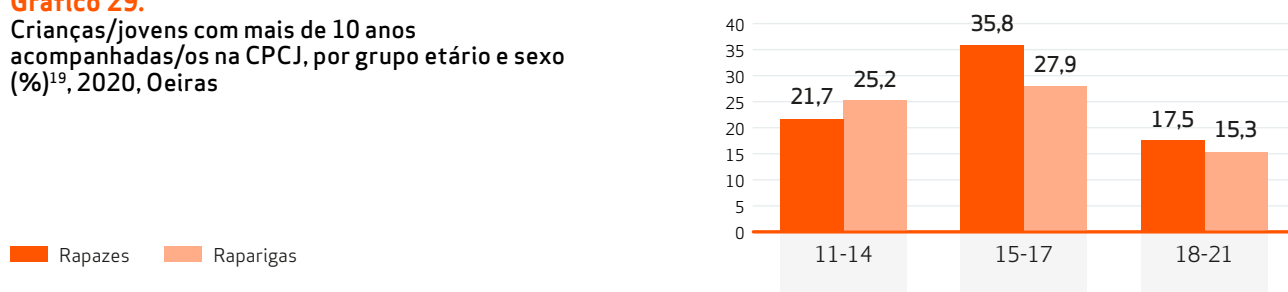
Gráfico 28.
Crianças/jovens acompanhadas/os
na CPCJ, por grupo etário (v.a.), 2020, Oeiras



Fonte: CPCJ de Oeiras

Considerando agora apenas as idades a partir dos 11 anos por uma questão de aproximação ao grupo em análise, verifica-se que a presença de rapazes começa a ser maioritária a partir dos 15 anos de idade, sendo no grupo dos 15 aos 17 anos que a percentagem é mais elevada.

Gráfico 29.
Crianças/jovens com mais de 10 anos
acompanhadas/os na CPCJ, por grupo etário e sexo
(%)¹⁹, 2020, Oeiras



Fonte: CPCJ de Oeiras

As problemáticas que deram origem à sinalização, e posterior acompanhamento das crianças, apresentam diferenças significativas entre rapazes e raparigas.

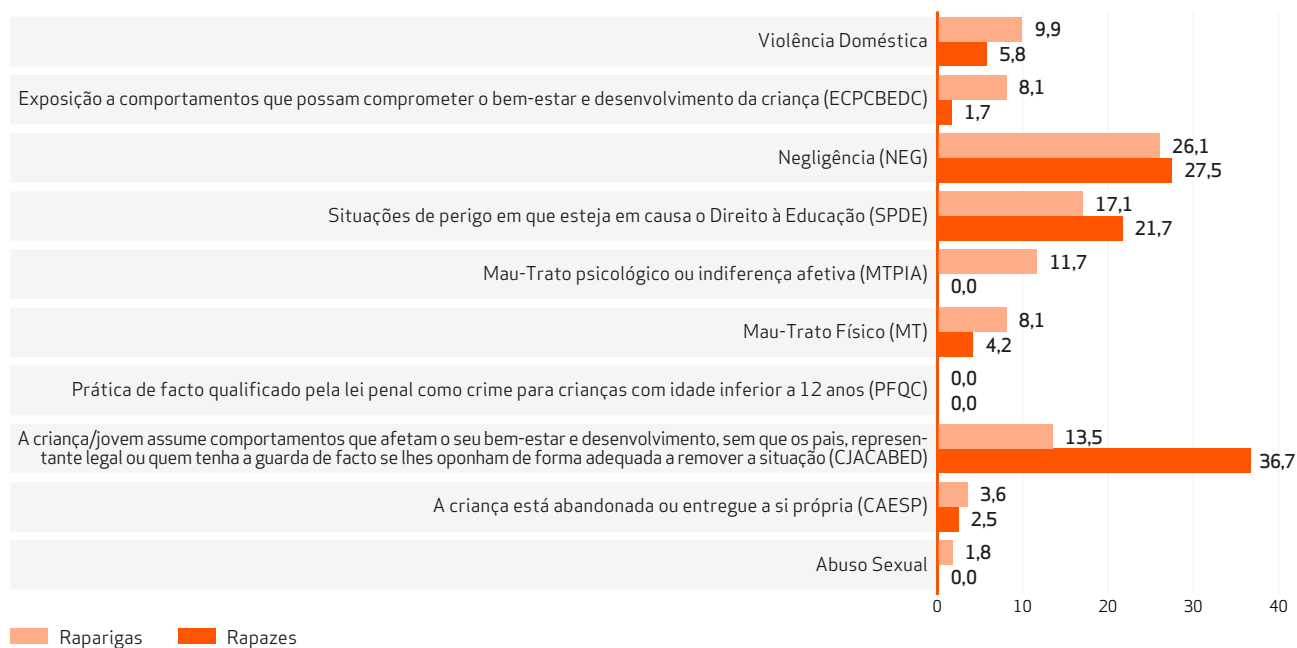
O número de rapazes que assumem '*comportamentos que põem em risco o seu bem-estar e desenvolvimento*' sem que os pais (ou outras pessoas responsáveis) o impeçam é consideravelmente mais elevado (36,7%), do que o de raparigas (13,5%). São ainda os rapazes que em maior percentagem são sinalizados como correspondendo a situação de perigo face ao Direito à Educação: mais 4,6pp (21,7%) por comparação às raparigas (17,1%).

Já as raparigas são particularmente mais afetadas pelas '*situações de mau-trato psicológico ou indiferença afetiva*' (11,7% sendo que não existem rapazes sinalizados); de '*mau-trato físico*' (8,1%). São também mais as raparigas que estão mais expostas a '*comportamentos que possam comprometer o bem-estar e desenvolvimento*' (8,1%) e que se encontram envolvidas em situações de violência doméstica (9,9%).

19 As percentagens não somam 100% porque só foram considerados os grupos com mais de 11 anos.

Em menores percentagens, mas também mais do que os rapazes, são as raparigas quem mais parecem sofrer situações de 'abandono' e 'abuso sexual', este último sem qualquer rapaz sinalizado.

Gráfico 30.
Crianças/jovens acompanhadas/os
na CPCJ, por sexo e problemática diagnosticada (%),
2020, Oeiras



Fonte: CPCJ de Oeiras



III. DO PRESENTE À CONSTRUÇÃO DO FUTURO: O QUE DIZEM AS E OS JOVENS DO CONCELHO SOBRE SI E QUAIS AS SUAS EXPETATIVAS

A Agenda 2030 das Nações Unidas é composta por 17 objetivos - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) - pretendendo criar um modelo global de governança com a finalidade de acabar com a pobreza, proteger o ambiente e promover a prosperidade e o bem-estar de todas as pessoas até 2030.

É reconhecido que a concretização dos ODS não depende apenas do compromisso dos governos, mas obriga a um envolvimento de cidadãos e cidadãs que se pretende sejam conscientes das necessidades de mudança e atuem como agentes promotores do desenvolvimento das suas comunidades.

A concretização dos ODS permitirá uma vida mais sustentável, justa e equitativa pelo que a construção do futuro das pessoas mais jovens está, em boa medida, relacionada com a forma e o grau de realização dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável.

Por outro lado, o enunciado dos ODS remete para questões por onde passam o processo de autonomia dos/as jovens, na sua passagem para a idade adulta:

- + Saúde e o bem-estar não apenas como prevenção mas como necessidade que garante o direito vida e à própria felicidade se pensarmos no bem-estar emocional/mental que, como veremos mais à frente, é identificado pelas/os jovens como uma preocupação maior para o futuro.
- + Educação de qualidade pois a educação é um direito fundamental (direito humano e, mais especificamente, um direito das crianças) e uma estratégia de promoção do desenvolvimento das pessoas e das comunidades. Apesar do que se possa pensar, e de alguma desvalorização de diplomas escolares, a escola continua a ser o *habitat* onde as pessoas constroem o direito à igualdade de oportunidades que, à saída da escola, lhes pode permitir equacionar um caminho de ascensão social.
- + Igualdade de género. Papéis de género tradicionais continuam a ter um impacto muito negativo nas desigualdades sociais e, mais concretamente, nas desigualdades entre mulheres e homens que atravessam diferentes grupos de idade e distintos estratos sociais. Alcançar a igualdade de género é fundamental para permitir às jovens raparigas uma melhor e mais fácil integração num mercado de trabalho qualificado; é fundamental para os rapazes verem reconhecidos o seu direito ao afeto, às emoções e a um papel ativo e participante na vida familiar.
- + Trabalho decente sendo esta uma dimensão essencial para se alcançar a autonomia financeira que, por sua vez, possa garantir o cumprimento de outras etapas inerentes à entrada na vida adulta, nomeadamente ter casa independente da família de origem; constituir família própria.
- + Cidades e comunidades sustentáveis pois exige segurança e acesso a serviços de qualidade, nomeadamente à habitação essencial para a independência esperada por todos/as os/as jovens.

Neste sentido, optámos por organizar a análise da informação recolhida junto dos/as jovens residentes no concelho de Oeiras, quer com a aplicação dos questionários, quer com a realização das entrevistas e dinamização dos *workshops*, em função dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. De facto, os ODS remetem-nos para questões por onde passam o processo de autonomia dos/as jovens, na sua passagem para a idade adulta.

No primeiro ponto desta segunda parte do documento faz-se uma breve abordagem aos ODS, no seu conjunto, procurando conhecer até que ponto as/os jovens respondentes conhecem e estão, ou não, envolvidas/os na concretização local de um desígnio mundial. No final deste capítulo incluímos uma secção sobre a família, relações familiares e felicidade pois, não se enquadrando diretamente em nenhum dos ODS é, sem dúvida, uma dimensão estruturante e transversal da vida dos/as jovens e um pressuposto inerente à concretização dos mesmos.



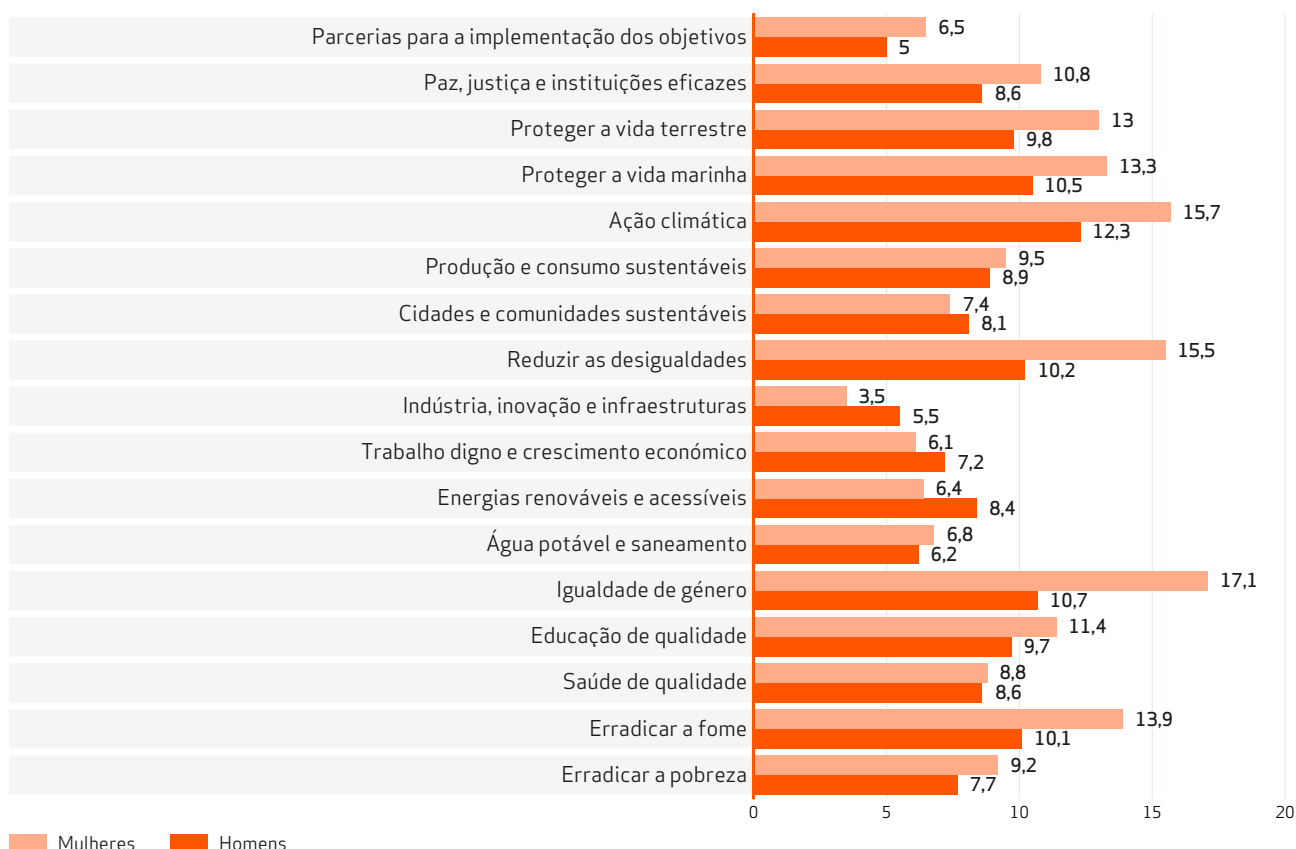
III.1. CONHECIMENTO E ENVOLVIMENTO NOS ODS POR PARTE DOS/AS JOVENS

Quando questionados/as sobre o seu conhecimento e, eventual, envolvimento em atividades realizadas no âmbito dos ODS, a larga maioria dos/as jovens não tem qualquer envolvimento nas mesmas, ainda que alguns/algumas tenham conhecimento da existência daqueles objetivos.

São 641 as/os jovens que afirmam conhecer, e estar envolvidas/os, em atividades que podem contribuir para a concretização dos ODS. São as raparigas que em maior número revelam envolvimento na concretização dos ODS.

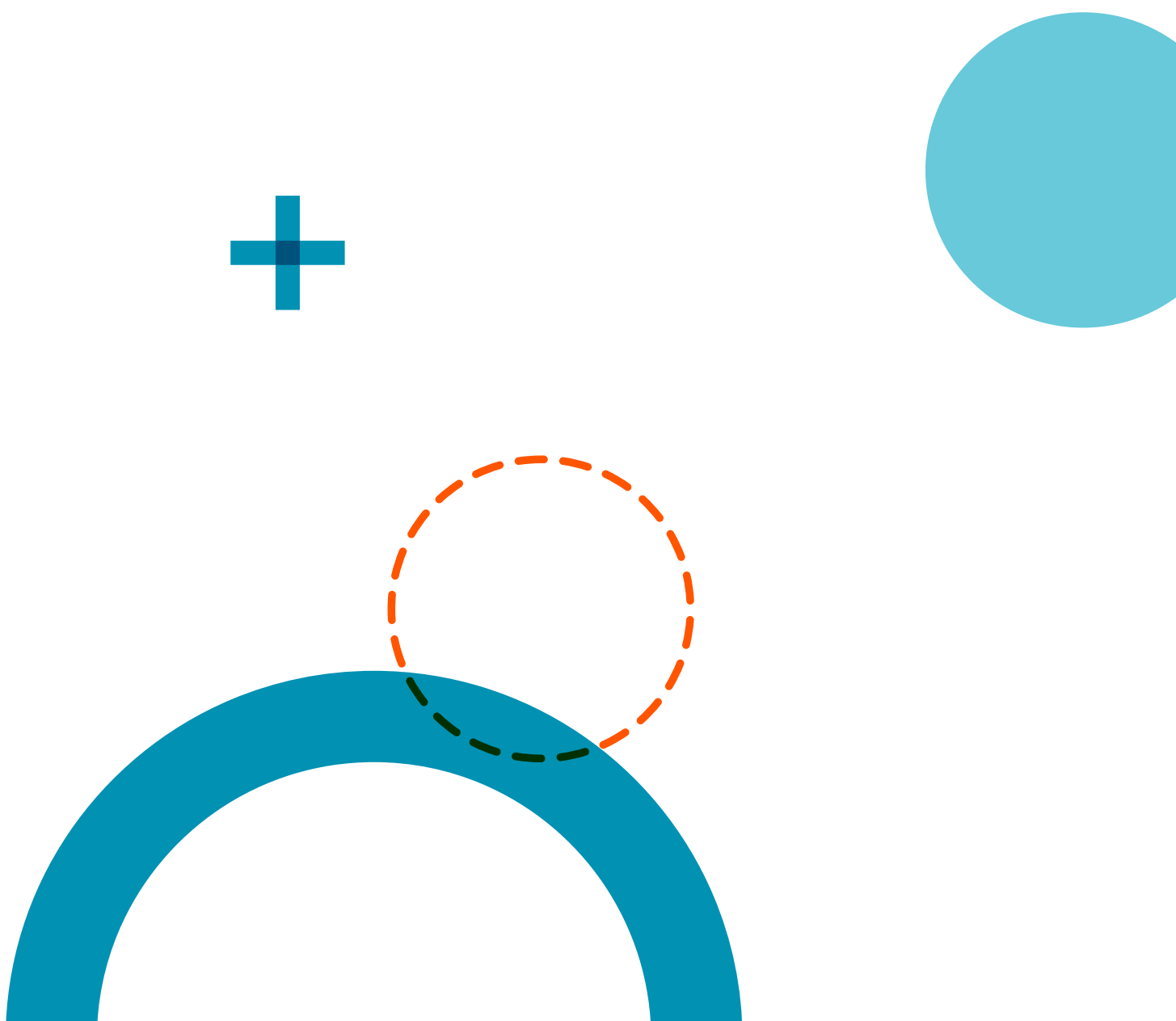
Em ambos os sexos destacam-se três ODS que recolhem maior número de respostas no que se refere ao seu envolvimento, sendo eles: 'Igualdade de Género'; 'Ação climática'; e 'Reduzir as desigualdades', os quais apresentam valores acima dos 15% no caso das raparigas e dos 10% no caso dos rapazes.

Gráfico 31.
Jovens inquiridos/as que conhecem e estão envolvidos/
as em atividades inseridas no âmbito dos ODS,
por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Por outro lado, pouco mais de 60% de quem conhece os ODS, e está envolvido/a na sua concretização, é dirigente associativo e, perto de 48%, são sócios/as de algum tipo de associações.



III.2. VIDA SAUDÁVEL – PERCEÇÕES SOBRE O ESTADO DE SAÚDE E PREOCUPAÇÕES

O 3º ODS centra-se no garantir uma saúde de qualidade para todas e todos, independentemente da idade. Este ODS fala da necessidade de acesso aos cuidados de saúde e da promoção da saúde mental e do bem-estar, em geral, questões muito referidas pelas pessoas jovens auscultadas no presente estudo.

No questionário de autoaplicação apenas cerca de 9% respondeu ter conhecimento e estar envolvido/a no ODS Vida Saudável mas no *workshop* temático sobre os ODS este foi tido como um dos objetivos com maior capacidade para transversalizar resultados e mudanças, onde os próprios comportamentos individuais contam. No entendimento dos/as jovens participantes vida saudável tem que ver com vários e diferentes aspetos da vida, aspetos biológicos, psicológicos, económicos e sociais. Uma das jovens participantes chegou mesmo a reparar: *“Uma vida saudável. O que é isso? Uma vida pobre não pode ser uma vida saudável!”*

Numa conceção abrangente de saúde, tudo aponta no sentido de as relações familiares serem elemento fundamental do equilíbrio emocional das/os jovens, do seu bem-estar e, como tal, de uma vida saudável. Neste sentido, e ainda que um pouco abusivamente, pois no ODS3 não há referência à família, nem às relações familiares, serão incluídos nesta sessão os resultados obtidos sobre esta dimensão da vida das pessoas jovens do concelho de Oeiras.

Tem-se vindo a chamar cada vez mais a atenção para a importância do ‘cuidado’ e do ‘auto-cuidado’ — cuidado com a sua saúde, a saúde dos outros e até a do planeta. São também sonoras as vozes que alertam para o facto de que, nem o conceito de ‘saúde’, nem o de ‘cuidado’ reportam ao universo estritamente biológico, e que deve existir uma harmonia de saberes interdisciplinares que contribuam para o estudo não só do que significa uma vivência saudável do corpo, como de uma experiência saudável da vida (Nunes, J.A. e Louvison M., 2020).

Para isso, vários fatores de índole social entram em campo. E é igualmente por isso que também no campo da saúde se fazem sentir desigualdades sociais, tendo por base nomeadamente a idade e o sexo.

Vejamos, então, o que nos dizem os dados do inquérito, que apresentamos abaixo, ilustrando-se as suas conclusões com a informação qualitativa que nos é dada pelas entrevistas e pelos *workshops*.

PERCEÇÕES DOS/AS JOVENS SOBRE A SUA SAÚDE - UMA AUTOAVALIAÇÃO GLOBALMENTE POSITIVA, DIFERENCIADA EM FUNÇÃO DO GÉNERO

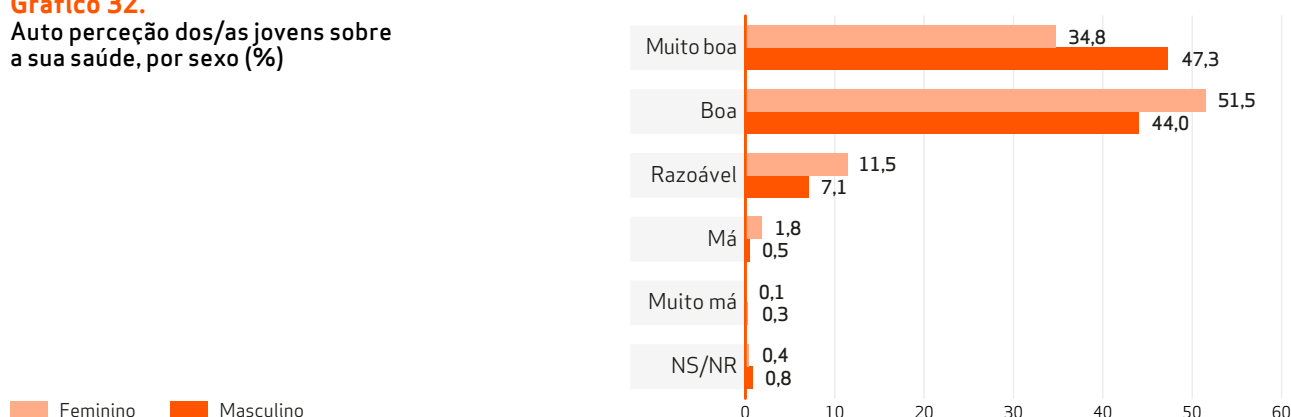
Uma das questões incluídas no questionário dirigido a jovens do concelho de Oeiras apontava para uma autoavaliação da sua saúde.

Da população jovem inquirida, a grande maioria avalia como ‘boa’ ou ‘muito boa’ a sua saúde (89,3%), o que significa que apenas 9,8% considera a sua saúde apenas ‘razoável’.

Importará não esquecer que, independentemente de haver, de facto, menor probabilidade de as pessoas jovens terem problemas de saúde graves, por comparação a pessoas de outros estratos etários na medida que o próprio processo de envelhecimento transporta consigo desgaste físico, ser jovem é sinónimo de saúde, vitalidade, boa forma física. Este ideal está, certamente, subjacente na autoavaliação feita pelos/as jovens.

Face a esta apreciação de sentido positivo, há contudo que fazer notar diferenças entre rapazes e raparigas. Com efeito, 47,3% dos rapazes avaliam a sua saúde como ‘muito boa’ enquanto a maioria das raparigas (51,5%) avalia apenas como ‘boa’.

Gráfico 32.
Auto percepção dos/as jovens sobre
a sua saúde, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

A diferença mais acentuada entre sexos acontece na faixa etária de quem tem menos de 18 anos: trata-se de uma diferença de 19 pp a desfavor das raparigas que fazem uma avaliação ‘muito boa’ da sua saúde (43,6% elas, 62,3% eles). Ou seja, são as raparigas das faixas etárias mais novas que têm uma percepção menos otimista da sua própria saúde.

Complementarmente, a autoapreciação da saúde apenas como ‘boa’ aumenta, tanto nos jovens do sexo masculino como do sexo feminino, com a escolaridade: de 33,5% no ensino básico e 53,8% no ensino superior (no caso dos jovens); de 42,7% para 55,3% (no caso das jovens).

No *workshop* dedicado ao tema, os e as jovens participantes não estranharam essa auto percepção diferenciada em função do sexo e permitiram clarificar o que está por detrás dela. Salientam que há dimensões da saúde, mais concretamente relacionadas com o bem-estar emocional e psicológico, que não estarão presentes na autoavaliação da situação de saúde feita pelos rapazes, que a entendem numa perspetiva essencialmente relacionada com o bem-estar físico, aumentando uma apreciação positiva:



“Nós achamos que os **rapazes** associam saúde, a **saúde física apenas**, enquanto que as **raparigas** pensam nas duas vertentes, física e mental. Na nossa sociedade está enraizado o estigma de que **os homens não têm essa vertente emocional**”.

Participante em *workshop*



A SAÚDE COMO CATEGORIA ESTÉTICA

Para além das explicações anteriormente apontadas, há ainda outras questões. E nelas estão presentes diferentes conceções de futuro por parte deles e delas, com os rapazes a serem considerados mais descontraídos em relação a uma série de questões, o que diminuirá níveis de *stress*, e as raparigas a serem entendidas como

“mais preocupadas”, em geral, “e mais preocupadas com o futuro”. Nessa preocupação com o futuro a saúde é fundamental até se garantir uma longevidade com bem-estar.

Algo transversal a diferentes *workshops* surge a juventude como sinónimo de saúde (como anteriormente se referiu), mas também de beleza. Na juventude, ou entre quem pretende transmitir uma imagem juvenil, a aparência física é determinante e transforma a saúde numa categoria estética que se traduz num “corpo bonito” (Ferreira, V. S., 2011).

A pressão que socialmente é exercida com vista a se alcançar uma aparência física “ideal”, de acordo com certos padrões de beleza é, de acordo com os/as jovens participantes no estudo, muito mais sentida pelas raparigas. A pressão para “serem muito magras, e perfeitas”, implica uma maior exigência para as jovens que se veem, também com mais facilidade, expostas e criticadas nas redes sociais.

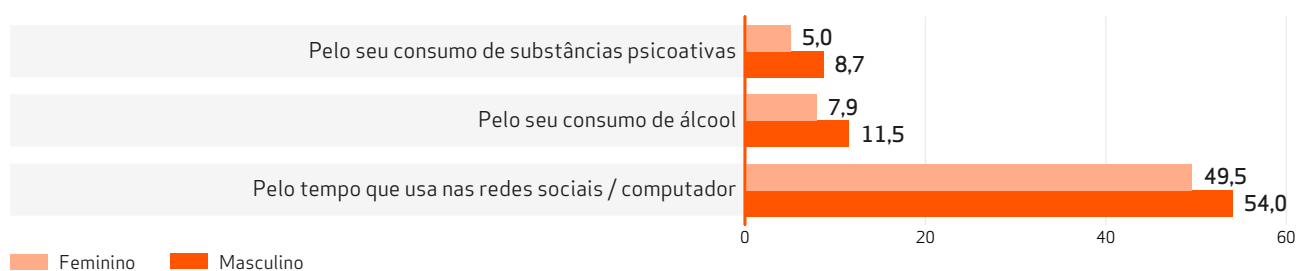
As “pretensões perfeccionistas e a obsessão pelo corpo e pela aparência física têm levado muitos jovens a estados de sofrimento psicológico, como é o caso dos distúrbios alimentares (por exemplo, a anorexia ou a bulimia), numa tentativa de prossecução da aceitação e integração sociais, favorecendo a construção de estigmas em redor da imagem corporal e o desenvolvimento de processos de exclusão” (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021:17) e, acrescentamos, de uma autoavaliação mais negativa sobre a sua saúde.

COMPORTAMENTOS ADITIVOS

Algumas práticas associadas à juventude estão relacionadas com o desejo de empoderamento, de liberdade e de rutura com o controle exercido pela família. São também práticas de experimentação e que podem garantir a inserção em determinados grupos onde se estabelecem relações e encontram (novas) afinidades. Estão, entre estes, os consumos aditivos.

No questionário aplicado às/aos jovens no concelho de Oeiras, optámos por colocar uma questão indireta sobre comportamentos que podem ser considerados como aditivos. Assim, questionámos os/as jovens sobre se alguém (familiar ou pessoa amiga) já lhes tinha mostrado preocupação pelo seu consumo de substâncias psicoativas, álcool ou uso das redes sociais/computador.

Gráfico 33.
Jovens que afirmam ter alguém próximo que já mostrou preocupação com alguns dos seus comportamentos, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Para além do (ab)uso das redes sociais/computadores, e uma vez mais, são sobretudo os jovens rapazes que dão conta de preocupações com o seus consumos de álcool (11,5%) e, em menor grau, de substâncias psicoativas (8,7%).

Certos consumos parecem ter uma relação com a etapa do ciclo de vida em que se encontram os/as jovens (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021). Os dados do questionário aplicado junto de jovens do concelho de Oeiras, revelam que o tempo de uso de computadores se torna menos preocupante à medida que a idade avança. Por outro lado, é nas idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos, que mais jovens referem haver preocupação com os seus consumos de álcool e de substâncias psicoativas.

Nos *workshops*, quando discutido o tema, a diferença de consumos, em particular do de álcool, entre os sexos é relativizado. Os/as jovens afirmam o consumo de álcool por parte das raparigas é maior e cada vez mais naturalizado. Por outro lado, persiste um maior controlo das raparigas, por parte das famílias, em relação às saídas noturnas o que retira oportunidade para maiores consumos, tanto de álcool como de outras substâncias.

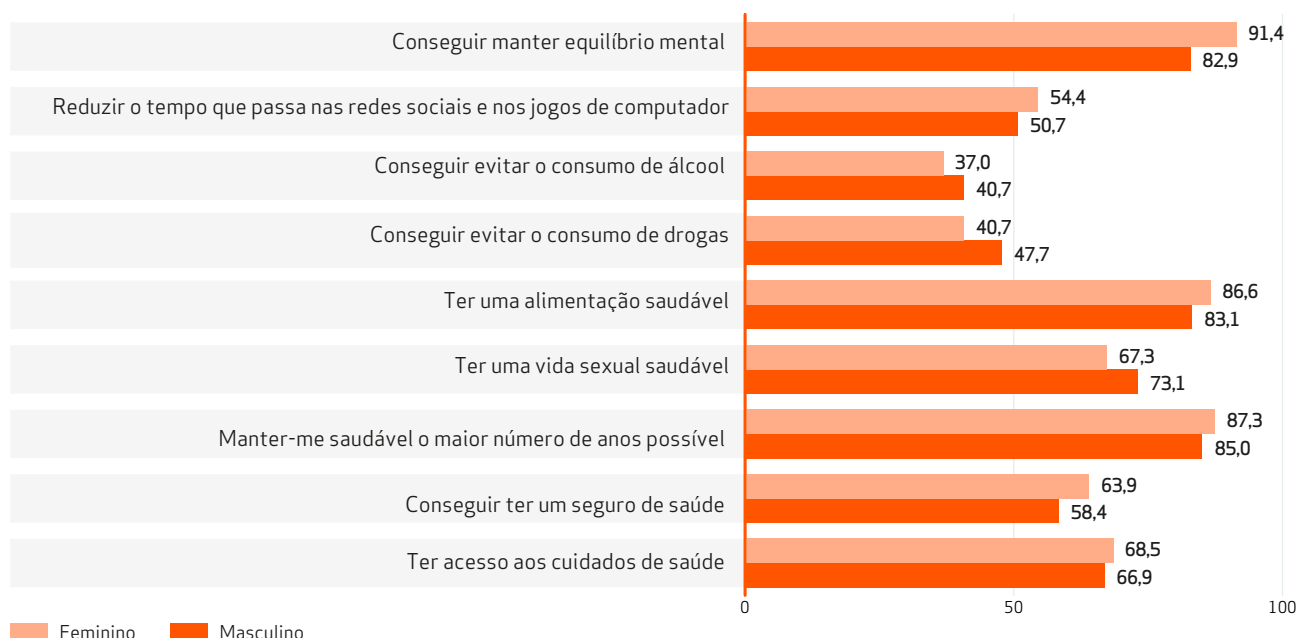
Ainda no domínio da saúde as pessoas jovens que acederam responder ao questionário tiveram oportunidade de identificar quais as suas principais preocupações para o futuro. Tal como se pode ver no gráfico em baixo é, curiosamente, a preocupação em ‘manter um equilíbrio mental’ aquela que foi identificada pela maioria dos jovens, quer sejam do sexo feminino (91,4%), quer sejam do sexo masculino (82,9%) mas, em termos de freguesia, são as/os jovens da União de Freguesias de Carnaxide e Queijas quem manifesta em maior percentagem esta preocupação.

Em seguida surgem outras duas questões também com percentagens muito elevadas: ‘manter-me saudável o maior número de anos possível’ (87,3% de raparigas; 85% de rapazes) e ‘ter uma alimentação saudável’.

Menos referida, mas com diferenças ao nível das freguesias, surgem as preocupações de evitar o consumo de álcool e o consumo de drogas. A Freguesia de Porto Salvo é aquela onde há uma maior percentagem de jovens que as explicitam (45,3% e 51,7%, respetivamente).



Gráfico 34.
Preocupações dos/as jovens face ao futuro em questões
de saúde, por sexo (%)²⁰



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Mas as questões da saúde mental dominaram a discussão no *workshop* sobre o tema da saúde.

Segundo algumas jovens participantes “cada vez se ouve mais pessoas a falar de problemas de saúde mental por isso”. Outra acrescenta: “Há um consenso em torno disto — tratando a saúde mental, é possível também atenuar outros domínios relativos à prevenção e tratamento do abuso de substâncias e também acidentes rodoviários. Cada vez há também maior à vontade para falar sobre o tema”.

Esta “abertura” para falar sobre tais questões não é, porém, sentida por todos/as.

As/Os jovens referiram-se às dificuldades em falar com as pessoas adultas – seja na família ou escola – sobre os seus problemas, sobre as suas preocupações muito particularmente quando tais questões são do foro emocional o que pode gerar e/ou agravar os problemas de saúde mental. De acordo com as opiniões expressas, estas são questões pouco valorizadas pelas pessoas adultas, por comparação por exemplo com os consumos ou comportamentos aditivos que são mais visíveis e sobre os quais há mais vigilância.

Ainda que para os rapazes não seja tão comum a existência de problemas do foro emocional (ou a consciência de que tais problemas existem), para aqueles que os sentem, as dificuldades em os explicitar e sobre eles conversar são ainda maiores do que para as raparigas, pois nos próprios grupos de pares tais temas não são considerados como pertinentes para quem está a construir a sua identidade masculina. Talvez por isso mesmo, são também os jovens do sexo masculino que são mais reticentes em pedir ajuda, como o testemunhou um participante num *workshop*: “Os jovens têm medo de procurar ajuda psicológica com medo de serem gozados por colegas, por serem vistos como fracos, quando é muito o contrário: estão a tornar-se mais estáveis e saudáveis mentalmente”.

²⁰ As percentagens não somam 100% porque os/as respondentes podiam dar mais do que uma resposta.

Outro testemunho do silêncio tantas vezes associado a problemas emocionais é de um jovem que afirmou ter sofrido de *bullying* mas calou com medo de que, contando aos meus pais, a situação piorasse. “Eu sofria de *bullying* verbal e físico e só com ajuda de uma professora minha mais tarde é que essa informação chegou aos meus pais”.

Note-se que o facto de já ter sido vítima de *bullying* foi reportado, no questionário de autoaplicação por cerca de 33% das raparigas e 20% dos rapazes.

Por outro lado, são as raparigas, como já foi mencionado, que mais manifestam o peso da validação externa, em termos da sua aparência, estando mais sujeitas ao *cyberbullying* que, no dizer das/os próprias/os jovens, é uma potencial causa de problemas psíquicos como a depressão.

Apesar de tudo, é a pressão exercida pela escola e, em particular, a preocupação com as notas para entrar no mercado de trabalho, que é tido como o maior fator desestabilizador e provocador de *stress* entre as jovens do sexo feminino que não deixam de ter consciência de que nas suas idades tudo conta, tudo tem importância não havendo espaço para a relativização.



“Atribui-se muita importância à Escola e à educação que temos. Isso coloca muita pressão em nós. Desde os 15 anos que o que nós fazemos influencia o nosso futuro para sempre. Isso põe muita pressão em nós porque a maioria nem sabe o que quer fazer da sua vida, se calhar nem nos conhecemos bem a nós próprios. Mas o sistema de ensino que temos obriga-nos a tomar decisões desde muito cedo”.

Participante em *workshop*



Visão semelhante àquela que acabámos de reproduzir é realçada por outra jovem em contexto de entrevista:



“Há que haver por parte dos jovens uma articulação entre a vida social, a vida de desporto e a da escola, mesmo para se manter uma boa saúde mental. Porque por exemplo, eu sinto que, se a escola corre mal, tenho a dança. Se a dança corre mal tenho a escola. E tenho assim vários pontos de abrigo, mas por exemplo, as pessoas que se focam muito na escola, depois a escola corre mal, o mundo cai. Não têm para onde fugir. E eu acho que na nossa idade, então onde nós exageramos tudo, as emoções são todas gigantes! Acho que faz falta termos vários sítios para focar a nossa energia, porque se um correr mal, não estamos perdidos”.

Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Carnaxide



A tendência para que problemas mentais sejam mais vividos pelas mulheres é algo mencionado nomeadamente no estudo publicado pela Fundação Francisco Manuel dos Santos onde se lê que quase um quarto dos/as jovens abrangidos/as pelo estudo já tinha pensado em suicidar-se; 26% dos/das quais já havia tomado medicamentos para a ansiedade e depressão, com maior incidência nas mulheres jovens (34% das mulheres, comparativamente com 19% dos homens jovens).

A toma de medicamentos, como forma de controlar o *stress* ou ansiedade, foi espontaneamente referida por jovens raparigas participantes em *workshops* dinamizados no contexto do presente trabalho, que se referi-

ram ainda à falta de sono ou, mais precisamente, à falta de tempo para dormir, quando a sua vida quotidiana se divide entre a presença nas aulas, o estudo e o treino intensivo de uma atividade desportiva.

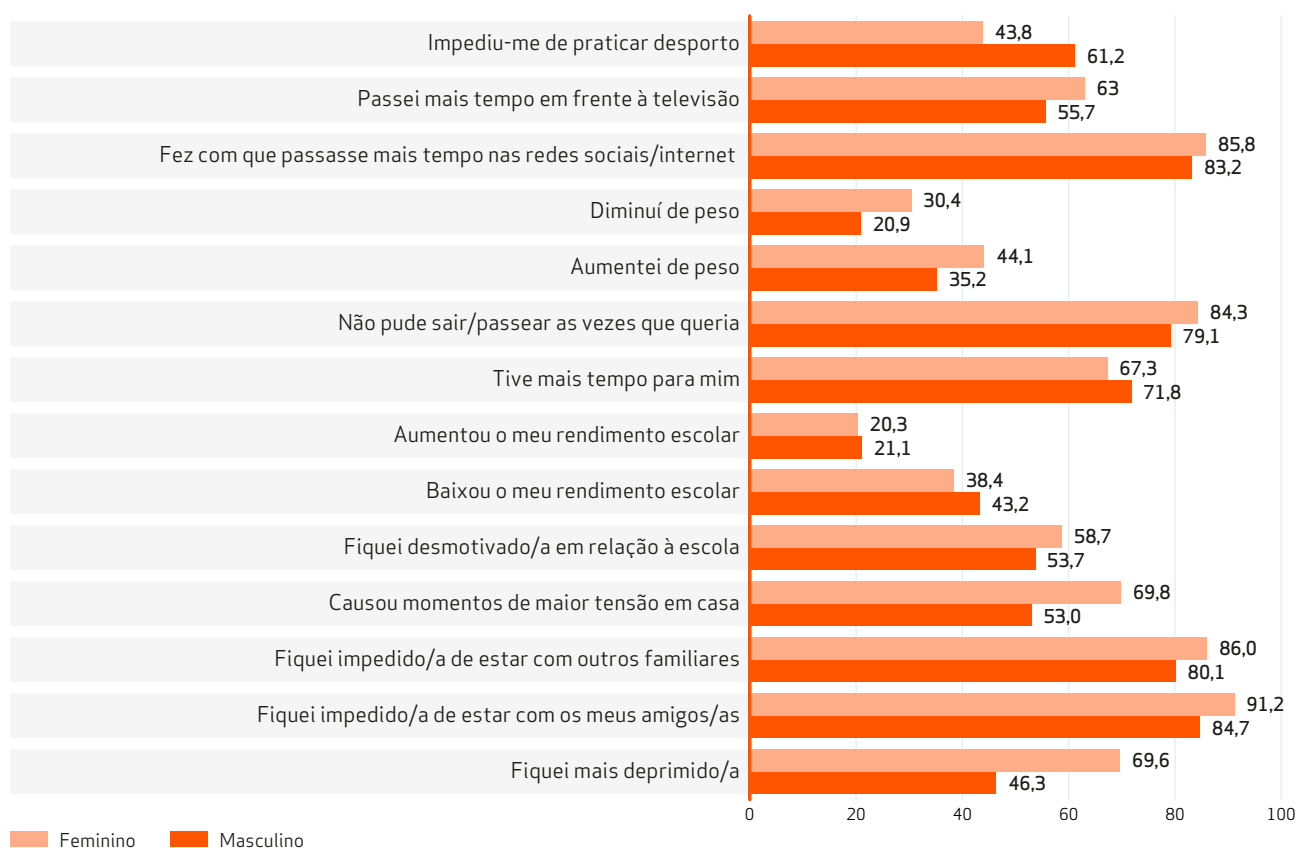
IMPACTOS DA PANDEMIA NA SAÚDE FÍSICA E MENTAL

Não parece haver dúvidas, e tal foi abordado nos *workshops* temáticos, que as respostas estão sob a influência da situação pandémica e, mais concretamente, dos efeitos das medidas de controlo acionadas que provocou o isolamento e inibiu contactos.

Aliás a UNICEF, no seu relatório sobre saúde mental, alerta para o facto de que as crianças e jovens irão sentir o impacto da COVID-19 na sua saúde mental e no seu bem-estar durante muitos anos (UNICEF, 2021).²¹

Questionados/as diretamente sobre os eventuais impactos da pandemia COVID-19 na saúde, no inquérito, os/as jovens respondentes identificam quatro consequência maiores de sentido negativo, tal como se pode ver no gráfico em baixo.

Gráfico 35.
Consequências da COVID-19 identificadas
pelos/as jovens, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

21 UNICEF, 2021. The State of the World's Children 2021 - On my mind. Promoting, protecting and caring for children's mental health. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/108121/file/SOWC-2021-Europe-regional-brief.pdf>

Essas quatro principais consequências são: i) a inibição de estar com amigos/as (91,2% entre respondentes do sexo feminino; 84,7% entre os elementos do sexo masculino); ii) e com outros/as familiares (86% e 80,1%, respetivamente entre raparigas e rapazes); iii) terem passado mais tempo do que antes nas redes sociais e na internet (85,8% vs. 83,2%); iv) a ausência de liberdade para sair quando e como se queria (também um pouco mais sentida pelas raparigas).

A este propósito, o já citado estudo da UNICEF refere: “Se pandemia nos ensinou alguma coisa foi o facto de a saúde mental ser profundamente afetada pelo mundo à nossa volta. Longe de ser apenas a questão do que se passa na mente de cada pessoa, o estado da saúde mental de uma criança, ou de um adolescente, é profundamente afetado pelas circunstâncias das suas vidas – as experiências com os seus familiares e cuidadores, as relações que estabelecem com os amigos e as oportunidades para brincar, aprender e crescer. A saúde mental é o reflexo do modo como as suas vidas são influenciadas pela pobreza, conflitos, doença e pelo acesso aos recursos existentes nos seus mundos” (UNICEF, 2021: 1).

Mas a pandemia também teve alguns efeitos positivos. Entre eles conta-se: i) ter mais tempo para si mesmos/as, o que no entanto, pode ter tido implicações ao nível da ocupação de tempos livres nos meios digitais; ii) o aumento do rendimento escolar ainda que referido apenas por cerca de 20% dos/as jovens.

Também a diminuição ou aumento de peso poderá acontecer por via de impactos positivos e/ou negativos: por um lado, poderá ser decorrente da diminuição de massa muscular ou de uma alimentação mais regrada; por outro, poderá ser resultado de uma quebra de atividade física combinada com a manutenção do consumo calórico que ingeriam no tempo pré-pandémico. É nesse sentido que ouvimos um dos participantes, praticante ativo de desporto, mencionar: “surpreende-me que mais rapazes não tenham mencionado perda de peso. Eu não senti, com a pandemia, vontade nenhuma de fazer desporto, sentia-me mal fisicamente, com vontade de apanhar ar, sentia falta de ar e perda de resistência”. O regresso à atividade física foi um desafio para quem voltava agora à prática, sentindo perda de resistência. O aumento do sedentarismo, como ilustra a seguinte passagem de uma das entrevistas a uma jovem residente em Caxias, de 24 anos:



“A nível pessoal, o que aconteceu foi que eu tornei-me muito mais sedentária porque eu fazia muitas coisas em termos físicos e fechou tudo. Então eu não consegui fazer mais. Fiquei parada, muito mais sedentária, vai voltar tudo em Setembro, em princípio mas até agora tenho estado completamente parada”.

Jovem entrevistada, sexo feminino, 24 anos, residente em Caxias



III.3. EDUCAÇÃO E PRÁTICAS CULTURAIS E DESPORTIVAS

Tomamos como ponto de partida para este capítulo o 4º Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável, destinado a promover uma educação inclusiva, de qualidade e equitativa, e a promoção de oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas as pessoas.

A educação está na base dos direitos humanos e da construção de uma cidadania global onde há lugar ao respeito pela diversidade pelos valores da igualdade e da não-violência.

Em Portugal, o alargamento da escolaridade obrigatória é dos fatores que contribuíram para o próprio prolongamento da juventude ao prolongar os percursos escolares e retardar a entrada no mercado de trabalho. Por outro lado, a escola é um dos elementos que mais marca os “trajetos, os quotidianos e os projetos dos jovens portugueses” (Guerreiro: 247) e um meio privilegiado para preparar o futuro melhor. Com efeito, no relatório que fundamenta o Plano Nacional da Juventude,²² a educação surge, na opinião das pessoas jovens auscultadas, como relevante pelos conhecimentos que promove e por ser considerada como um “antídoto ao desemprego” e instrumento que pode romper com a reprodução social de situações de desfavorecimento, facilitando a ascensão social das pessoas independentemente da sua classe social de origem.

No questionário aplicado a jovens do concelho de Oeiras apenas cerca de 10% dos/as respondentes afirmou conhecer o ODS 4 e estar envolvido na sua concretização. Em seguida pretendemos perceber como é que os/as jovens percebem a escola e que perspetivas têm face à educação.

Considerando a educação na sua vertente não formal, ainda nesta secção fazemos uma abordagem aos tempos livres dos/as e às suas práticas culturais e desportivas, procurando-se, também, perceber qual a avaliação que os/as jovens fazem do acesso à informação e a bens de consumo cultural.

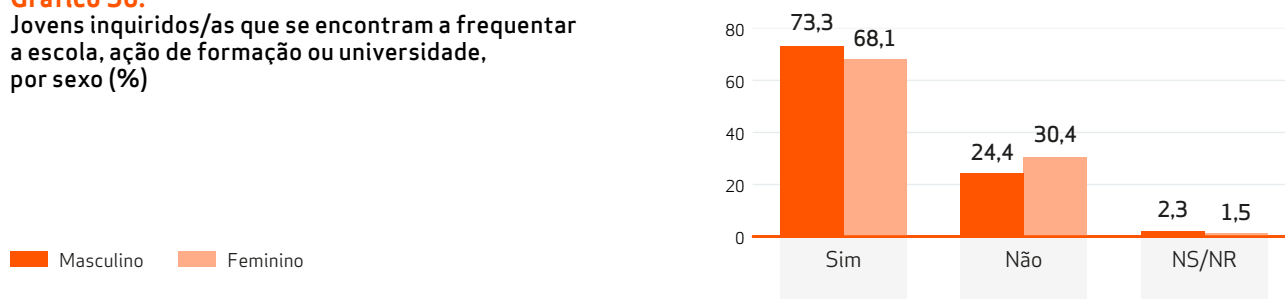
III.3.1. EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

A escola marca o quotidiano das pessoas jovens, o que fica patente nos 73% de rapazes e nos 68% de raparigas que, tendo respondido ao questionário, ainda se encontram a estudar. A diferença de percentagem entre sexos deve-se, sobretudo, ao facto de os primeiros apresentarem uma estrutura etária um pouco mais nova. Ou seja, 37% dos rapazes que responderam ao questionário têm menos de 18 anos; tal percentagem desce para 29% no caso dos elementos do sexo feminino.



22 Nico, Magda (2018). Plano Nacional da Juventude. Relatório parcial: áreas prioritárias e propostas.

Gráfico 36.
Jovens inquiridos/as que se encontram a frequentar a escola, ação de formação ou universidade, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

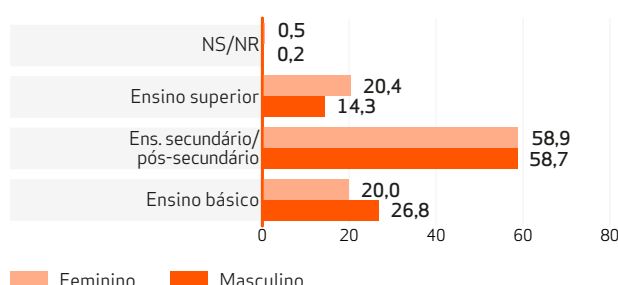
Se tomarmos em consideração o grupo de quem ainda se encontra a estudar, verifica-se que 59% já concluíram o ensino secundário, não havendo grandes diferenças entre os sexos. Mas, quando se olha para quem já tendo completado o ensino superior, continua em formação, verifica-se que a percentagem de jovens é de 20,4% entre as raparigas e 14,3%, entre os rapazes, o que aliás, está de acordo com os dados nacionais.²³

Entre quem já deixou a escola revela-se importante salientar os 8,5% (11% entre os rapazes e 7% entre as raparigas) que o fizeram tendo apenas cumprido o ensino básico. Porém, metade desta população completou pelo menos uma licenciatura sendo, uma vez mais, as mulheres a apresentarem percentagens superiores: 54,9%, face a 41,7% entre os elementos do sexo masculino.

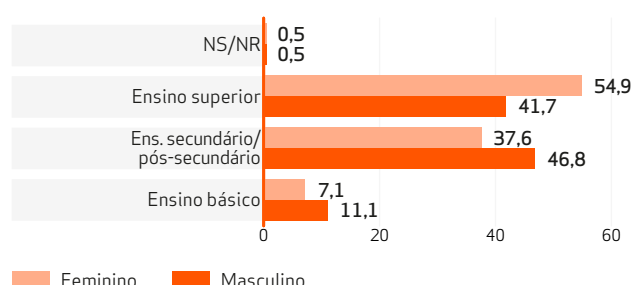
De qualquer modo, estes números parecem colocar Oeiras numa muito boa posição em relação ao cumprimento da meta estabelecida na Estratégia Europa 2020 de que pelo menos 40% das pessoas adultas, com idade entre os 30 e 34 anos, deverão ter concluído uma formação no ensino superior. Por outro lado, é de notar que o percurso tradicional de ingresso no ensino superior tem vindo a sofrer transformações substanciais no facto de alguns/algumas jovens adiarem a entrada no ensino superior, alternando períodos de trabalho com períodos de estudo, o que poderá significar uma tendência para o aumento das percentagens anteriormente referidas.²⁴

Gráfico 37.
Jovens inquiridos/as segundo o nível de escolaridade já completado, por sexo (%)

JOVENS QUE AINDA ESTUDAM



JOVENS QUE JÁ NÃO ESTUDAM



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

²³ Em 2018/2019 as mulheres representam 54,1% dos estudantes inscritos no ensino superior – dados do relatório o Estado da Educação, 2019.

²⁴ Vd. OECD (2020d). Education at a glance 2020. Paris: OECD. Publishing. Disponível em: <http://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/>.

Esta ideia de um concelho em que, em geral, as pessoas jovens atingem níveis de instrução elevados fez eco entre quem participou nos *workshops* temáticos realizados no contexto do estudo, acentuando-se o discurso do “concelho de Oeiras como o mais qualificado do país.”

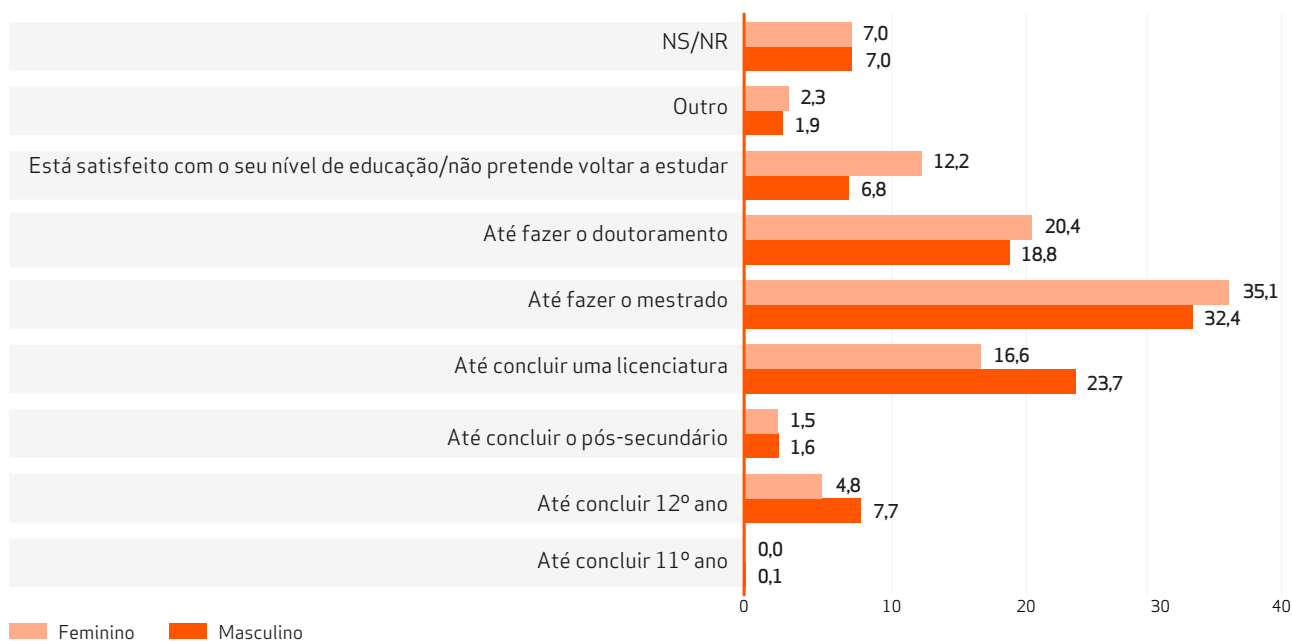
COMO É QUE OS/AS JOVENS VEEM O SEU PERCURSO ESCOLAR?

A nível nacional, dados recentes, a partir da aplicação do inquérito da Fundação Francisco Manuel dos Santos, apontam para o facto de que 77% dos jovens do ensino básico e secundário pretenderem continuar os seus estudos na universidade com vista à obtenção de i) melhores empregos (33%); ii) melhores salários (17%); iii) porque gostam de estudar (14%) e iv) porque sentem que têm uma vocação a seguir (12%) (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021).

Segundo os dados do questionário aplicado no concelho de Oeiras, 72% das raparigas e 74,9% dos rapazes pretendem prosseguir até concluírem, no mínimo, uma licenciatura.

Apesar das percentagens anteriores, são as raparigas que se revelam mais ambiciosas em relação ao seu percurso escolar já que são elas que, em maior percentagem, pretendem fazer mestrado (35%) ou doutoramento (20,4%).

Gráfico 38.
Jovens inquiridos/as segundo o nível de escolaridade
até onde gostariam de ter estudado/pretende alcançar,
por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Por outro lado, os/as jovens que revelam expectativas mais baixas em relação ao nível de instrução a alcançar são residentes na Freguesias de Porto Salvo e na União de Freguesias de Carnaxide e Queijas.

Do plano da idealização ao da concretização há, no entanto, um caminho a percorrer marcado por diversos fatores. Vejamos que problemas e principais desafios definem o trajeto educativo dos/as jovens inquiridos/as.

ESCOLA - QUE PROBLEMAS E DESAFIOS?

Inquiridas sobre a existência de problemas na escola (formação ou universidade) 11,6% das pessoas jovens inquiridas afirma que 'sim' e 86,3% aponta para a inexistência de tais problemas.

Quando perguntadas sobre o tipo de problemas que sentem na escola, as pessoas jovens respondentes ao questionário realçam, sobretudo, as dificuldades de concentração (73,5%), apontando, de seguida, o insucesso escolar (43,6%) sendo estes inequivocamente fatores que podem estar relacionados.

Olhando em retrospectiva, uma das entrevistadas realçava como as dificuldades de concentração, falta de acompanhamento no estudo e as condições de trabalho na família estão de mãos dadas com o insucesso escolar.



“Acredito que haja pessoas que têm muito mais entraves do que eu. [No meu caso] fundamentalmente foi em termos familiares, e também tenho condições como défice de atenção que deve ser atendido e hiperatividade (...).”

“A minha mãe trabalhava muito e houve um ano que eu até chumbei por faltas, eu já tinha boas notas, mas chumbei por faltas, porque a minha mãe saía, eu vestia-me e voltava para a cama. Nem era para fazer nada, era porque eu não gostava de ir àquela hora da manhã (...). O facto de a minha mãe, pronto, é mãe solteira, tinha muito trabalho, bancos de vinte e quatro horas, quarenta e oito. (...) Então tínhamos aqui uma dinâmica em casa diferente, sei lá, sei cozinhar desde que tenho quinze ou catorze anos por causa disso.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 26 anos, residente em Oeiras



A perceção da existência de problemas de concentração, ainda que sendo o problema mais sinalizado por ambos os sexos, é contudo maior entre o sexo feminino.

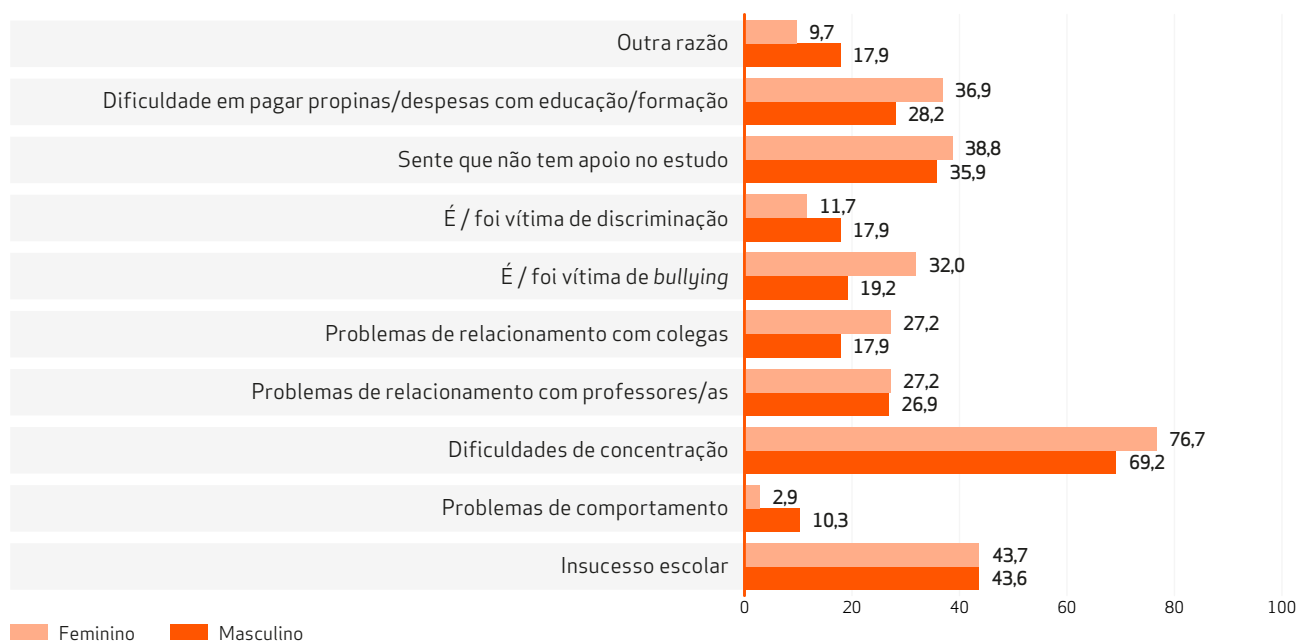
A este nível, podemos especular sobre a diferença entre as dificuldades reais e a capacidade de se pensar, a si e às suas dificuldades. Nesse sentido, como está estudado e foi mencionado pelos/as jovens participantes nas entrevistas e discussões nos *workshops*, os rapazes têm mais resistência em admitir a outros as dificuldades pelas quais passam o que, no limite, se poderá refletir na capacidade de o admitir a si mesmos, repercutindo-se tal em percentagens mais baixas por parte dos rapazes na identificação de certos problemas.

Ainda a propósito da perceção em torno dos problemas de concentração, importa que se faça também uma ressalva para o contexto de pandemia que se vivia no momento de aplicação do questionário cujas medidas de contenção terão certamente agravado alguns dos problemas identificados, como será o caso da capacidade de concentração.

No gráfico em baixo outros problemas se expressam: a dificuldade em pagar propinas ou despesas com a educação ou formação que entre as raparigas atinge os 37%; a falta de apoio no estudo (38,8% entre as raparigas; 35,9% entre os rapazes).

Interessante é também o facto de serem maioritariamente rapazes a sinalizarem problemas de comportamento (10,3%) e a identificarem-se como vítimas de discriminação; quanto às raparigas há tendência para que sejam elas a referirem a existência de problemas de relacionamento com colegas e a se identificarem como vítimas de *bullying*.

Gráfico 39.
Jovens inquiridos/as segundo o tipo de problemas
sentidos na escola, na formação ou na universidade,
por sexo (%)²⁵



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Ainda sobre os problemas identificados pelos/as próprios/as jovens, no domínio da sua participação na escola, algumas diferenças entre as freguesias se podem identificar:

- + os problemas com colegas são particularmente referidos pelos/as jovens respondentes da União de Freguesias de Carnaxide e Oeiras;
- + são os/as jovens da Freguesia de Barcarena que em maior percentagem se identificam como vítimas de *bullying* e como vítimas de discriminação;
- + o sentimento de que não tem apoio no estudo e as dificuldades em pagar as propinas foram mais expressas pelos/as jovens respondentes da Freguesia de Porto Salvo.

PRINCIPAL DESAFIO – LIDAR COM O FATOR PRESSÃO QUE É A ESCOLA

Questionados/as sobre os desafios que a escola coloca a resposta que se evidencia, quer nos rapazes, quer nas raparigas, é a necessidade de saber lidar com a pressão que a escola representa - 70% respondeu neste sentido. Tal não pode deixar de estar relacionado com outras questões também apontadas: orientação para o sucesso educativo; entrar para a universidade e concluir o ensino universitário. São as pessoas respondentes residentes em Porto Salvo quem de um modo mais evidente expressa tal ideia (75%).

²⁵ As percentagens não somam 100% pois cada pessoa respondente podia identificar mais do que um problema.

Alguns testemunhos das entrevistas apontam para aquela relação e dão conta do significado desta pressão numa fase da vida em que uma boa parte dos/as jovens se sente pouco preparada para as escolhas que se impõem num contexto onde não sentem muito apoio nem orientação:



“A minha escola estava sempre muito preocupada com o ranking.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 26 anos, residente em Algés

“Eu acho que logo ali, na fase quando nós vamos para o secundário, há uma pressão muito grande para nós decidirmos logo o que é que nós queremos ser quando crescermos e acho que isso começa logo a criar uma pressão muito grande nos estudantes. Aquela decisão de para “onde é que eu vou seguir? Se quiser voltar atrás tenho de voltar para o 10º ano todo...! Aconteceu-me isso, eu fiz dois anos 10º e 11º ano em ciências (...). É uma idade complicada (...) e os professores não percebem muito bem que nós estamos a passar esta fase de decisão que é complicada para nós. Até para mim! Eu andei em duas universidades diferentes já também porque não tinha a certeza do que é que queria e já era mais velha. (...) Mas sim, o que eu sinto mais em termos de escola é mesmo a falta de compreensão, tanto dos professores como dos pais, que não dão aquele apoio para perceberem as nossas indecisões e que não é fácil escolher um caminho sendo tão novos. E isso acaba por ser aqui uma pressão que nos faz pensar em desistir, que nos faz pensar se não devemos tirar um ano e depois esse ano torna-se o resto do tempo a trabalhar.”

Jovem entrevista, sexo feminino, 24 anos, residente em Carnaxide



Tal como se pode ver no gráfico em baixo, não existe grande diferença entre rapazes e raparigas na identificação dos desafios ‘ter sucesso na escola’ e entrar/concluir o ensino universitário mas a pressão que a escola exerce é, sem dúvida, mais sentida pelas raparigas (77,5% face a 60,4% dos rapazes) o que inclusivamente tem sérias repercussões no domínio da sua saúde mental.



Gráfico 40.
Jovens inquiridos/as segundo os principais desafios
sentidos relativamente à educação/formação,
por sexo (%)²⁶



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Outros desafios apontados no questionário merecem também referência por terem sido reforçados nos discursos das/os jovens nas entrevistas e nos *workshops*. Referimo-nos ao (des)interesse nas matérias escolares, apontado em maior percentagem pelos/as jovens residentes em Barcarena, sendo que algumas/alguns jovens apontam algumas questões associadas a esta preocupação:

- + A não valorização das artes no ensino secundário, por comparação à área de Ciências e Tecnologias - “Queremos é formar pessoas que vão para ciências e tudo mais” (jovem entrevistado);
- + A fraca orientação da escola para a formação para a cidadania e para a promoção de competências pessoais como seja o sentido crítico;



“A educação é sem sombra de dúvida o nós termos cidadãos felizes e cidadãos que tenham sentido crítico. Para mim eu acho que é o mais importante no processo educacional. Não é ter o doutoramento, não é ter licenciatura, não é ter o 12º ano, não é ter o ensino profissional. O mais importante é que sejam pessoas, sejam bons cidadãos e tenham sentido crítico. Que para mim é o fundamental nesta nossa nova democracia. Posto isto, obviamente que até mesmo quem já tem uma licenciatura, ganha pouco mais do que o salário mínimo, hoje em dia para se ganhar mais ou menos convém ter um mestrado ou um doutoramento.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 18 anos, residente em Carnaxide



26 As percentagens não somam 100% pois cada pessoa respondente podia identificar mais do que um desafio.

- Para além da fraca aposta na formação para a cidadania as/os jovens auscultados/as referem-se, de modo mais genérico, à falta de adequação/interesse de alguns conteúdos programáticos:



Cabe ainda referir a distância entre as escolas e a área de residência que afeta estudantes de algumas freguesias:



Finalmente, um ponto que não é levantado pelo inquérito mas referido em entrevista é o excesso de burocracia nos processos de candidatura de jovens estrangeiros/as. Uma jovem trabalhadora-estudante de nacionalidade brasileira, com 24 anos, a residir e trabalhar em Oeiras. A jovem faz referência ao elevado volume de “papeldada”, às informações contraditórias quando prestadas por diferentes funcionários/as e à capacidade dos serviços de atendimento serem efetivamente úteis a um processo de integração na instituição de acolhimento.



“A transferência dos meus irmãos para cá foi bem complicada e a minha também. A parte administrativa tanto da escola como da minha faculdade deixaram bastante a desejar. (...) Eram muitos documentos, depois quando a gente levava os documentos, sempre diziam que estava faltando mais isso, mais aquilo e aí depois quando a gente voltava com aquele documento, a próxima pessoa que atendia a gente dizia que aquele documento que a gente foi conseguir por último não era necessário, então foi tempo perdido, foi mesmo a má sorte (...).”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 24 anos, residente em Oeiras



III.3.2. USOS DOS TEMPOS LIVRES E PRÁTICAS CULTURAIS E DESPORTIVAS

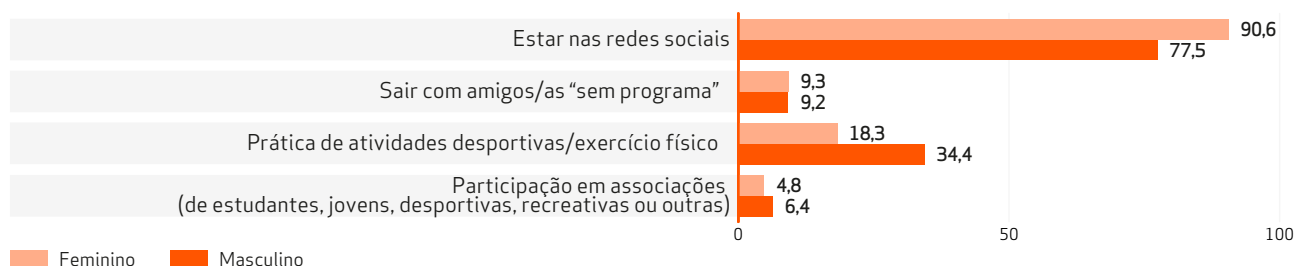
Não foi objeto do presente estudo conhecer em profundidade as práticas culturais dos/as jovens inquiridos/as. Considerou-se, no entanto, importante uma abordagem ao tipo de ocupação dos tempos livres e de lazer.

Os resultados obtidos, não sendo de estranhar, apontam no sentido de uma forte presença das redes sociais, e outras atividades on-line, na vida dos jovens. Ou seja, 90,6% das jovens raparigas e 77,5% dos jovens rapazes afirmam que todos os dias passam tempo nas redes sociais (não se tendo contabilizado o número de horas), não havendo nenhuma outra atividade quotidiana que se compare a essa em termos de expressão percentual.

A prática quotidiana de atividades desportivas cai para 34,4%, no caso dos jovens do sexo masculino e para 18,3% no caso das jovens do sexo feminino. O estar com amigos/as, sair “sem programa” apresenta uma percentagem de cerca de 9% em ambos os sexos. A presença e envolvimento diário em associações não ultrapassam os 6,4%, entre os rapazes e 4,8% entre as raparigas.

Claro que estas percentagens não podem ser compreendidas sem uma referência aos tempos especiais vividos no momento de aplicação do questionário. Com efeito, não é possível ignorar o facto de a pandemia ter “atirado” ainda mais os/as jovens para atividades do mundo digital, para práticas de natureza mais solitária, limitando encontros e contactos físicos como os que estão implícitos nas saídas com pessoas amigas, seja sem programa ou para ir a certos equipamentos recreativos.

Gráfico 41.
Jovens inquiridos/as segundo as práticas que realizam diariamente, por sexo (%)



Duas notas são importantes ser feitas. Uma delas prende-se com a diferença de 13,1 pp entre raparigas e rapazes que afirmaram estar todos os dias nas redes sociais. Tendo este dado sido discutido nos *workshops*, as jovens do sexo feminino são identificadas como maiores utilizadoras, dada a importância que as redes assumem no controlo do seu próprio corpo e na divulgação de padrões de beleza os quais as raparigas sentem que devem cumprir.

A outra nota serve para salientar as percentagens mais elevadas de participação diária em atividades associativas entre os/as jovens que residem em empreendimentos municipais: 5,8% entre as raparigas; 9,3% entre os rapazes revelando-se uma vida associativa mais ativa nestes meios, o que não deixa de ser um dado de extrema importância para uma dinâmica de inclusão social.

A partir de uma perspetiva complementar à anterior há que considerar a existência de jovens que afirmaram nunca desenvolver algumas das atividades de lazer incluídas no questionário.²⁷

Entre estas, a que apresenta percentagens mais elevadas é a participação em associações. As raparigas são quem em maior número referem não participar (56,2% face a 48,4% dos rapazes) e, apesar de, como se viu anteriormente, a participação associativa de jovens ser mais frequente em empreendimentos municipais, também aí a não participação assume um rosto mais feminino.

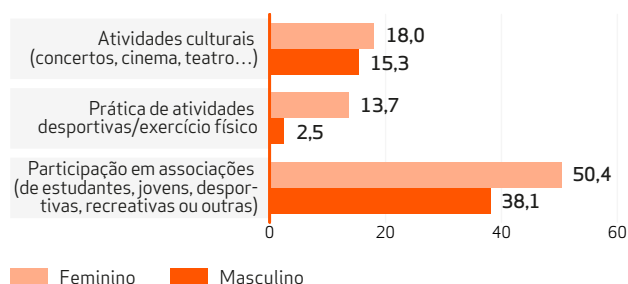
Relativamente à ausência de práticas de consumo de bens e serviços culturais e desportivos verifica-se:

- + A não frequência de atividades como concertos, cinema e teatro em percentagens que, no total da população inquirida, ronda os 10%. O acesso é, sobretudo, menor para as raparigas que se disseram residentes em empreendimentos municipais – 18% afirmou nunca participar em atividades desta natureza.
- + A ausência de hábitos de prática desportiva é mais frequente entre as raparigas (7,9% face a 2,6%) sendo bastante mais elevada nas raparigas que residem em empreendimentos municipais (13,7%).

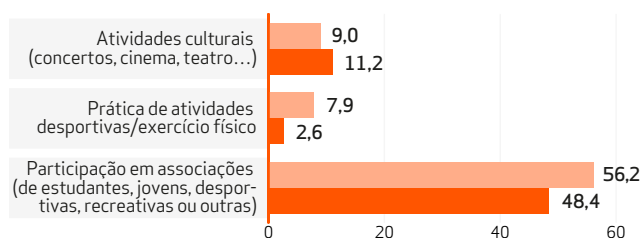
As maiores responsabilidades domésticas das raparigas, sobretudo em meios economicamente mais frágeis; a conexão de que algumas atividades “não são para raparigas”; a distância das zonas de residência em relação a alguns equipamentos desportivos e recentes alterações em alguns equipamentos ao ar livre do concelho, foram aspetos enunciados nos *workshops* como dificultando mais o acesso dos elementos do sexo feminino à prática desportiva.

Gráfico 42.
Jovens inquiridos/as segundo as práticas que nunca realizam, por sexo (%)

JOVENS INQUIRIDOS/AS QUE RESIDEM EM EMPREENDIMENTOS MUNICIPAIS



TOTAL DE JOVENS INQUIRIDOS/AS



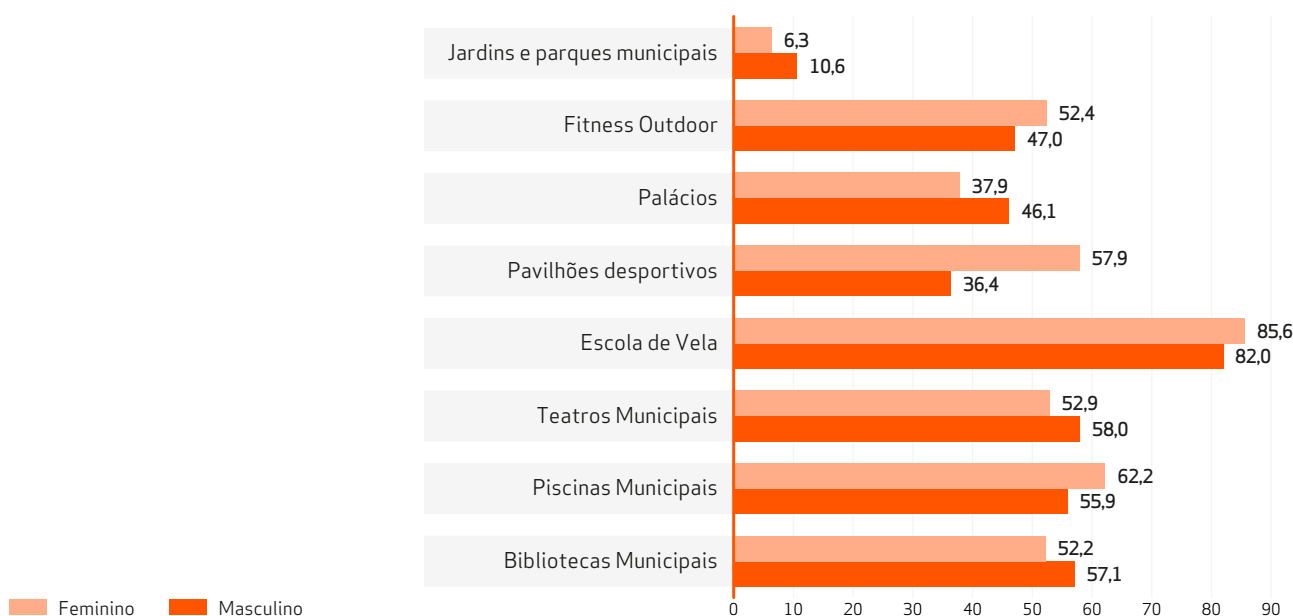
Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

²⁷ A pergunta foi colocada de modo a perceber quais as atividades realizadas: Todos os dias; Pelo menos uma vez por semana; Pelo menos uma vez por mês; Uma a duas vezes por ano; Nunca.

OS EQUIPAMENTOS CULTURAIS E DESPORTIVOS DO CONCELHO E SUA UTILIZAÇÃO

Vale a pena agora focarmo-nos na utilização de equipamentos do Concelho que a população jovem inquirida afirma nunca frequentar.

Gráfico 43.
Jovens inquiridos/as que **nunca** frequentam os
equipamentos do concelho, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Através do gráfico anterior é possível dizer que:

- + Há equipamentos que não são frequentados por mais de metade dos/as jovens inquiridos/as: *Fitness Outdoor*; Escola de Vela; Teatros Municipais; Piscinas Municipais; Bibliotecas Municipais;
- + Os equipamentos menos utilizados tanto por rapazes, como por raparigas são: a Escola de Vela que pelo tipo de atividade e dimensão terá uma capacidade menor de abrangência; os Teatros Municipais e as Bibliotecas;
- + Os Pavilhões Desportivos e as Piscinas Municipais têm, sobretudo, uma frequência masculina.

Os jardins e parques são, comparativamente com os restantes, os mais utilizados, no entanto importa salientar que 6,3% das raparigas e 10,6% dos rapazes refere nunca frequentar esses espaços.

Ainda em relação à maior utilização dos Pavilhões Desportivos por parte dos rapazes, tal poderá relacionar-se com os desportos coletivos mais praticados serem considerados tipicamente “masculinos”.

- + É na União de Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e cruz Quebrada/Dafundo que mais jovens afirmam nunca frequentar as Piscinas Municipais.
- + A União de Freguesia de Oeiras, São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias é onde se verifica a maior percentagem de jovens que afirmam nunca frequentar os Pavilhões Desportivos.
- + Na Freguesia de Porto Salvo mais jovens referem nunca frequentar a Escola de Vela.

Estas participantes, jovens voluntárias no âmbito da intervenção/dinamização comunitária nos bairros onde residem, realçam a importância desses espaços multivalentes, que funcionam como agregadores multigeracionais e onde os usos do tempo conjugam lazer e socialização com trabalho de cuidado. A propósito, partilharam com os/as demais um episódio que junta a importância da materialidade destes espaços e como é crucial que as tomadas de decisão sejam participadas, em articulação com as comunidades, ao nível do planeamento municipal. Aquando da realização de obras no espaço público, afirmaram as/os participantes, é fundamental que seja realizado um processo de auscultação às comunidades que lhes permita vocalizar as suas necessidades o que contribui para um sentimento de pertença e fomenta a utilização prazerosa desses espaços.

Retomando os dados do inquérito, e para além das já mencionadas assimetrias de género na frequência de alguns equipamentos, existem também algumas diferenças em termos de idade. Com efeito, equipamentos como os Pavilhões Desportivos, as Piscinas Municipais e as Bibliotecas fazem menos parte dos tempos de lazer das faixas etárias mais velhas (25 e mais anos) que, por sua vez, tendem a utilizar mais do que outras idades o *Fitness Outdoor*, por exemplo.

Para finalizar esta análise importa salientar que quando se considera a população jovem inquirida residente em empreendimentos municipais (aqui entendidos como uma expressão das desigualdades sociais existentes no concelho) verifica-se que as percentagens que expressam uma utilização dos referidos equipamentos do concelho são mais elevadas do que para a população jovem, em geral.

AVALIAÇÃO DO ACESSO À CULTURA, INFORMAÇÃO, E SATISFAÇÃO COM A OFERTA CULTURAL E DESPORTIVA DE OEIRAS

No questionário foi solicitado às pessoas jovens respondentes que se pronunciassem relativamente a quatro afirmações que permitem compreender o acesso à informação e a bens de natureza cultural oferecidos no concelho e a satisfação dos/as jovens com os mesmos.

+ “Eu tenho acesso à cultura”

Mais de 80% do total da população jovem inquirida posicionou-se como estando de acordo com esta afirmação. Ainda que as diferenças entre sexos não sejam dignas de registo há, no entanto, uma dissonância que interessa apontar. Com efeito, nos/as jovens em geral são as raparigas que tendem mais a manifestar concordância com a frase; entre quem reside em empreendimentos municipais a tendência é oposta.

+ “Eu tenho acesso à informação”

A grande maioria dos/as jovens, em geral, considera que tem acesso à informação, sendo que são os jovens do sexo masculino que, numa percentagem um pouco maior, concorda com a frase apresentada: 83,5% e 80% de rapazes e raparigas, respetivamente. A diferença entre rapazes e raparigas é, contudo, muito mais expressiva entre jovens residentes em empreendimentos municipais: 78% dos rapazes concordam com a afirmação “eu tenho acesso à informação”; a percentagem desce para 69,8% nas raparigas.

+ “Estou satisfeito/a com a oferta desportiva em Oeiras”

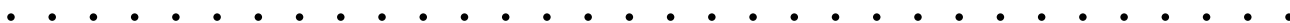
São os/as jovens da Freguesia de Barcarena quem manifesta maior satisfação com a oferta desportiva no concelho. Neste domínio encontramos também uma diferença expressiva entre a opinião de rapazes e de raparigas. A percentagem de concordância com a frase é de 65,4% nas jovens do sexo feminino e de 70,3% nos jovens do sexo masculino. Mas esta diferença percentual de 4,9 pp sobe para 14,8 pp quando se considera os/as jovens residentes em empreendimentos municipais.

No *workshop* dedicado à temática, surgiram duas questões muito importantes.

Por um lado, as raparigas têm mais responsabilidades familiares, têm um dia a dia mais ocupado o que lhes retira tempo para certas atividades como seja a prática de desporto: *“As nossas mães ou são donas de casa ou têm trabalhos que lhes ocupa o dia todo, e quando chegam só têm tempo de cuidar da casa. A vida social delas não é muito diversa. As raparigas são muitas vezes quem toma conta dos irmãos. Elas não têm realmente oportunidade de ocupar estes sítios.”* (Participante em *workshop*).

Por outro lado, foi reconhecido como a persistência de estereótipos de género condicionam o acesso das raparigas a certos recursos: *“a própria sociedade às vezes é um bocado machista no sentido em que há coisas que são de mais fácil acesso para alguém do sexo masculino e não do feminino.”*

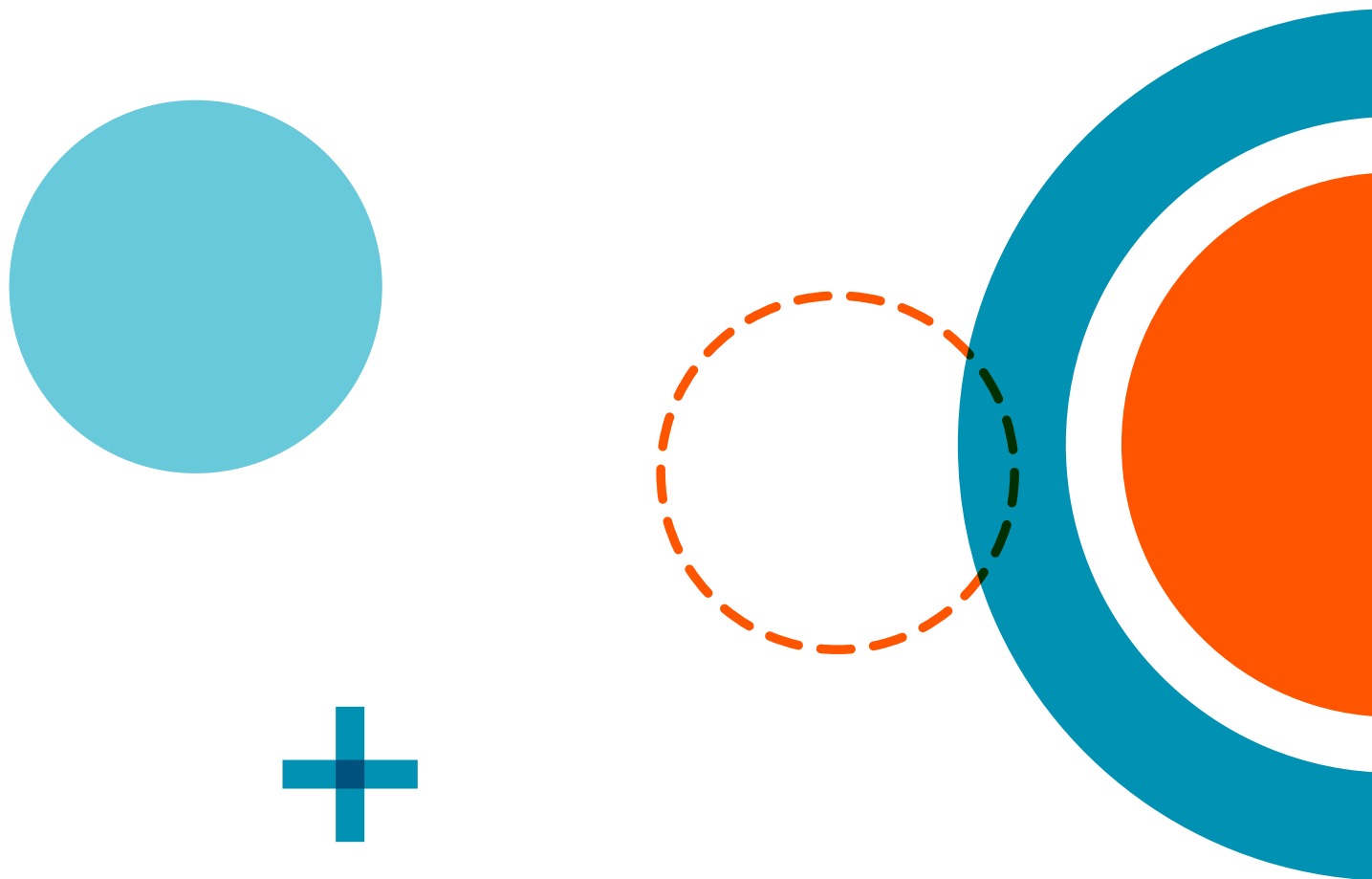
Ainda relacionado com esta questão está o tipo de oferta desportiva por relação aos gostos e às conceções do que são práticas desportivas socialmente “recomendadas” para raparigas: *“Sobretudo no nosso bairro, o desporto que move as raparigas é o hip-hop e o andebol feminino. Mas para os rapazes já há boxe, karaté, futebol, basquete...”*, o que significará que as possibilidades de escolha para as raparigas são mais limitadas.



+ “Estou satisfeito/a com a oferta cultural em Oeiras”

Esta é a frase que gera menos consenso, relativamente às restantes. Ainda assim, a percentagem de concordância com a frase é de pouco menos de 70% não havendo diferenças entre rapazes e raparigas. Os pareceres de quem participou no *workshop* temático são muito positivos: *“Não conheço um município em Portugal que tenha oferta como Oeiras tem. A adesão é brutal, se a oferta for divulgada eles vão”*, dizia uma profissional. No entanto, e à semelhança do que se verifica com a oferta desportiva, há uma grande diferença entre raparigas e rapazes a residirem nos empreendimentos sociais no que diz respeito à sua satisfação com a oferta cultural no concelho – 59,9% para as primeiras; 70,6% para os segundos.

Este é um dado que sem dúvida revela, de novo, mais dificuldades por parte das jovens a acederem a bens e recursos de âmbito cultural.



III.4. TRABALHO, FORMAÇÃO PROFISSIONAL E PERSPETIVAS DE FUTURO

O ODS 8 refere-se ao 'Trabalho Digno e Crescimento Económico'. Tem como principal intuito a promoção do crescimento económico inclusivo e sustentável, o emprego pleno e produtivo e o trabalho digno para todas as pessoas sendo, pois, um objetivo com grande potencial de impacto na vida das pessoas mais jovens. Apesar disso, apenas 6,5% dos/as jovens respondentes afirma conhecer e estar envolvido/a em atividades que o concretizam.

Também o Plano Nacional de Juventude (PNJ), que vigorou no período de 2018-2021, reconhece a importância do trabalho como elemento estratégico para a autonomia das pessoas mais jovens, definindo o emprego como uma das suas áreas de intervenção e estabelecendo como prioridade: "Promover a efetivação do direito ao emprego digno e inclusivo, generalizando um mais rápido e melhor acesso ao primeiro emprego e combatendo a precariedade, com vista à sustentabilidade do processo emancipatório e criação de autonomia das pessoas jovens".²⁸

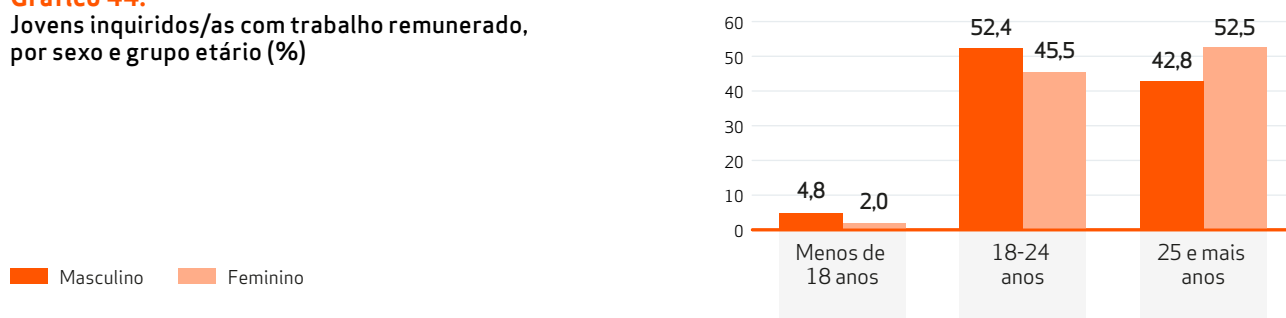
Mas como é que a situação dos/as jovens face ao trabalho se aproxima, ou afasta, da concretização destes objetivos?

III.4.1. JOVENS E O DESEMPENHO DA ATIVIDADE PROFISSIONAL

É de 36,1% a percentagem de jovens que tem trabalho ou profissão, incluindo-se aqui 168 pessoas que afirmaram ser trabalhadoras/estudantes o que significa, no universo de inquirição, um total de 717 jovens a trabalhar.²⁹ Neste grupo não há diferenças significativas entre o peso percentual de homens e de mulheres.

No entanto, quando se analisam as diferentes faixas etárias verifica-se que as mulheres a trabalhar são mais velhas (52,5% têm 25 ou mais anos) enquanto a maior parte dos jovens rapazes se enquadra nos menos de 25 anos (57,2%).

Gráfico 44.
Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado,
por sexo e grupo etário (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

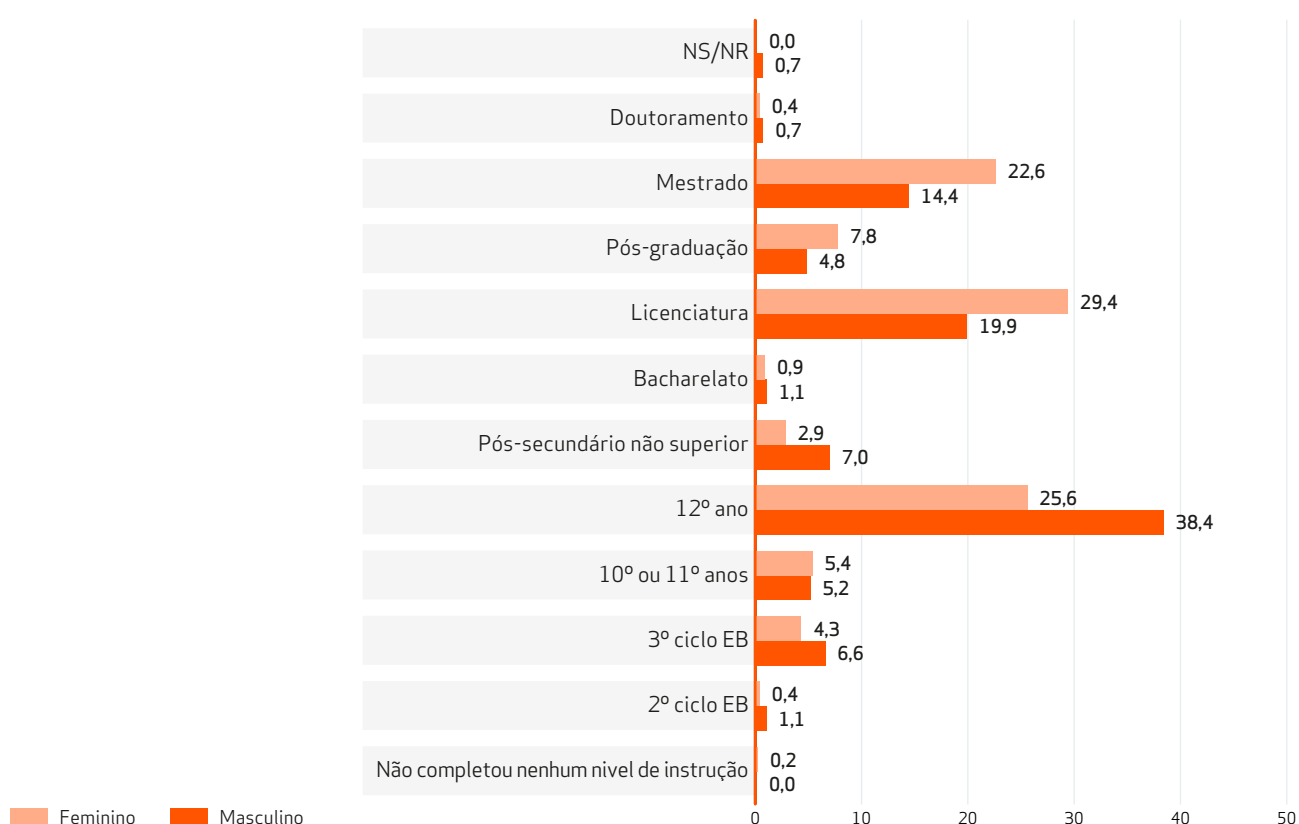
Estes dados não podem deixar de estar relacionados com os percursos escolares de uns e de outras.

²⁸ Resolução do Conselho de Ministros n.º 114-A/2018 de 04 de Setembro.

²⁹ No recente estudo da Fundação Francisco dos Santos a percentagem de jovens a trabalhar é de 50% mas deve notar-se que a faixa etária considerada está compreendida entre os 15 e os 34 anos o que aumenta a probabilidade de as pessoas jovens já estarem inseridas no mercado de trabalho.

Com efeito, as jovens mulheres apresentam níveis de escolaridade mais elevados - mais de metade (59,8%) tem escolaridade de nível superior, nomeadamente licenciatura, pós graduação e mestrado. Já cerca de 51% dos jovens do sexo masculino concluíram, no máximo o ensino secundário. Ou seja, percursos escolares mais prolongados entre as raparigas levam a uma entrada mais tardia destas no mercado de trabalho, face a uma entrada tendencialmente mais precoce por parte dos rapazes que, por sua vez, encurtam os seus anos de escolaridade.

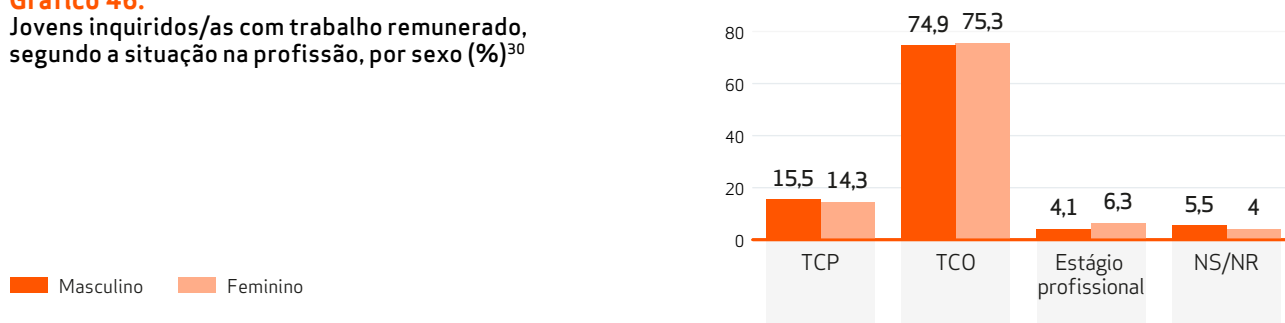
Gráfico 45.
Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado, por nível de escolaridade e sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

A maioria das/os jovens a trabalhar fazem-no como trabalhadores/as por conta de outrem, tal como se pode ver no gráfico em baixo, donde decorre que são cerca de 15% as/os jovens que exercem uma atividade profissional por conta própria, não havendo grandes diferenças entre as percentagens de homens e de mulheres trabalhadores/as por conta própria.

Gráfico 46.
Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado,
segundo a situação na profissão, por sexo (%)³⁰



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

A criação do próprio emprego, por parte das pessoas jovens, surge ciclicamente na agenda política como uma estratégia de combate ao desemprego juvenil. Espírito empreendedor, criatividade, boa capacidade de comunicação/expressão, saber lidar com o risco e com a incerteza são competências associadas ao empreendedorismo³¹ que, com frequência, surge em discursos como competências que carecem ser desenvolvidas nas pessoas mais jovens.

Nos *workshops*, realizados no contexto do estudo, esta foi uma questão considerada como pertinente, sobretudo pelas/os profissionais presentes que reforçam a ideia da necessidade de uma maior proatividade por parte de algumas pessoas jovens. No entanto, importa não descuidar que, apesar de existirem alguns programas de apoio ao empreendedorismo jovem, o financiamento atribuído é limitado, bem como limitada é a capacidade de acompanhamento dos negócios criados. Assim, “o desenvolvimento de um negócio próprio como forma de autoemprego (...) traduz-se muitas vezes em negócios de pequena dimensão e com reduzida capacidade de gerar emprego” (Ferreira, T., & Vieira, M. M.M., 2018: 10).

A ROTATIVIDADE DO TRABALHO JOVEM

Uma das questões que tem sido evidenciada nos estudos sobre a juventude é a elevada rotatividade do trabalho jovem.³² Esse é também um dado que se salienta das respostas aos questionários aplicados a jovens do concelho de Oeiras. Com efeito, um pouco mais de 60% das pessoas respondentes a trabalhar no momento de resposta ao questionário já tiveram outro trabalho para além do atual. Esta rotatividade atinge mais as mulheres - 67,9% face a 58,7% dos jovens homens trabalhadores - o que é, desde já, revelador de que as jovens estão sujeitas a uma maior instabilidade do que os rapazes. Por outro lado, é na Freguesia de Porto Salvo que encontramos uma maior percentagem de jovens que referem a existência do desempenho de atividades profissionais anteriores à atual (69%) e na União de Freguesias de Carnaxide e Queijas onde tal percentagem é menor (57%).

Tendo em conta a existência destes movimentos de entradas e saídas do mercado de trabalho cerca de 64% dos/as jovens exerce a sua atividade profissional atual, no máximo há dois anos. Em coerência com os dados anteriores são as raparigas que, em menor percentagem, têm a mesma atividade profissional há mais tempo (11% face a 14,8% dos rapazes, há mais de 5 anos).

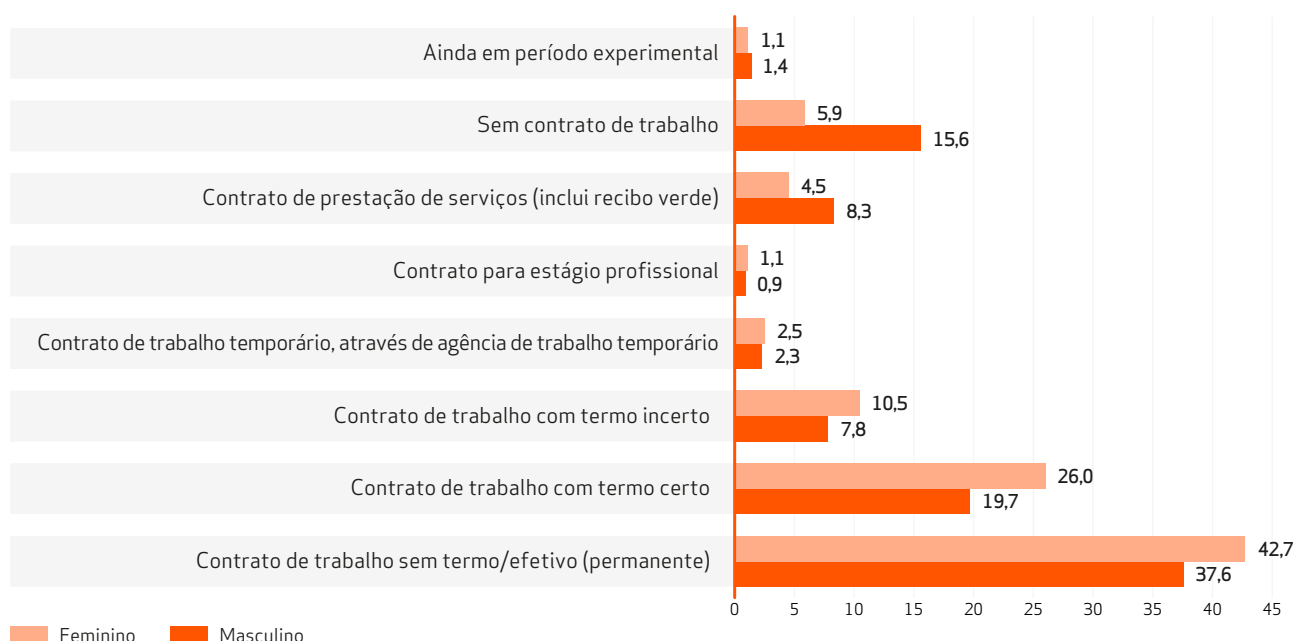
³⁰ Foram consideradas as pessoas respondentes com mais de 15 anos.

³¹ Vd. Duarte, A. M. (2013). “De precário e empreendedor todos temos (que ter) um pouco? Reflectindo sobre as narrativas de construção da identidade do trabalhador contemporâneo”. In Marques, A.P.; Gonçalves, C.M. & Veloso, L. (coord.) *Trabalho, Organizações e Profissões: Recomposições conceptuais e desafios empíricos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, 13-31.

³² Vd, entre outros: Ferreira, V.S. et al. (2017). *Geração milénio?: um retrato social e político*. Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

Ainda associado a este contexto está o tipo de laços estabelecidos entre quem trabalha e a entidade empregadora, através de um contrato de trabalho.

Gráfico 47.
Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo
o tipo de contrato, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

As respostas ao questionário aplicado a jovens do concelho apontam para uma situação muito idêntica à revelada pela informação recolhida junto do Gabinete de Estatística e Planeamento do Ministério do Trabalho e da Segurança Social, referente ao total da população jovem a trabalhar nos estabelecimentos do concelho. Ou seja, através de ambas as fontes se pode dizer que predominam os contratos que “empurram” os/as jovens para períodos mais ou menos curtos de trabalho que se intercalam com períodos no desemprego. Com efeito, cerca de 54% da população jovem a trabalhar fá-lo ao abrigo de contratos não permanentes de trabalho. Incluem-se aqui, como expoente máximo da precariedade, as pessoas que não têm qualquer vínculo contratual (que atinge quase 16% da população jovem trabalhadora do sexo masculino) e as situações de “falsos recibos verdes”³³ (8,3% para os homens e 4,5% para as mulheres).

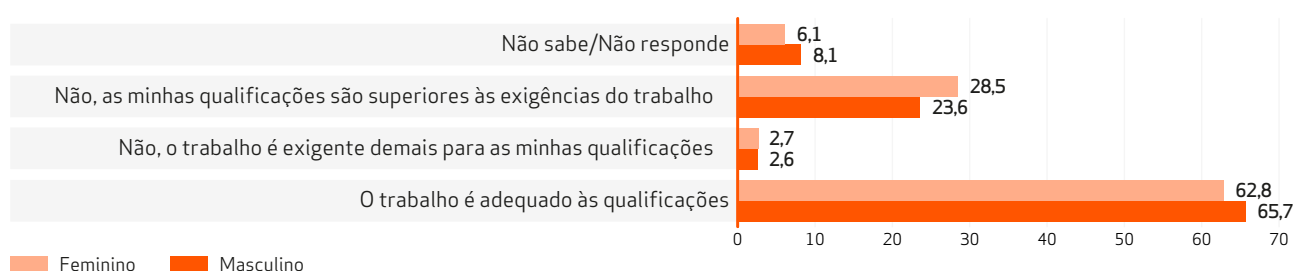
33 Dizemos falsos recibos verdes pois estas pessoas consideraram-se como trabalhadoras por conta de outrem, o que pressupõe uma relação entre empregador e empregado, mencionando porém, simultaneamente, que passam recibos verdes.

ADEQUAÇÃO DAS QUALIFICAÇÕES AO TRABALHO DESEMPENHADO E SATISFAÇÃO PROFISSIONAL

A adequação entre o tipo de trabalho realizado e as qualificações dos/as próprios/as jovens é uma dimensão importante da realização pessoal e profissional. Questionados/as sobre esta questão, 64% dos/as jovens considera que o seu atual trabalho está adequado ao seu nível de instrução/qualificação, havendo uma maior percentagem dos homens a afirmarem essa adequação - 65,7% face a 62,8% das mulheres. No entanto, 26,6% consideram-se “desaproveitados/as” já que afirmam ter qualificações superiores às exigências do trabalho, opinião que apresenta um peso percentual um pouco superior no caso das mulheres (28,5% face a 23,6% dos homens). Se considerarmos os níveis de instrução são as pessoas com licenciatura, ou mais, as que tendem a considerar que têm mais qualificações do que lhes é exigido em contexto profissional.

Gráfico 48.

Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo a adequação das qualificações ao mesmo, por sexo (%)

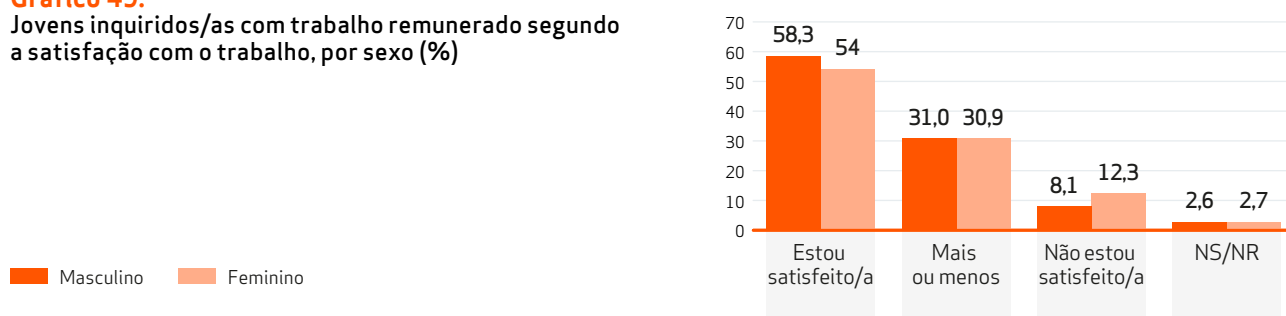


Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Quando questionados/as diretamente sobre a satisfação que sentem face ao atual trabalho que realizam³⁵, os/as jovens revelam maioritariamente um sentimento positivo. Ou seja, mais de metade dos homens e das mulheres jovens respondentes afirmam estar satisfeitos/as com o atual trabalho que desempenham presentemente, sendo mais os jovens do sexo masculino que assume uma posição clara em relação à satisfação no trabalho - 58,3% face a 54% das mulheres.

Gráfico 49.

Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo a satisfação com o trabalho, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

35 Numa escala que considera três situações: Estou satisfeito/a; Mais ou menos satisfeito/a; Insatisfeito/a.

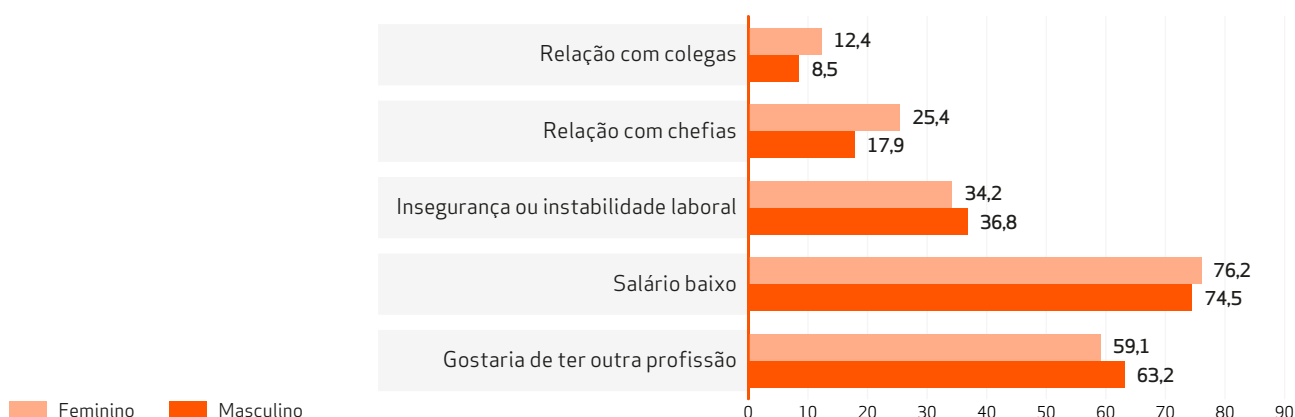
Se considerarmos os níveis de instrução, são as/os jovens com o ensino secundário/pós-secundário quem, em maior percentagem (59%) revelam satisfação com o trabalho que realizam; por outro lado, são aqueles e aquelas que alcançaram um nível de instrução superior que apresentam uma maior percentagem na resposta “mais ou menos”, revelando, pois, algum desconforto a este nível associado, provavelmente, a maiores exigências.

Junto de quem respondeu “não estou satisfeito/a” ou “estou mais ou menos satisfeito/a” foram questionadas as razões que podem motivar tal insatisfação.

SALÁRIOS BAIXOS E O DESGOSTO PELA PROFISSÃO

Os salários baixos são o motivo mais referido, tanto por mulheres (76,2%), como por homens (74,5%), para justificar a insatisfação com a profissão que desempenham, tal como se pode ver no gráfico em baixo.

Gráfico 50.
Razões apontadas pelos/as jovens inquiridos/as com trabalho remunerado para a não satisfação com o atual trabalho, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Quando olhamos para as diferenças no território, é na União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada/Dafundo que este motivo é mais apontado (82%).

Seguidamente surge o desejo de ter outra profissão (um pouco mais frequente entre a população masculina). O terceiro motivo mais mencionado (por mais de 30% das pessoas respondentes) está relacionado com a ‘insegurança e instabilidade laboral’, sendo que este é também um motivo mais enunciado pelos rapazes. Há, por outro lado, duas razões justificadoras da insatisfação face ao trabalho, que as mulheres apresentam em maior percentagem, sendo elas as relações com colegas e com as chefias, o que pode ser revelador uma maior importância atribuída pelas mulheres às emoções e relacionamentos interpessoais, mesmo em contexto de trabalho.

Mas é sobre a estreita relação entre salários e “(des)gosto” pelo trabalho/profissão de que falam os/as jovens nas entrevistas, tendo este também sido tema de debate nos *workshops* com os/as jovens, levando à afirmação de que ambos os elementos são igualmente importantes:



“Eu acho que o que mais me preocupa é o lado financeiro, este é o lado que me motiva a trabalhar. Mas quero trabalhar numa coisa que eu goste e que me faça sentido. Claro que é muito importante também ter estabilidade financeira portanto acho que isso... o salário como a motivação para o trabalho e o interesse na área de trabalho são muito importantes. Eu não consigo dizer qual é que é mais importante. São os dois.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Algés

“Eu diria que é encontrar um trabalho bem remunerado e que se adeque às qualificações. E acima de tudo, isto talvez seja uma coisa que para algumas pessoas não interessa, mas que eu sinto que é o mais difícil de encontrar que é um trabalho em que se sintam minimamente realizados e felizes num contexto. Que possam fazer alguma coisa que gostam e também com pessoas que se sintam bem a estar com. Acho que é isso.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 25 anos, residente em, Algés



Independente do fator motivação, os salários surgem nos discursos dos/as jovens como baixos e com fraca capacidade para proporcionar a independência esperada quando se inicia uma atividade profissional.



“Neste momento, os meus amigos que decidiram não estudar mais, foram pedir trabalho a superfícies comerciais, (...), e recebem mas recebem mal. Recebem o suficiente para as suas despesas próprias, não propriamente para sair de casa, não propriamente para constituir uma família”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 20 anos, residente em Barcarena

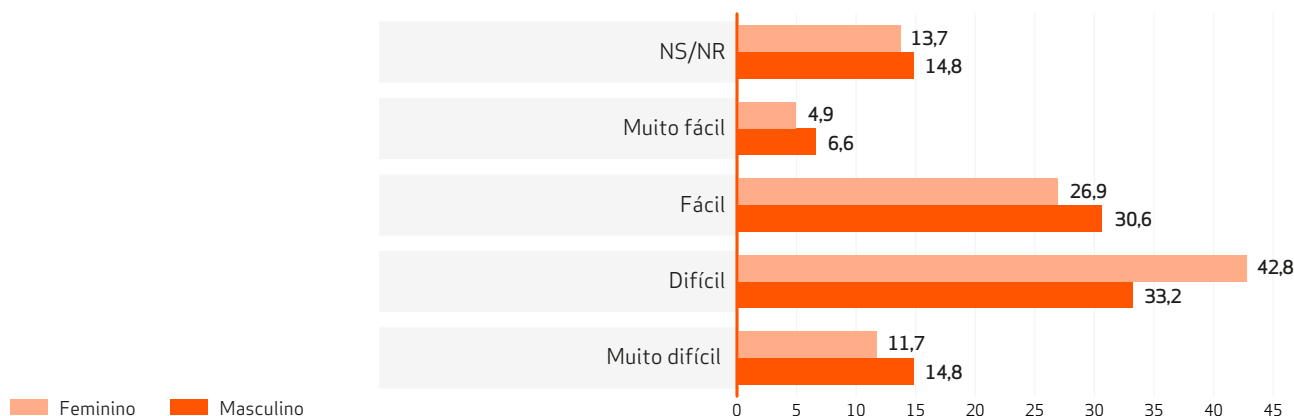
“(...)nenhum jovem ou poucos jovens saem para o mercado de trabalho a receber, mesmo com mestrados, licenciaturas e tudo, mais de 1000 euros”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 29 anos, residente em, Barcarena



Reflexo dos baixos salários, estão as dificuldades sentidas por metade dos/as jovens trabalhadores/as inquiridos/as em fazerem face às despesas habituais. Como é possível verificar pelo gráfico abaixo, são mais as mulheres (54,5%) do que os homens (48%) a referirem ser ‘difícil’ ou ‘muito difícil’ fazer face às despesas habituais, apesar de serem também elas que têm níveis de escolaridade mais elevados.

Gráfico 51.
Jovens inquiridos/as com trabalho remunerado segundo
a facilidade em fazer face às despesas habituais,
por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Uma vez mais, a aposta numa escolaridade mais prolongada surge, de certa forma compensadora e com alguma capacidade de proteção face à precariedade. As pessoas com ensino superior manifestam em menor percentagem, do que aquelas que têm o ensino secundário/pós-secundário, a existência de dificuldades na gestão do seu orçamento – 48,4% menos 9,6 pp por comparação com as pessoas que têm, no máximo, o ensino secundário/pós secundário.

III.4.2. O DESEMPREGO

Apesar de o peso do desemprego jovem estar a diminuir, desde 2014, no contexto do desemprego registado em Oeiras (com a exceção do ano atípico de 2020), a passagem da escola para a vida ativa continua a ser uma das fases da vida em que as/os jovens enfrentam grandes desafios.

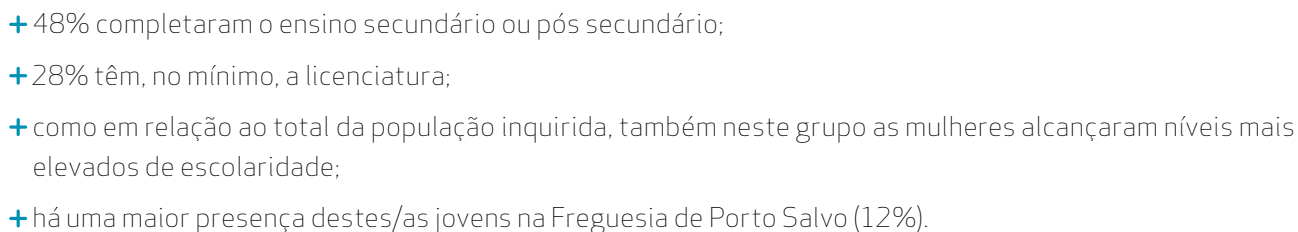
De facto, esta é uma passagem que não se faz de forma imediata sendo muitos os jovens e as jovens a passarem por experiência de procura de emprego durante períodos de tempo mais ou menos prolongados. Com frequência esses períodos não são pura e simplesmente de inatividade mas constituem-se por períodos entrecortados entre uma procura ativa de emprego, a realização de trabalhos informais e de curta duração e a integração em atividades um pouco mais duradoras, ainda que com contratos temporários, mantendo-se constante a busca de emprego.

No momento de inquirição afirmaram-se numa situação de desemprego 175 pessoas³⁶, o que significa 8,4% da população inquirida.³⁷ Algumas características deste grupo:

- + 65% tem idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos;
- + 12% concluíram, no máximo o ensino básico;

³⁶ Existem também 8 pessoas que referem serem 'domésticas'. Estas pessoas serão incluídas no tratamento estatístico dos/as 'desempregados/as', não sendo feita distinção entre estas e as pessoas desempregadas.

³⁷ No estudo da Fundação Francisco Manuela dos Santos a percentagem de jovens desempregados/as é de 14% mas, uma vez mais importa não esquecer, que o grupo de idades considerado abrangem pessoas mais velhas.



Ou seja, este movimento de entrada e saída do mercado de trabalho é ainda mais frequente para as jovens raparigas do que para os rapazes o que encontra suporte em algumas dos debates nos *workshops* onde se referiu que, nomeadamente, as raparigas são menos exigentes, mais versáteis e procuram “agarrar” o que lhes aparece até como estratégia para conseguir a experiência tão desejada pelas entidades empregadoras. Por outro lado, e sobretudo quando já há responsabilidades familiares para as jovens mulheres o que é mais importante é não estar numa situação de desemprego e conseguir um salário para fazer face às suas despesas e às da família – “Nem é arranjar um bom salário, é mesmo conseguir trabalho” (Jovem participante em *workshop*).

MOTIVOS DO DESEMPREGO

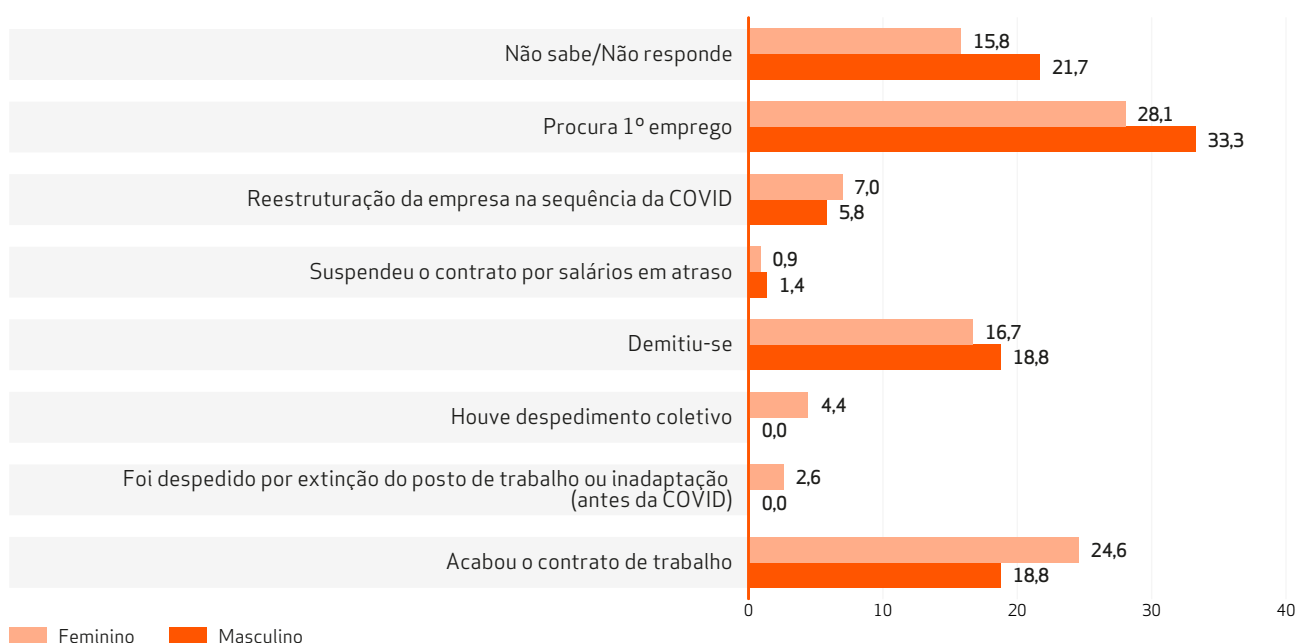


Jovem entrevistado, sexo masculino, 20 anos, residente em Carnaxide

A segunda razão mais apontada como motivo para a situação de desemprego é o termo do contrato de trabalho, mais mencionado por jovens do sexo feminino. Este é um desemprego involuntário que permite afirmar que são as condições do mercado que criam nas/nos jovens a necessidade de serem flexíveis e de enfrentarem a insegurança gerada por um predomínio dos contratos a termo.

Mas o motivo mais sinalizado é mesmo a busca de um primeiro emprego.

Gráfico 52.
Jovens inquiridos/as sem trabalho remunerado, segundo
o motivo da situação de desemprego, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Nas entrevistas as/os jovens referem-se a este processo de procura de primeiro emprego como desafiante pelas condições propostas e pelas dificuldades inerentes ao processo de procura:



“(...) hoje em dia a oferta de trabalho é horrível. Eu antes de entrar aqui neste armazém, estive cinco meses no (...), aqui de Carnaxide, mesmo ao lado de minha casa, dois minutos a pé. E para conseguir entrar tive mais ou menos um ano a entregar currículos e a ligar e a criar conta em *linkedin* e *net-empregos* e muita coisa e não caía... nada! É uma frustração gigante! Ninguém diz nada. E às vezes dizem que vão marcar uma coisa e depois não marcam e depois não dizem que não vão marcar. Foi um período difícil porque não cai nada. Em tanta oferta de emprego que há, mas parece que é uma oferta...”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 19 anos, residente em Carnaxide



Nos *workshops*, e ainda nas entrevistas realizadas, as/os próprios/as jovens referem-se a esse início da sua integração no mercado de trabalho afirmando como esse mercado utiliza o critério da experiência como forma (algo disfarçada) de fazer uma discriminação em função da idade:



“Eu acho que a maior dificuldade que eu senti, quando estava a tentar arranjar trabalho, era que era muito nova e inexperiente para umas coisas e por isso não queriam contratar-me. (...). Acho que em todos os trabalhos a que me candidatei foi das coisas que mais ouvi.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 24 anos, residente em Algés



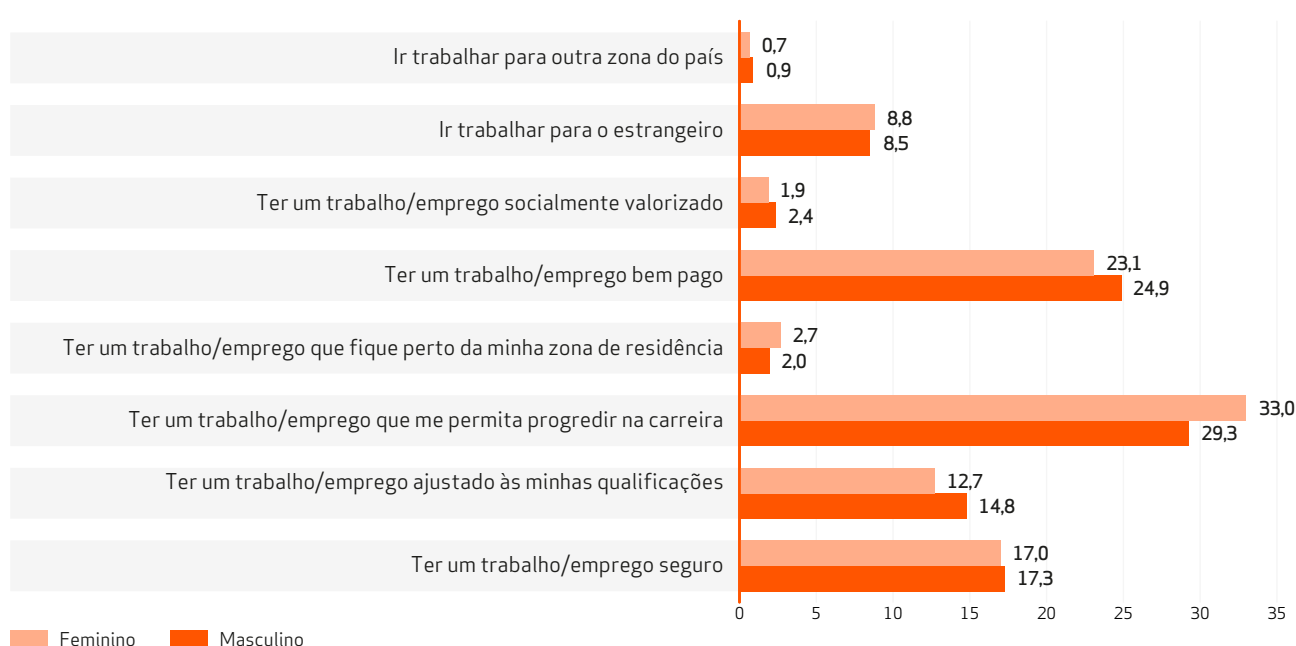
III.4.3. PERSPETIVAS DE UM FUTURO PROFISSIONAL

Pensar em trabalhar, conseguir emprego, é pensar no futuro e fazer planos sobre outras dimensões da vida. Projetam-se situações ideais e imagina-se como se podem alcançar.

Inquiridos/as sobre quais as suas ambições para o futuro relacionadas com a atividade profissional duas questões evidenciam-se, em ambos os sexos. Assim, surge como importante, por um lado, a perspetiva de ter um trabalho/emprego que lhes permita uma progressão na carreira, valorizando assim a estabilidade e, por outro lado, a questão financeira, traduzida na expressão “ter um trabalho/emprego bem remunerado”. De notar que a segurança em termos laborais surge em terceiro lugar neste ‘ranking’ de projetos futuros, quer para homens, quer para mulheres.

Gráfico 53.

Jovens inquiridos/as segundo os projetos profissionais para o futuro, por sexo (%)



Assim, ao contrário de algumas perspetivas que atribuem às categorias mais jovens um certo gosto “natural” pela incerteza e instabilidade, estes dados revelam que, as pessoas mais novas, se têm uma maior capacidade para lidar com a insegurança laboral não deixam de desejar uma vida profissional satisfatória do ponto de vista da remuneração auferida, da capacidade de lhes possibilitar alguma ascensão profissional e segurança. Estes resultados estão, aliás, de acordo com os do relatório que fundamentou o Plano Nacional da Juventude que se referem às críticas dos/as jovens “à dificuldade de entrada no mercado de trabalho, à precariedade e falta de progressão na carreira (...)” (Nico, M., 2018: 44).

III.4.4. E OS IMPACTOS DA COVID-19?

As respostas ao questionário não podem deixar de ser analisadas à luz do contexto específico que se vive na sequência da situação pandémica devido à COVID-19. As pessoas jovens têm sido consideradas por organizações internacionais como das mais afetadas pela crise económica resultante da crise de saúde pública.³⁸ Note-se que entre os/as jovens desempregados/as 72,5% dos homens e 82,5% das mulheres não tinha recebido qualquer oferta de emprego nas últimas 4 semanas antes da resposta ao questionário.

Os efeitos negativos da pandemia a nível económico, e a forma como o mercado laboral foi afetado, são conhecidos. Muitos postos de trabalho se perderam, muitas empresas faliram ou entraram em insolvência. Algumas das pessoas que mantiveram os seus postos de trabalhos tiveram que se adaptar a uma nova dinâmica de trabalho: o teletrabalho. Esta modalidade de trabalho requer reajustes e formas de organização diferentes. Quem não foi abrangido pelo trabalho à distância, devido às funções e ao tipo de trabalho que desempenha, foi abrangido/a pela situação de *lay off*, ou seja, não exercem atividade laboral mas têm apoio remuneratório.

No caso dos/as jovens participantes que exercem atividade laboral, a grande maioria dos/as mesmos/as (71,9%) não esteve em situação de *lay off* aquando do último período de Estado de Emergência.

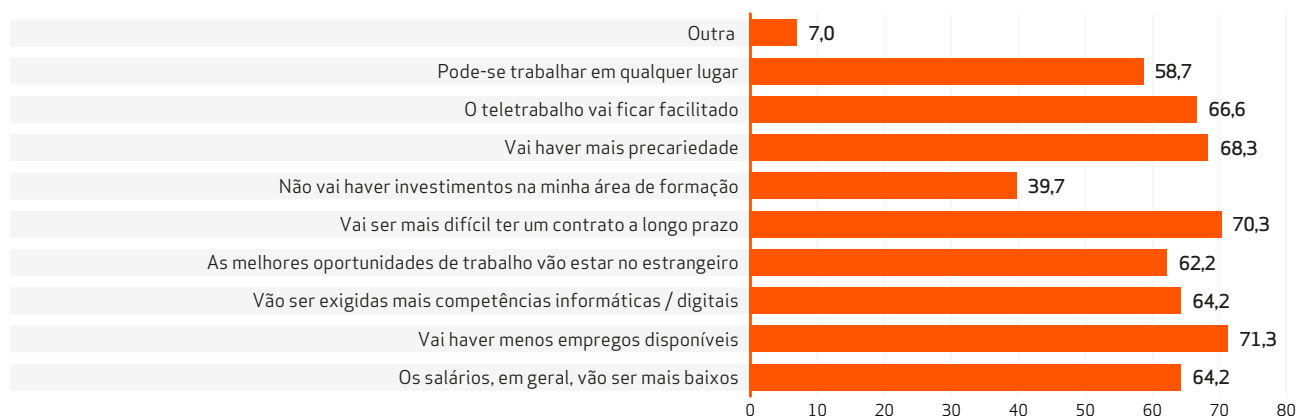
Quanto às consequências que a atual pandemia, nomeadamente os Estados de Emergência e os confinamentos, tiveram ou vão ter no seu futuro profissional, cerca de 41% dos/as jovens inquiridos/as respondem positivamente. Há no entanto cerca de 28% que não sabem avaliar a existência ou não de consequências. Os restantes 31,6% não identificam consequências atuais ou futuras.

Para quem se pronunciou sobre a existência de consequências, quer atualmente, quer, eventuais, no seu futuro profissional devido à pandemia identifica, a menor disponibilidade de empregos (71,3%) e a dificuldade em ter um contrato de trabalho a longo prazo (70,3%) como consequência da instabilidade causada pela COVID-19. Com perto de 70%, a ideia da existência de maior precariedade laboral, por um lado, e por outro, a facilidade com que o teletrabalho passou ou passará a ter como modalidade de trabalho.

38 Vd: Mamede, R.P. 2020. Portugal: Uma análise rápida do impacto da COVID-19 na economia e no mercado de trabalho. ISCTE. OIT. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---europe/---ro-geneva/---ilo-lisbon/documents/publication/wcms_754606.pdf.

Gráfico 54.

Jovens inquiridos/as segundo o tipo de consequências existentes/emergentes decorrentes da pandemia/ Estados de emergência (%)³⁹



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

39 Resposta múltipla.

III.5. CIDADES E COMUNIDADES SUSTENTÁVEIS

Cidades e comunidades sustentáveis dão origem ao décimo primeiro Objetivo para o Desenvolvimento Sustentável. Entre outros, contam-se como metas a atingir até 2030 o acesso de todos à habitação segura, adequada e a preço acessível, bem como aos serviços básicos e a sistemas de transportes seguros e acessíveis.

Este ODS considera, também, que devem também ser feitos esforços no sentido de proteger e salvaguardar o património cultural e natural⁴⁰.

No questionário aplicado aos/às jovens do concelho o ODS 11 foi reconhecido por cerca de 8% dos/as respondentes que também se consideraram envolvidos/as na sua concretização mas nas entrevistas e nos *workshops* os/as jovens deram um grande enfoque ao tema que nesta sessão é central – a habitação. Ainda como parte integrante das comunidades sustentáveis abordamos o tema da participação.

III.5.1. HABITAÇÃO

O acesso à habitação é, sem dúvida, um fator essencial para perspetivar um futuro em autonomia. Ter uma casa significa ter capacidade para assumir certas responsabilidades (pagamento das despesas; organização; aprovisionamento) através das quais se vai adquirindo estatuto de pessoa adulta. Ou seja, ter uma casa, independente da família de origem, significa ter (outras) condições para se concretizar outras etapas neste processo de transição para a vida adulta, independente.

As dificuldades de acesso ao emprego ou, pelo menos, as dificuldades de acesso a um emprego que garanta o mínimo de condições económicas têm colocado obstáculos ao acesso à habitação. Por outro lado, os preços das habitações (seja venda ou arrendamento) têm aumentado e, em Oeiras, o mercado, tanto de venda, como de arrendamento, apresenta-se particularmente elevado em termos de valores:

- + No 3º trimestre de 2021, o valor mediano de venda de alojamentos familiares, por m² era de 2 618€, enquanto para o país esse valor era de 1 311€. Apenas Lisboa e Cascais apresentaram valores mais elevados.⁴¹
- + No 3º trimestre de 2021, a renda mediana para novos contratos de arrendamento, por m² era de 10,38€ (6,08€, no país).⁴²

Se é certo que eventuais projetos de conjugalidade e parentalidade se podem concretizar, mesmo os/as jovens coabitando com a sua família de origem, também é certo que tal situação se pode revestir de uma ausência de privacidade, tornando-se fonte de conflito intergeracional.

Independentemente do acesso à habitação poder apoiar a autonomização dos/as jovens e ser palco essencial para a concretização de outros projetos, a habitação é um direito constitucionalmente consagrado que se constitui, muitas vezes, como fundamental no acesso a outros direitos como a saúde, a educação e o emprego.

40 Fonte: Agenda 2030: Objetivos para o Desenvolvimento Sustentável.

41 Informação disponível em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=472940291&DESTAQUESmodo=2

42 Informação disponível em:

https://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaques&DESTAQUESdest_boui=473129543&DESTAQUESmodo=2

ONDE E COM QUEM VIVE A POPULAÇÃO JOVEM INQUIRIDA NO CONCELHO DE OEIRAS?

Segundo os dados obtidos em resposta ao inquérito, cerca de 80% das pessoas inquiridas, quer do sexo feminino quer do sexo masculino, refere viver em casa da família de origem. Pouco mais de 10% vive já numa habitação a qual pode chamar sua (compra ou arrendamento); as restantes coabitam com outras pessoas que não são suas familiares.

Gráfico 55.
Jovens inquiridos que **ainda vivem em casa** de familiares, por idade (%)

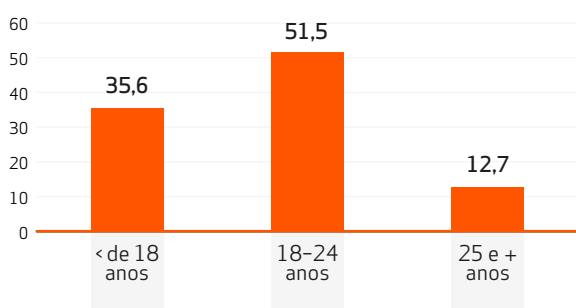
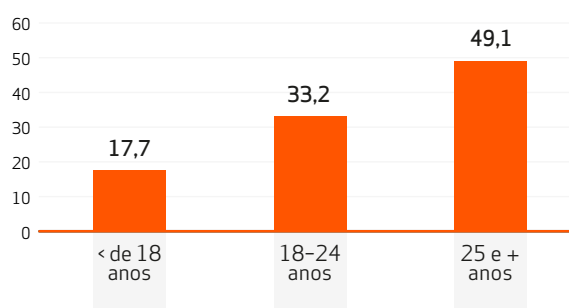


Gráfico 56.
Jovens inquiridos que **já não vivem em casa** de familiares, por idade (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Entre as/os jovens que vivem em casa da sua família de origem, cerca de 87% têm menos de 25 anos. Por outro lado, quem já se autonomizou em termos habitacionais apresenta uma estrutura etária mais velha: 49% tem mais de 24 anos.

No entanto, e para melhor se compreender as dificuldades dos/as jovens em conseguir sair de casa da família de origem importa salientar que, 53% dos/as jovens com mais de 24 anos ainda permanece em casa dos pais. Essa percentagem aumenta para 87,4% na faixa dos 18 e os 24 anos.



“Aos olhos da sociedade, se saio de casa dos pais aos 26 já vai tarde! Mas para mim, 26 anos em casa dos pais está ótimo! Muitas pessoas saem aos 18, 17, começas a trabalhar, aos 18 já vives a tua vida. Mas eu falo por mim, ainda não tenho maturidade para não viver em casa dos meus pais. Se alguma coisa de errado acontece, saber que estou sozinha e tenho de resolver, ainda quero ir para a minha mãe.”

Participante em workshop

“Ainda estamos muito dependentes, dos 18 para cima, dos nossos pais. Insucesso escolar, dificuldade em encontrar trabalho, documentação ou outra coisa qualquer, faz com que os jovens passem muito mais tempo a viver com os pais. 20, 22 [anos] era a meta – já estar a trabalhar, autonomia. Agora, com a pandemia, tornou-se mais difícil, foram-se empurrando os limites, a renda também é um desafio, há rendas extremamente caras.”

Participante em workshop



O que se salienta destes estratos retirados nos debates tidos no contexto de um dos *workshops* é a ideia de ausência de maturidade, sendo que chega mais tardiamente do que o “socialmente recomendado” porque não há condições para uma verdadeira independência e a família é sempre o suporte e o porto ao qual se regressa em caso de problema.

De notar que ter emprego, e com ele alguma estabilidade financeira, parece ser fundamental para se conseguir uma maior independência face à família de origem. Com efeito, 60% das/os jovens que já saíram de casa dos pais estão a trabalhar.

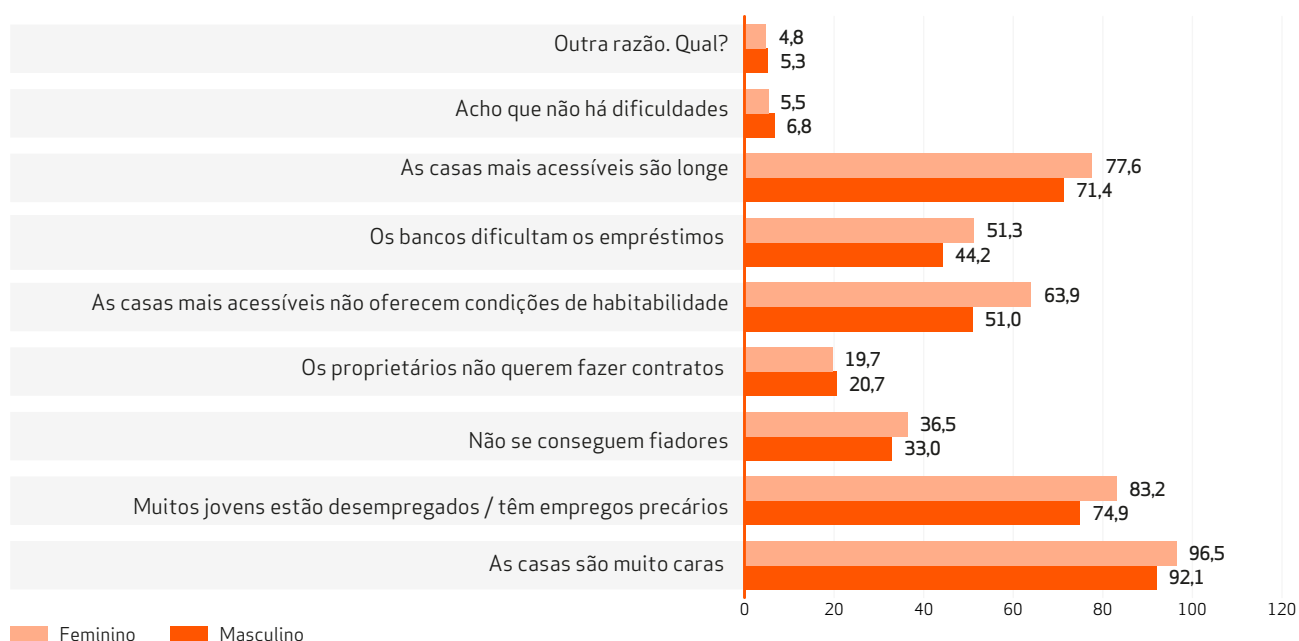
No entanto, nem sempre ter emprego é suficiente para se conseguir sair de casa dos pais. Note-se, se a maior parte das pessoas jovens que ainda vive na casa da sua família de origem ainda estuda (70%), é certo que 26,8%⁴³ já estão a trabalhar, o que significa que, a maioria, ainda não terá alcançado condições financeiras para se autonomizar.

PREÇOS DA HABITAÇÃO - UM OBSTÁCULO À AUTONOMIA

Parte explicativa das tendências que acabámos de referir prende-se com as dificuldades de acesso à habitação em si mesmo. Já no relatório que fundamenta o Plano Nacional da Juventude se pode ler que o acesso à habitação é condicionado “pelos preços elevados das mesmas e pelas precárias condições de vida dos jovens, dificuldade essa não colmatada pelos atuais e poucos apoios aos jovens na área da habitação” (Nico, M., 2018: 48).

No questionário dirigido aos/às jovens do concelho de Oeiras o preço das casas foi a dificuldade mais referida para conseguirem ter uma casa sua, como se pode ver no gráfico em baixo.

Gráfico 57.
Jovens inquiridos/as, segundo as principais dificuldades sentidas para uma pessoa jovem ter uma casa sua, por sexo (%)⁴⁴



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

⁴³ Dos quais 7,2% são trabalhadores-estudantes.

⁴⁴ Resposta múltipla.

No geral, mesmo aqueles/as com melhores salários referem a dificuldade de fazer frente aos elevados custos da habitação, em que viver sozinho/a surge como uma penalização. Como diz uma das jovens participantes, especialista em comércio internacional (*trade compliance*): “É um bom salário. A partir do momento em que eu precisar de morar sozinha seria financeiramente impossível sustentar tanto um arrendamento, quanto o carro e o mestrado. Não teria como”. Outras mensagens deixadas aquando do preenchimento do inquérito on-line também dão conta disso mesmo:



“A verdade é que mesmo trabalhando desde os 23 anos com salário acima da média e uma boa poupança (por ainda viver na casa dos pais), o mercado de arrendamento não é atrativo (rendas demasiado altas para o tipo de habitação) e o preço dos apartamentos está a um nível incomportável, não permitindo comprar um apartamento normal sem nos endividarmos de forma absurda. Este problema pode não parecer grave agora mas rapidamente se perceberá que em termos demográficos é uma catástrofe, o facto de atrasarmos a saída de casa dos pais e o início da construção de uma família levará a que muitos casais tenham apenas um filho ou nenhum, e esta consequência só será perceptível quando já nada for possível fazer.”

“Esta geração de jovens não tem estabilidade financeira para dar resposta ao mercado atual. Torna-se frustrante, a tentativa de ter independência financeira que não permite sair da casa de origem”.



Há dois territórios que sobressaem de entre o total de respondentes pelas percentagens mais elevadas de jovens que apontam os preços elevados das casas: União das Freguesias de Oeiras, São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias e Freguesia de Porto Salvo.

Para além dos preços de mercado, os/as jovens colocam diversos fatores em perspetiva entre os quais necessariamente se estabelecem relações: o desemprego e a precariedade no mercado de trabalho a que estão particularmente sujeitos/as (83% das raparigas; 75% dos rapazes); a periferação das casas mais acessíveis (78% e 71%, respetivamente); a falta de casas com boas condições de habitabilidade a preços comportáveis (64% e 51%); a dificuldade de financiamento ou de assegurar fiadores para empréstimos bancários ou contratos de arrendamento, a informalidade do mercado de arrendamento e a resistência à oficialização dos contratos por parte dos senhorios, estão entre as dificuldades mais referidas.



Uma das entrevistas dá conta das dificuldades de acesso à habitação e do “desgosto” de eventualmente ter de ser “expulsa” do território onde atualmente vive devido aos preços da habitação:



“Sem dúvida, *isso é uma coisa que me revolta muito*. Aliás, isso é uma das coisas que me tem revoltado na minha vida [porque] são estupidamente caros. Tenho aqui umas obras, são quatro prédios, em que um T1 são trezentos e cinquenta mil [350.000] euros. Portanto eu acho interessante também fazerem este tipo de estudos porque a mim deixa-me muito triste o facto de que muito provavelmente *não vou poder viver na minha zona quando quiser sair de casa* [para] poder viver sozinha e, pronto, isso é uma coisa que me deixa triste. Quando estive a viver, vivi em Alfragide, que também está um bocadinho caro, também está a entrar pela mesma lógica, mas não tanto como aqui em Miraflores. É uma das coisas que me deixa muito triste, porque às tantas não vou estar com amigos, não vou, como a minha mãe fez, que nasceu aqui [...]. Portanto a vida dela andou aqui e eu, se calhar, gostava de fazer o mesmo e não vou poder fazer porque não vou ter meios, de certeza, para comprar um T1 a trezentos e cinquenta mil [350.000] euros.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 26 anos, residente em Oeiras



Noutras entrevistas, e nos *workshops*, questionou-se a aposta de crescimento de uma certa Oeiras muito orientada para cativar e fixar grandes empresas e, com isso, o próprio pessoal dessas empresas que potencialmente apresentarão níveis de rendimento elevados fazendo também elevar os preços do mercado de habitação. São vários os testemunhos que expressam essa preocupação:



“Claramente a viragem aqui para Miraflores foi de ter muitas empresas e as residências são para classe alta, claramente. [...] Isso é uma das coisas que me revolta um bocadinho, é ver que estão a construir mais três ou quatro condomínios privados aqui que não se justifica. Muito honestamente, acho que se devia construir muito mais habitação social nesta zona.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 26 anos, residente em Algés

“Preocupa-me muito estas construções que são anunciadas constantemente de habitação mas não é uma habitação acessível nem nada do que se pareça, é habitação de luxo.”

“Preocupa-me empresas a toda a hora, nada contra empresas, é importante, mas tem de haver um contrapeso. Empresas e as pessoas. Mas habitação de luxo parece que estão sempre a querer construir casas e casas que ninguém consegue pagar. Casas para turista. [...]”

“Eu aí gostava de ser positivo só que como eu vivo em Oeiras desde pequeno, desde sempre e o plano é sempre o mesmo. Construir, construir casas de luxo, estão sempre a aparecer projetos que são estapafúrdios, completamente descabidos. É muito *show off* e vai continuar a ser enquanto as coisas estiverem assim.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 26 anos, residente em Oeiras



O aumento do parque habitacional é mencionado por outro jovem, investigador bolsheiro de 24 anos, também em resposta às suas principais inquietações para os próximos 20 anos em Oeiras:



“Eu acho que a habitação é relevante, talvez seja a coisa principal que eu apontaria. Principalmente mais do que preços, que obviamente estão relacionadas mas acho que mesmo que houvesse os preços das casas um bocadinho mais baixos, a oferta é pouca para o que se poderia querer. [...]”

“O que eu gostaria que acontecesse seria uma profusão absoluta desta iniciativa como começa a existir em relação à habitação jovem, faz todo o sentido e existe espaço para ser aumentada, ou seja, eu diria que hoje em dia isso é uma percentagem minúscula, já soube de cor, agora não sei, mas é absolutamente minúscula da habitação disponível que podia ser tornada pública em Oeiras. Ou seja, o aumento disso para no mínimo 10 vezes faz sentido e é possível.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 24 anos, residente em Oeiras



Uma aposta em políticas sociais de habitação é uma estratégia clara de, não só apoiar as pessoas mais jovens no seu processo de autonomização, como de as fixar no concelho, com efeitos positivos no equilíbrio demográfico.

Em Oeiras existe o programa de “Habitação Jovem” que é um programa de arrendamento destinado a jovens como idades entre os 18 aos 35 anos. “Após a reabilitação de prédios degradados dos centros históricos de Oeiras, por parte da autarquia, há um sorteio público com todos os inscritos em estado ativo. Depois de concluído o sorteio e verificados os dados individuais e preenchidos todos os requisitos por parte de cada sorteado as casas são atribuídas”.⁴⁵

Do questionário aplicado a jovens do concelho de Oeiras verificou-se que apenas 5,4% conhece e usufrui do programa “Habitação Jovem”.

Por outro lado, nos *workshops* algumas críticas se levantaram em relação ao programa: a sua pequena extensão, disponibilizando muito poucas casas; a incompreensão em relação a alguns dos critérios de seleção que dão origem, na opinião dos/as jovens presentes, a que poucos/as jovens de meios mais desfavorecidos sejam contemplados/as.

Outras observações vão no sentido de criticar medidas governamentais como o “Porta 65”:

“A Porta 65 não dá apoio a quem tem rendimentos baixos que é quem realmente precisa. No meu caso, fui mãe cedo, vim morar com o meu filho e não me foi dado o apoio pois ganho 900€ e tenho um dependente... na minha opinião, isto sim é precisar de um apoio” (Jovem respondente ao questionário).

A grande escassez de habitação a preços acessíveis em paralelo com o forte crescimento de uma habitação para pessoas com rendimentos elevados é, manifestamente, um problema enunciado pelos/as jovens. Sobre esta questão foram escritas várias observações na própria resposta ao questionário que reproduzimos:

+ “A habitação é um grave problema para os jovens, pois não conseguimos comprar se continuarmos a aumentar as rendas das casas”.

45 Informação retirada no site da Câmara Municipal de Oeiras: [Habitação Jovem \(oeiras.pt\)](http://Habitação Jovem (oeiras.pt))

- + “A habitação é um problema grave de exclusão, é financeiramente inacessível aos naturais e residentes”.
- + “Esta geração de jovens não tem estabilidade financeira para dar resposta ao mercado atual. Torna-se frustrante, a tentativa de ter independência financeira que não permite sair da casa de origem”.
- + “Acho que a habitação em Oeiras é incompatível com os rendimentos que um jovem tem nos seus primeiros anos de trabalho.”

A PRECARIEDADE ECONÓMICA COMO FATOR DE COABITAÇÃO TARDIA DOS/AS JOVENS COM OS PAIS OU FAMILIARES NUMA ÓTICA DE ENTREAJUDA

Embora os/as jovens tenham vontade de ter a sua habitação, esse é um projeto difícil de concretizar, como anteriormente se referiu.

Em algumas entrevistas e, sobretudo nos *workshops*, a coabitação com a família de origem surge, sobretudo nos contextos sociais mais desfavorecidos, não só como expressão de dificuldades mas também como uma estratégia de poupança e de entreaajuda.



“É mais fácil ajudar os pais ficando dentro de casa, do que se vivesse sozinha. Estaria sempre dependente da minha mãe para conseguir pagar as coisas. A minha mãe paga uma conta, eu pago outra e o meu irmão paga outra.”

“Ir trabalhar, por si só, não permite ter condições económicas para viver sozinha. Ganharia muito pouco para o que é... Estamos num país onde vivemos, trabalhamos para trabalhar. Trabalhamos para pagar. Eu trabalho para pagar contas. Não basta trabalhar. Tenho que *trabalhar, e trabalhar, e trabalhar.*”

Participante em *workshop*

Tal perspetiva é corroborada pelo estudo da FFMS, onde se indica que quase 1/3 dos/as jovens que vivem com pais ou familiares ajudam nas despesas de alimentação, em despesas próprias, serviços ou renda e empréstimo.

A própria condição de estudante “obriga”, com frequência, a uma manutenção em casa da família. Ficar a viver com os pais é, por vezes, a única forma de continuar a estudar.

OS/AS JOVENS GOSTAM DA CASA ONDE VIVEM ATUALMENTE?

Quando inquiridas se gostam da casa onde vivem, a esmagadora maioria das pessoas jovens (aproximadamente 90%, para ambos os sexos) responde positivamente, sendo que menos de 8% afirma não gostar (7,9% das raparigas e 6,5% dos rapazes).

Dentro dessa minoria, as três razões principais a serem apontadas para não gostarem da casa onde se residem são: casa de pequenas dimensões; inexistência de condições de habitabilidade; custo elevado sendo que esta última é uma razão evocada sobretudo por elementos do sexo masculino.

O próximo excerto de entrevista torna mais claro o que podem ser os problemas de habitabilidade aos quais os/as jovens se referiram no questionário:



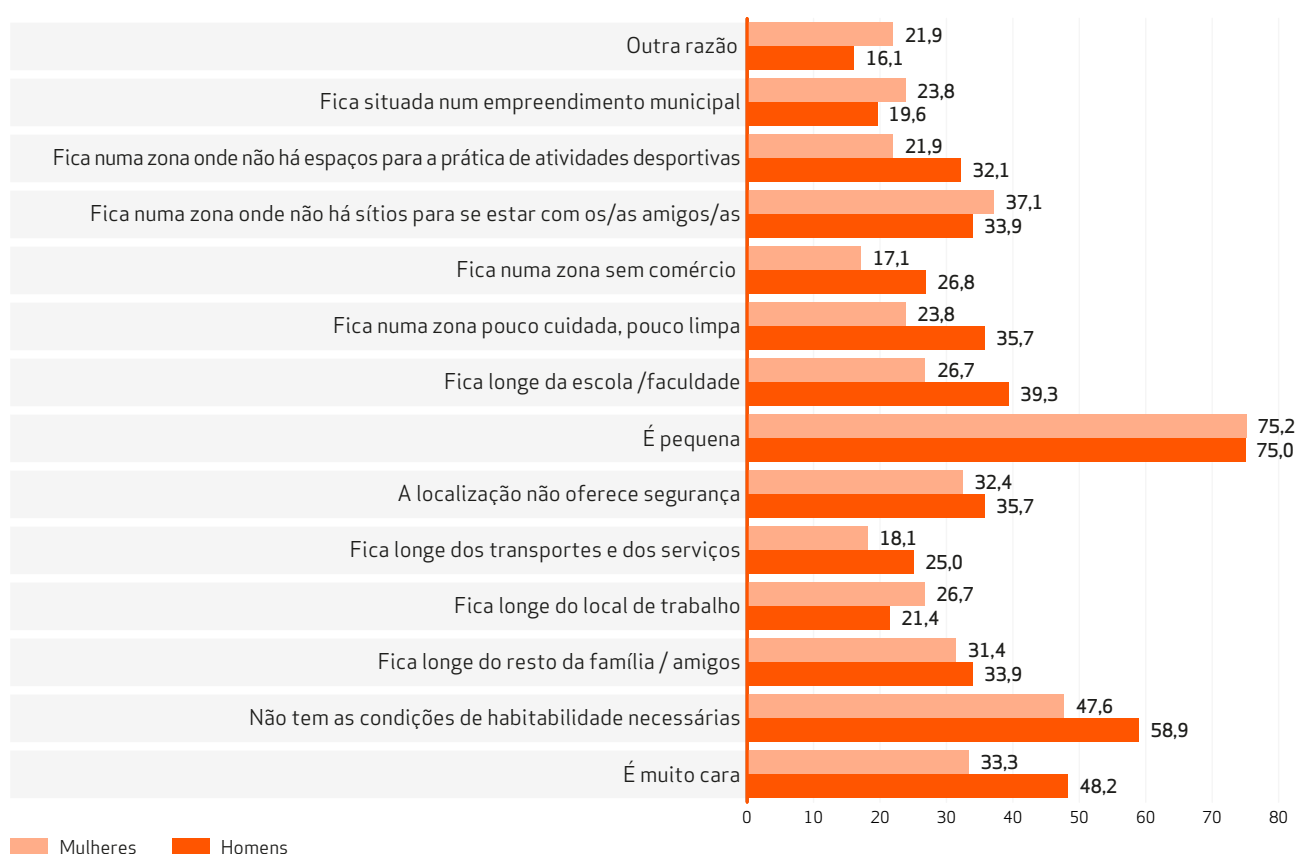
“A casa no início não tinha muitas condições mas depois foi-se alinhando.

Como nós já estávamos lá em casa, fomos pondo as coisas juntamente com a casa, foi um processo engraçado. Mas depois de 4 anos [a vivermos lá 4 pessoas], começa a tornar-se cansativo. Muito cansativo. Sempre pessoas a entrar e a sair... [A casa] tem muita humidade. E ficamos sem luz por causa da humidade várias vezes ao ano.”



Jovem entrevistada, sexo feminino, 24 anos, residente em Carnaxide

Gráfico 58. Jovens inquiridos/as segundo as razões para não gostar da casa, por sexo, (%)⁴⁶



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

De salientar ainda que um pouco mais de 1/3 de respondentes apontou ainda questões como: o facto de a casa ficar numa zona onde não há sítios para se estar com os/as amigos/as; ter uma localização que não oferece segurança; ficar longe da instituição de ensino; ficar longe do resto da família e das pessoas amigas.

46 Resposta múltipla.

Olhando para o território do concelho, na sua heterogeneidade, podemos dizer que:

- + A Freguesia de Porto Salvo se destaca pelo facto de os/as jovens respondentes que aí residem terem focado, mais do que outros/as as seguintes características: casa sem condições de habitabilidade; ficar longe dos transportes e dos serviços; localizar-se numa zona que não oferece segurança e que está pouco cuidada; ser uma casa pequena.
- + Na Freguesia de Barcarena os/as jovens referiram, particularmente, questões de acessibilidade referindo-se ao facto de a casa se encontrar longe do trabalho, da família/amigos e longe da escola.
- + Na União das Freguesias de Carnaxide e Queijas os/as jovens mencionam, sobretudo, a localização insegura e pouco cuidada do local onde residem.

AS PERSPETIVAS DE FUTURO FACE À HABITAÇÃO

As perspetivas da maior parte dos/as jovens (cerca 68%) face à habitação passa por ter uma casa própria e não arrendada. Não há diferenças a notar entre rapazes e raparigas a este nível. Este projeto está muito associado ao desejo de conjugalidade, seja através da formalização do casamento, ou não. A percentagem de quem afirma querer morar só numa casa adquirida é bastante inferior à outra situação - 14,4% para os rapazes; 16,3% para as raparigas

Por outro lado, o projeto de arrendar uma casa é explicitado apenas por cerca de 18% das pessoas jovens inquiridas e a partilha de casa com outras pessoas ronda os 10% (10,4% para as raparigas; 9,5% para os rapazes). Faz-se, pois, notar que o recurso à partilha de casa e até o arrendamento é uma solução de recurso e não aquela com que se perspetiva em termos ideais.

O arrendamento surge mesmo, no discurso de algumas entrevistas, como uma situação inicial da fase adulta apoiando a concretização de outros projetos como seja o de viajar:



“Eu acho que numa perspetiva geral e até de conversas que eu tenho tido com os meus amigos nesse sentido, achamos todos que numa primeira fase da vida será mais comum pensarmos em alugar. Para poupar algum dinheiro, também para facilitar viagens ao estrangeiro e outros conhecimentos, ou carros ou etc, outras compras. Mas neste sentido, pronto, a médio prazo será sempre ter uma casa em conta própria.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 20 anos, residente em Barcarena



Não podemos deixar, contudo, de referir os casos contrários a esta tendência é o facto de esta ser (no dizer de uma das jovens entrevistadas) uma juventude mais centrada numa carreira profissional e na independência sendo que os projetos de compra de casa, tidos como mais permanentes, podem ser adiados, como adiada é a constituição de família própria.



“Por exemplo os meus pais estão juntos desde muito novos. E eu se calhar se encontrasse uma pessoa também estaria mas acho que hoje em dia os jovens são assim um bocado mais autónomos e mais independentes e não têm tanto aquela coisa de encontrar uma pessoa para construir família e acho que isso acaba por atrasar um bocado porque não querem comprar uma casa porque não se querem prender a um sítio, se calhar não conseguem fazer essa despesa sozinhos. E acho que é uma geração um bocado mais centrada em si, na sua autonomia, na sua carreira, na sua independência. Não há tanto essa necessidade de ter propriamente um espaço seu, pelo menos permanentemente, comprar e assim.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Carnaxide



Apesar das dificuldades anteriormente expressas, perto de 70% dos/as jovens inquiridos/as pretende continuar a morar no concelho de Oeiras, até porque, dizem algumas vozes menos críticas, o Concelho proporciona uma boa qualidade de vida:



“O concelho de Oeiras dá-nos as condições que nós temos, tanto agora nós estudantes como para os meus pais e para outros trabalhadores. É um município em que temos as condições fantásticas de acesso, de saúde, de educação, portanto não vejo por que não ficar aqui. Acho que estamos muito bem.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 20 anos, residente em Barcarena



III.5.2. PARTICIPAÇÃO CÍVICA

A participação na vida em sociedade é uma componente importante da cidadania. Através da participação – seja na vida política ou em organismos de âmbito social ou de natureza cultural – os/as jovens integram-se no sistema de relações e valores sociais mas, simultaneamente, exercem a sua própria influência sobre esse mesmo sistema ao exporem as suas perspetivas e ideias. A este processo designa-se de ‘juvenilização’ (vd. Pais, J.M. 1990).

Nesta secção analisaremos os principais elementos recolhidos sobre a participação das pessoas jovens no concelho de Oeiras, tomando como ponto de partida um dos desafios colocados num dos *workshops*: de que falamos quando se fala em participar? Participar na vida cultural do concelho é apenas consumir? Ser chamado a participar é ser chamado a integrar o que já existe, ou implica criar de raiz projetos com as pessoas jovens?

Na perspetiva da Convenção sobre os Direitos da Criança (entendida como todo o ser humano até aos 18 anos) a participação é um direito fundamental e um meio através do qual outros direitos podem ser realizados. Através da promoção da participação as tomadas de decisão podem ser mais ajustadas às necessidades e expectativas da população jovem; Através de um processo participativo as/os jovens podem aumentar os seus conhecimentos e as suas competências; com este processo aprofunda-se a própria democracia.

INFORMAR

Sem informação não há participação em consciência. Neste sentido as pessoas jovens foram questionadas sobre o acesso à informação do que acontece no concelho.

Tal como já foi referido, a grande maioria dos/as jovens inquiridos/as (87,7%), considera que tem acesso à informação. São as raparigas que residem nos empreendimentos municipais as que em maior número consideram deficiente o seu acesso à informação.

Nos *workshops* debatida esta questão há jovens a “reclamar” uma informação mais concisa e mais utilitária que aponte, de modo claro, para atividades que os/as jovens podem desenvolver ou integrar e que utilize vários meios disponíveis: redes sociais sem, no entanto, descuidar a importância de outdoors apelativos, tanto do ponto de vista gráfico como de mensagem: *“O que é preciso é mostrar aos/ às jovens que há sempre coisas a fazer. Coisas que cativem”*. Um dos jovens participantes nos *workshops* chegou a referir a necessidade de haver um *“elo direto entre as pessoas e a Câmara”* como forma de melhorar o processo de comunicação / divulgação de informação.

AUSCULTAR - A POPULAÇÃO JOVEM E A AVALIAÇÃO QUE FAZ DE SE SENTIR OU NÃO OUVIDA

Auscultar significa ouvir e tornar as pessoas jovens sujeitas de decisões sobre o que se passa na sua vizinhança, no seu concelho, ou seja, sua a sua própria vida.

Neste domínio, nos *workshops* dinamizados no âmbito do presente estudo, alguns profissionais deram conta dessa importância em ouvir as pessoas e, em particular, as mais jovens, sobre certas decisões que afetam a vida em comunidade.

Nas respostas aos questionários foram 61,8% das raparigas e 65,2% dos rapazes que concordaram com a frase ‘eu sinto que as pessoas me ouvem e têm em consideração as minhas opiniões’. Confrontada com estes resultados, uma das participantes nos *workshops* comentava: *“Em pleno século XXI, no concelho de Oeiras, 60 e tal por cento é muito pouco! Sinto-me surpreendida pela negativa”*. Outra das participantes concordava, acrescentando: *“Mesmo a nível nacional, não existe uma educação para a formação cívica da população, onde se possa aprender a ser um cidadão exemplar. Para mim, a escola não é um espaço que oiça suficientemente”*. Nas entrevistas encontram-se outras vozes que reforçam a ideia de um clima que não fomenta a participação, o que fragiliza a criação de um sentido de comunidade.





“Eu falo por mim porque eu gosto de dar a minha opinião, gosto de participar, gosto de ter a minha intervenção não só por mim mas por representação de outras pessoas. Sempre fui delegada de turma, etc. Acho que nem todos os jovens sentem aquela necessidade de se fazer ouvir. Mas há sempre os que sentem. (...) Mas acho que são poucas as plataformas ou os meios que nós temos para podermos dar a nossa intervenção. Ou seja, eu mesmo nunca sendo presidente da AE da escola sempre me senti à vontade de ir a professores da direção e dizer “olhe professora estava a pensar organizar isto, isto e isto, acha que a escola me conseguia ajudar?” E a professora dizia que sim e ajudava-me a organizar uma palestra com um professor da União Europeia, várias coisas. Mas, ou seja, nunca houve, ou nunca senti, que houvesse essa porta aberta para toda a gente para se poder dar a sua intervenção”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Carnaxide

“Oeiras é um ótimo abrigo de toda a gente, e como é um abrigo, as pessoas fazem as coisas todas fora da área de residência e vêm só dormir e estar confortáveis. Em Oeiras ninguém pensa na vivência, ninguém pensa em muitas coisas. É o sítio em Portugal com mais taxa de pessoas licenciadas e de pessoas com graus académicos superiores. É curioso. Não existe muita dinâmica de envolvimento das pessoas. Por exemplo, eu só sinto que estou em comunidade, aqui em Miraflores quando vou votar.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 26 anos, residente em Algés



PARTICIPAÇÃO ASSOCIATIVA

As percentagens que expressam a pertença a uma associação são baixas: cerca de 10% dos/as jovens inquiridos/as referem ser sócio/as de uma associação; cerca de 3% considera-se dirigente associativo. Não há diferenças a assinalar entre rapazes e raparigas.

Nesta questão perto de 4% de jovens não se manifestaram, o que abre espaço para se equacionar a possibilidade de a pertença a uma dada associação ou coletivo não ser passível de se categorizar nas opções de resposta previamente estabelecidas: i.e., nem como sócio/a nem como dirigente. Pensemos em outras formas de associação, mais informais, como a pertença a coletivos artísticos, de ativismo, entre outros, para ilustrar o que acabámos de referir.

O tipo de associação mais mencionado pelos/as jovens de Oeiras corresponde a associações desportivas: 29,5% dos rapazes que estão envolvidos em alguma associação corresponde a esta categoria (vs. 12,4% das raparigas). Quanto às jovens do sexo feminino o tipo de associação mais apontado é a associação de estudantes, reunindo 20% das respostas.

Para ambos os sexos, as associações de escuteiros ocupam o segundo lugar das modalidades assinaladas, 17,2% das raparigas e 14,8% dos rapazes. Já o terceiro lugar fica reservado às associações juvenis (14%, no caso das raparigas) e às associações de estudantes para os rapazes (13,9%). A forma de associativismo menos significativa percentualmente é, para ambos os sexos, a ligada a associações de solidariedade social.

Há, contudo, que ter em mente que há outras formas de associativismo que estão representadas sobre a designação “outras” podendo aqui agregar-se as acima referidas iniciativas mais informais.

PARTICIPAÇÃO SOCIAL – O EXEMPLO DO VOLUNTARIADO

Cerca de metade dos jovens do sexo masculino refere nunca ter participado em atividades de voluntariado, enquanto a percentagem equivalente para o sexo feminino é de cerca de 45%, o que revela um pouco mais de participação das raparigas nas organizações de voluntariado.

Em contrapartida, um pouco mais de 7% dos jovens rapazes e raparigas inquiridos/as fá-lo pelo menos uma vez por semana, sendo que serão estas as pessoas que, à partida, terão um maior envolvimento neste tipo de atividades.

Os *workshops* deram, contudo, um importante contributo para uma melhor compreensão dos limites da própria questão colocada no questionário que poderá ter influenciado negativamente as percentagens que expressam a participação em ações de voluntariado. Assim, foi salientado que nos contextos de habitação municipal há práticas de entreaajuda entre jovens, e dos/as jovens para com pessoas mais velhas, que não se compaginam com práticas mais estruturadas de voluntariado (onde tem que haver uma inscrição e o cumprimento de regulamentos) não tendo sido, por isso, consideradas na resposta ao inquérito. *“Mais do que voluntariado, os jovens gostam da palavra liberdade: de ser, de usar o seu tempo”*, diz uma das coordenadoras de um projeto de intervenção comunitária em empreendimentos municipais de Oeiras.

Complementarmente, note-se que são as/os jovens inquiridas/os na Freguesia de Porto Salvo quem em maior percentagem refere exercer voluntariado todos os dias.

A INTEGRAÇÃO DE JOVENS EM INICIATIVAS DA CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS

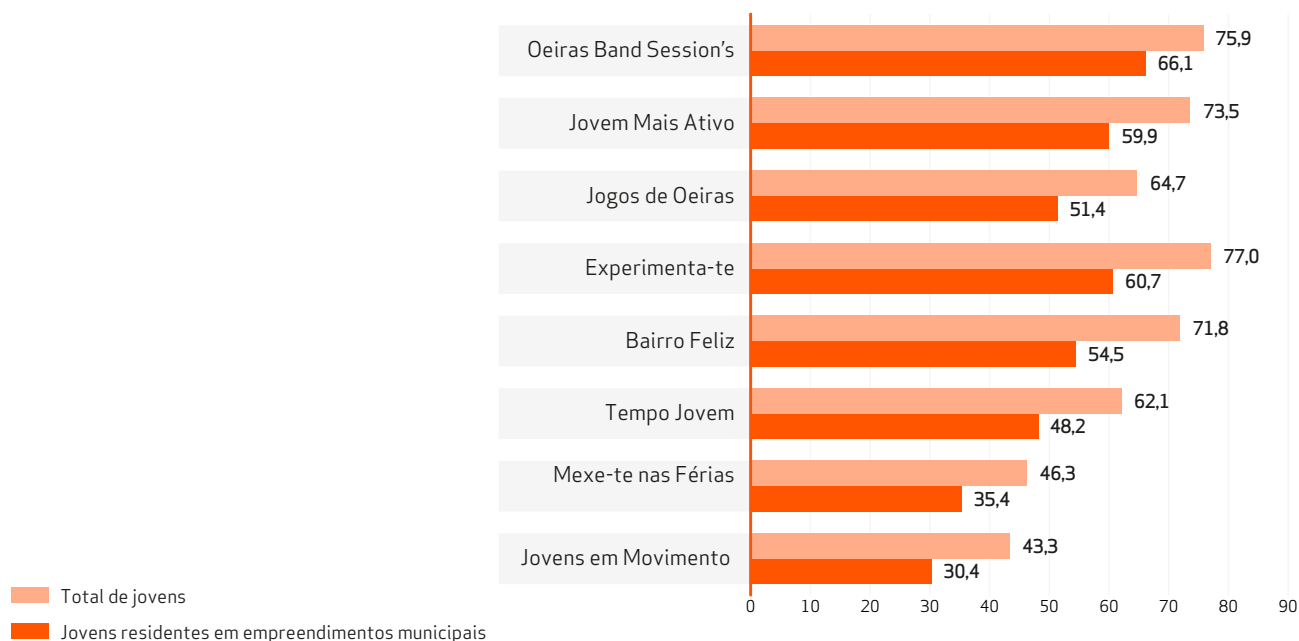
A Câmara Municipal de Oeiras dispõe de um conjunto de iniciativas e programas estruturados destinados à população jovem.

No inquérito de autoaplicação realizado no âmbito do presente estudo, os/as jovens foram questionados/as sobre o seu conhecimento e envolvimento em cada um dos projetos identificados.



Gráfico 59.

Jovens inquiridos/as que não conhecem nem estão envolvidos/as em atividades/projetos da Câmara Municipal de Oeiras, por tipologia e local de residência (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Os três programas menos conhecidos entre a população inquirida são: *Experimenta-te*, o *Oeiras Band Session's*, e *Jovem Mais Ativo*. Em contrapartida, os mais conhecidos/participados são: programa *Jovens em Movimento*, seguido do programa *Mexe-te nas Férias*. São os/as jovens respondentes que residem na União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada/Dafundo quem revela menos conhecimento destas iniciativas.

Como afirmam os participantes deste estudo nos *workshops*, o elo entre os órgãos de poder da Câmara Municipal e a população deve ser físico, e a adesão a alguns programas depende das equipas que estão no terreno e que devem funcionar como elos numa cadeia de transmissão de projetos e vontades.

III.6. IGUALDADE DE GÉNERO

Alcançar a igualdade de género e empoderar todas as mulheres e raparigas é a grande orientação do ODS 5.

No questionário de autoaplicação destinado a jovens do concelho de Oeiras, este foi um dos três ODS com maior percentagem de jovens que referem conhecer e ter envolvimento na sua concretização.

Também nos *workshops* dinamizados, sobretudo as jovens raparigas mostraram grande interesse pelo tema e revelaram-se, em geral, muito conscientes das condições desiguais que as mulheres ainda hoje enfrentam na vida pública e na sua própria vida privada. As maiores responsabilidades familiares que, sobretudo em meios mais desfavorecidos, desde muito cedo, são acometidas às raparigas, bem como a persistência de estereótipos que limitam e orientam, à partida, as suas possibilidades de escolha, são questões que estão muito presentes no discurso das jovens e também de alguns elementos do sexo masculino. Em relação a eles verifica-se ainda uma conceção da masculinidade que passa pouco pelos afetos, pelas emoções o que, na reflexão dos próprios jovens, oculta ou minimiza certos problemas.

Ao longo de todo o documento a análise da informação recolhida foi feita numa perspetiva sensível ao género, procurando-se a identificação de convergências e dissonâncias ao nível das opiniões explicitadas, assim como as semelhanças e assimetrias nas situações vividas, entre mulheres e homens. Com este capítulo pretende-se apenas realçar as questões que tornam mais evidentes a persistência de fatores de desigualdade e discriminação que contrariam, tal como o ODS 5 preconiza, a igualdade de género.

Assim, a partir da informação recolhida com a aplicação dos questionários é possível salientar:

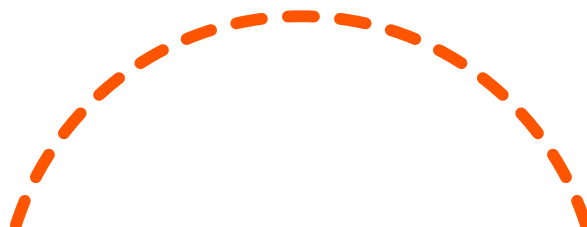
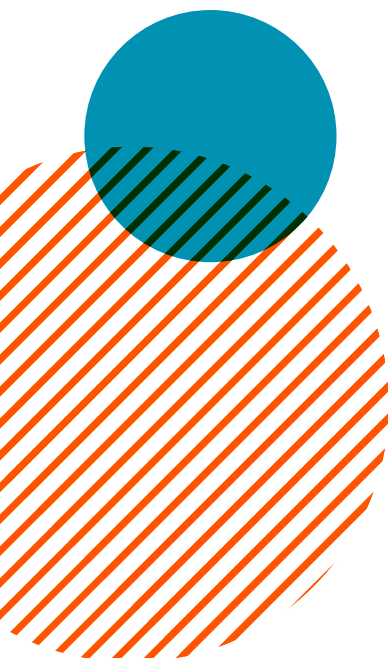
- + Em geral, as raparigas têm percursos escolares mais longos e maiores expectativas em relação ao nível de instrução a alcançarem. São também elas, mais do que os rapazes, que mencionam como desafio a necessidade de melhor conhecer as suas competências.
- + Mais focadas no sucesso escolar e, provavelmente mais conscientes de que têm que se esforçar mais para conseguirem ter uma boa inserção profissional, são as jovens raparigas quem mais sente a escola como pressão.
- + A rotatividade que muito caracteriza o emprego jovem é mais frequente entre mulheres jovens trabalhadoras que responderam ao questionário - 67,9% face a 58,7% dos jovens homens trabalhadores já tiveram outro trabalho para além do atual. Tal aponta para serem as jovens a estarem mais sujeitas à instabilidade laboral. Em coerência com os dados anteriores são também as raparigas que em maior proporção exercem a sua atividade profissional atual no máximo há dois anos.
- + São também as jovens que, em maior percentagem (28,5% face a 23,6% dos homens), se sentem “desaproveitadas” na atividade profissional sinalizando que as suas qualificações são superiores às exigências do trabalho que realizam.
- + Talvez pelos factos enunciados anteriormente são as mulheres que menos satisfeitas se sentem com o trabalho que realizam, apontando, mais elas do que eles, que gostariam de ter outra profissão. São ainda as mulheres que mais exprimem o desejo de virem a ter um trabalho compatível com o nível de vida desejado.
- + Os jovens do sexo masculino têm uma auto perceção da sua saúde mais positiva do que as raparigas. No entanto, há alguns problemas que permanecem ocultos, ou em relação aos quais nem sequer há consciência da sua existência. Referimo-nos, nomeadamente, ao *bullying* e a questões mais abrangentes do foro emocional. Em relação a estas questões são os rapazes que mais dificuldades têm em encontrar quem os ouça e com quem podem conversar.

- ## PERCEÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA E SEGURANÇA

Por outro lado, há ainda a dificuldade de algumas vítimas se declararem como tal, sendo que essa dificuldade pode decorrer de sentimentos de vergonha mas também da ideia (naturalizante) de que “ciúme é amor”.

.....

Ao contrário do que se poderia esperar, os sentimentos de segurança em relação ao espaço público não são muito diferentes entre rapazes e raparigas. Nas entrevistas o concelho de Oeiras surge, no discurso de jovens de ambos os sexos, como um lugar seguro; no questionário, a grande maioria dos/as jovens (84%) concorda com a frase *‘o meu bairro é seguro’*, não havendo grandes diferenças entre rapazes e raparigas. Mas tanto nas entrevistas, como nos *workshops*, as raparigas surgem como os elementos alvo de maior proteção - *“a minha mãe não gosta que eu ande muito sozinha à noite”* (Jovem entrevistada, do sexo feminino, 18 anos, residente em Algés) - e como se sentindo em segurança no seu próprio bairro. Mas as reflexões realizadas nos *workshops* deixam a questão: *“se a pergunta fosse se nos sentimos seguras ‘na rua’, em geral, se calhar as respostas no questionário seriam diferentes”* levantando-se, assim, o véu do assédio a que mais frequentemente as raparigas estão sujeitas no espaço público.



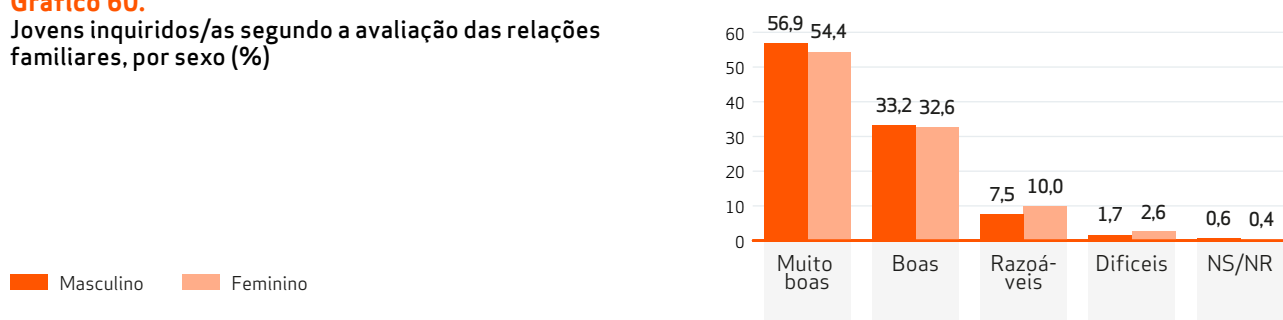
III.7. JOVENS, FAMÍLIA E RELAÇÕES FAMILIARES

A família é uma importante dimensão da vida dos/as jovens. Nesta fase da vida em que se busca independência as relações com a família de origem podem-se alterar, tornarem-se mais tensas, emergirem mais práticas de controlo por contraponto a uma maior necessidade de afirmação e liberdade. Mas se a passagem para a idade adulta se constrói neste processo de progressiva independência face à família de origem, estudos efetuados têm demonstrado que quanto maior apoio houver, por parte daquela, mais fácil é o início de uma vida em autonomia.

Questionados/as sobre a qualidade das suas relações familiares, a grande maioria dos/as jovens refere-se a elas como ‘boas’ ou ‘muito boas’ (88,2%). Apenas 2,3% dos/as jovens faz uma apreciação negativa das suas relações familiares; esta opinião assume o valor mais elevado (3,5%) nos/as jovens com idades entre os 18 e os 24 anos.

Tal como se pode ver no gráfico seguinte, a diferença entre sexos não é expressiva, em todo o caso são os jovens do sexo masculino quem tende a avaliar as relações familiares de forma mais positiva.

Gráfico 60.
Jovens inquiridos/as segundo a avaliação das relações familiares, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Uma vez mais, na leitura destas percentagens há que ter em consideração que a situação pandémica, e mais concretamente os confinamentos que daí decorreram, pode ter tido impactos nos relacionamentos no seio das próprias famílias. Não esquecer que, 63,8% dos/as jovens apontam que tal situação ‘causou momentos de maior tensão em casa’. Não ignorar ainda que cerca de 7% dos e das jovens respondentes ao questionário sinalizaram que não se sentem seguros/as em casa.

Independentemente de as percentagens que revelam relações positivas poderem estar subavaliadas, tendo em conta a conjuntura, os discursos dos/as jovens no ato das entrevistas revelam a família com um palco de entreajuda, facilitando até a assunção por parte dos/as jovens de novos papéis como seja o da maternidade:



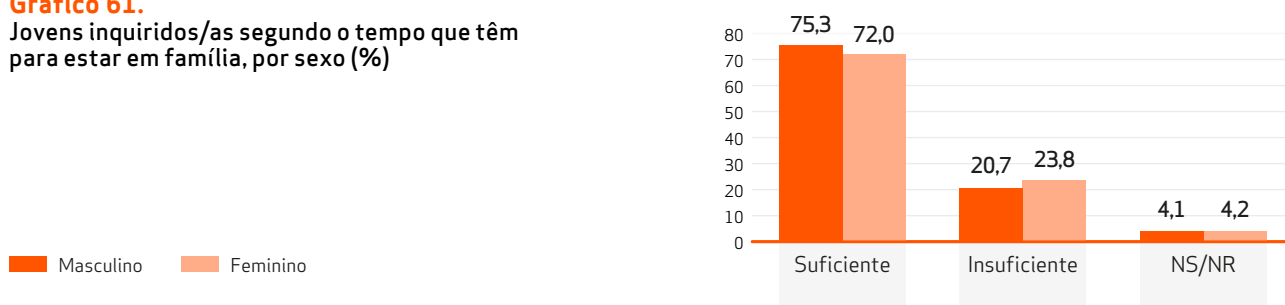
“(...) sim somos próximas. A minha mãe é muito próxima de nós e da minha filha, que me ajudou desde muito cedo a cuidar dela. Assumiu muito o papel de mãe”.

Jovem entrevistada, sexo feminino, 30 anos, residente em Carnaxide



A consolidação de boas relações faz-se, em boa medida, através do tempo ‘de qualidade’ que se passa com a família. Os dados do questionário dizem que são 22,5% os/as jovens que consideram insuficiente o tempo que passam em família, verificando-se, que são as raparigas quem mais expressa essa insuficiência.

Gráfico 61.
Jovens inquiridos/as segundo o tempo que têm
para estar em família, por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Por outro lado, é entre quem tem mais de 25 ou mais anos que é maior a percentagem (38,6%) de jovens que manifesta ter pouco tempo para a família. De notar, que esta é a faixa etária que concentra a maior percentagem de jovens com atividade profissional, o que poderá constituir-se como uma condicionante ao nível do tempo disponível.

Nas entrevistas, o trabalho e, por vezes até o exercício de atividades de lazer, surgem como fatores que dificultam o encontro no seio das famílias.



“(...) toda a gente aqui em casa sempre foi um bocadinho ocupada, com muitas atividades. E isso é bom mas acaba por ser mau às vezes, porque às vezes ficamos uma semana sem conseguir jantar todos juntos ou assim mas há sempre tempo para desfrutarmos uns dos outros. Mas é como digo, somos assim todos um bocadinho ocupados porque eu, o meu pai e a minha irmã fazemos desporto.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 19 anos, residente em Carnaxide



Tal como na anterior, também noutras entrevistas o tempo das refeições emerge como importante para se juntar a família sendo por excelência um espaço onde se promovem as relações entre as gerações.



“Acho que sim [existência de boas relações na família], nós fazemos sempre jantares, jantamos sempre juntos, todos os dias. Eu às vezes tenho treino então chego mais tarde e não janto com eles ou a minha mãe fica a trabalhar até mais tarde mas geralmente jantamos todos os dias e mesmo aos fins de semana fazemos as refeições quase todas juntos”.

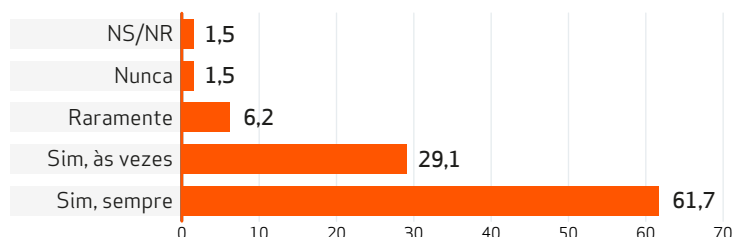
Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Carnaxide



Contudo, a existência de um bom relacionamento familiar, tal como temos vindo a referir, não significa necessariamente que os/as jovens sintam que têm alguém na família com quem podem falar sobre os seus problemas e perspetivas de futuro.

Gráfico 62.

Jovens inquiridos/as segundo a avaliação da existência de alguém na sua família com quem possam falar dos seus problemas e perspetivas de futuro (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

Ainda assim, tal como se pode ver no gráfico anterior, um pouco mais de 60% considera ter 'sempre' alguém, na sua família, com quem falar. Dos/as restantes jovens cerca de 30% tem a perceção que apenas tem com quem falar 'às vezes' e cerca de 8% aponta para 'raramente' ou 'nunca' ter essa possibilidade.

As opiniões mais positivas, ou seja, quem refere ter 'sempre' alguém com quem falar na família, concentram-se entre os/as jovens nos dois extremos das faixas etárias: entre quem tem mais de 25 ou mais anos (64,1%) em quem tem menos de 18 anos (63,3%).

Também nas entrevistas há testemunhos que revelam essa capacidade de escuta e de diálogo nas famílias:



“Acho que tenho bastante à vontade para falar com os meus pais (...) acho que sim.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 25 anos, residente em Algés

“Antes não. Até ter para aí uns 17 anos, não. Também um miúdo não tem muitos problemas mas pronto, são aquelas coisas básicas da escola que acho que também não devemos desvalorizar os problemas das crianças porque pode sempre causar mossas para a vida adulta. (...) os meus pais sempre estiveram lá para me ouvir se eu precisasse mas era mais por mim, sempre fui uma criança um bocadinho reservada. Mas a partir dos 17, 18 anos comecei a falar com os meus pais, mais com a minha mãe.”

Jovem entrevistado, sexo masculino, 19 anos, residente em Carnaxide



Porém, a existência de diálogo na família não substitui a necessidade de se falar com outros ou outras jovens, e mesmo com outras pessoas adultas que assegurem um distanciamento nas suas apreciações:



“Eu falo abertamente com os meus pais acerca da escola, das notas, faculdade, dessas coisas. E mesmo da parte social da escola, também conto várias coisas aos meus pais e, especialmente à minha mãe. Mas lá está, há sempre aquelas coisas que nós às vezes, não é por não nos sentirmos à vontade com os nossos pais, mas que gostamos mais de falar com amigos ou com outros adultos que se calhar não são os nossos pais. Mas nunca deixei de falar por medo ou vergonha. São coisas que... (...) uma parte da vida que nós não gostamos muito de falar mas não é por nenhum motivo grave.”

Jovem entrevistada, sexo feminino, 18 anos, residente em Carnaxide



FAMÍLIA – QUE PLANOS DE FUTURO?

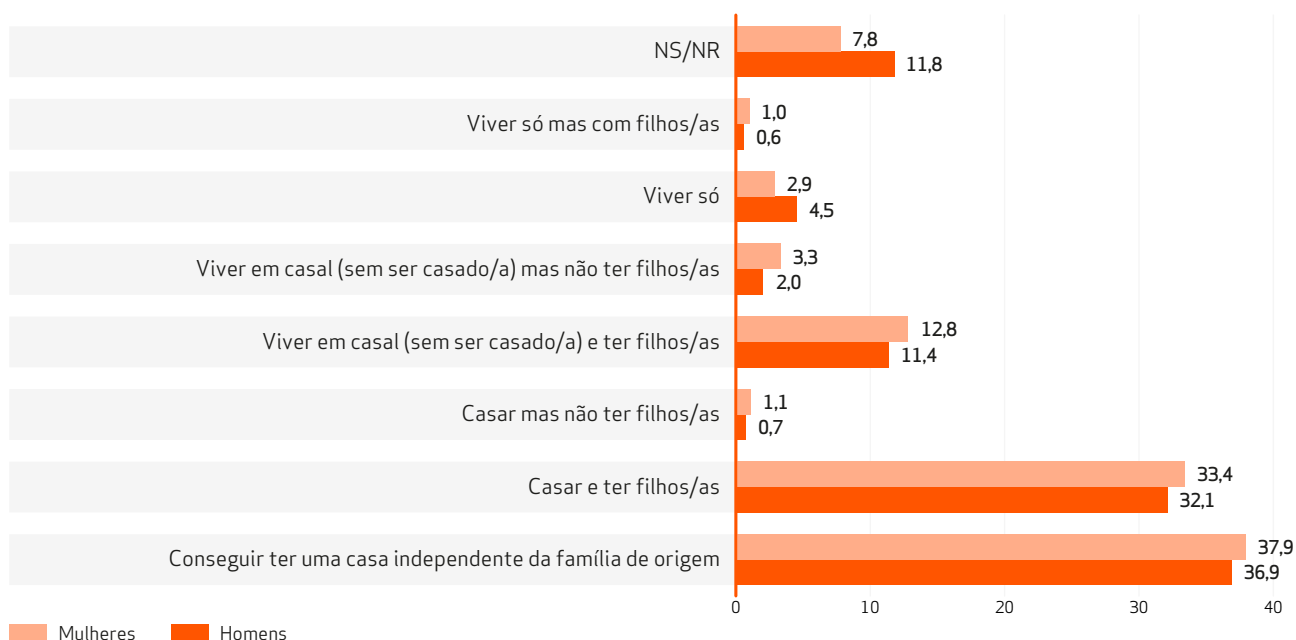
Quanto a planos de futuro em relação à vida em família, os dois projetos mais ambicionados pelos/as jovens inquiridos/as referem-se à independência em termos habitacionais face à família de origem e à constituição de família própria.

Assim, e mais concretamente:

- + 47,2% das raparigas e 44,1% dos rapazes afirma querer ter filhos, fora ou dentro de um contexto de casamento. Este é um dado muito semelhante ao obtido no estudo nacional realizado no âmbito da Fundação Francisco Manuel dos Santos (FFMS) que aponta para 48% dos/as jovens quererem ter filhos no futuro (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021).
- + Cerca de metade das raparigas (50,5%) e 46,5% dos rapazes centram os seus projetos de futuro numa vida em casal (com ou sem filhos), sendo que um pouco mais de 1/3, quer de rapazes, quer de raparigas, opta pela formalização dos laços através do casamento. No estudo da FFMS “«Casar/viver com o/a companheiro/a» ocupa a sétima posição no ranking de critérios que os/as jovens consideram importantes para que uma pessoa possa ser considerada adulta: 17 % dos jovens referiram-no em primeiro, segundo ou terceiro lugar de importância” (Sagnier, L. e Morell, A. (coord.), 2021:330).

Ir viver só é um projeto alimentado por 3,9% das raparigas e 5,1% dos rapazes.

Gráfico 63.
Jovens inquiridos/as, segundo os seus projetos futuros,
por sexo (%)



Fonte: CESIS 2021, Jovens de Oeiras / Questionário.

O SENTIMENTO DE FELICIDADE

A felicidade pode ser considerada como o expoente máximo do bem-estar.

Quando questionados/as diretamente sobre se são felizes, cerca de 73% dos/as jovens inquiridos/as afirma que sim. Ainda que esta seja a resposta dominante, existem, contudo, perto de 23% que referem 'nem sempre' serem felizes e 3,4% para quem a resposta é claramente negativa.

Quem são estes/as jovens e que características os/as distinguem?

JOVENS QUE REFERIRAM SER FELIZES

- + Os rapazes estão sobre representados neste grupo.
- + Trabalham ou são estudantes
- + Avaliam a sua saúde como muito boa
- + Vivem em autonomia
- + Consideram as suas relações familiares como muito boas

JOVENS QUE REFERIRAM NUNCA OU NEM SEMPRE SEREM FELIZES

- + As raparigas estão sobre representadas neste grupo.
- + Estão desempregados/as
- + Avaliam a sua saúde como razoável ou má
- + Consideram difíceis as suas relações familiares
- + Sentem muito a escola como pressão
- + Afirnam ter sido vítimas de *bullying*
- + Afirnam ter sido vítimas de discriminação

No próprio questionário os/as jovens puderam escrever sobre as razões para não se sentirem felizes. São vários os motivos enunciados que abarcam várias dimensões das suas vidas ... Das muitas respostas obtidas, apresentamos alguns exemplos:

- + Problemas na escola, incluindo sentimento de pressão.
- + Questões de saúde mental (agravada em alguns casos devida à pandemia); Ansiedade; Depressão; Bulimia nervosa.
- + Relações familiares complicadas.
- + Dificuldades em arranjar trabalho.
- + Baixa autoestima; Falta de motivação e objetivos de vida; Não-aceitação de si próprio/a.
- + Dificuldades em obter independência financeira.
- + Dificuldades em obter autonomia habitacional.
- + Situações de *bullying*.
- + Ausência de amigos na vida.
- + Falta de realização pessoal.

Já nas explicações para ser feliz, a família e as relações de amizade apresentam-se como fatores cruciais na origem de tal sentimento...





IV. SÍNTESE CONCLUSIVA E PROPOSTAS PARA A AÇÃO

No final deste documento não podemos deixar de salientar alguns dos elementos que, tendo sido referidos ao longo do texto, nos parecem mais relevantes para uma compreensão da população jovem do concelho de Oeiras nas suas múltiplas dimensões.

Assim, destaque-se:

EDUCAÇÃO

- + Verifica-se uma evolução positiva das taxas de retenção e abandono no ensino básico e no secundário durante a última década.
- + À semelhança do que acontece a nível nacional em todos os níveis de ensino são os rapazes que apresentam taxas de retenção mais elevadas. As diferenças mais expressivas encontram-se no ensino secundário e, sobretudo, nos Cursos gerais/científico-humanísticos.
- + Em geral, as expectativas face ao nível de instrução a alcançar dos/as jovens inquiridos/as são elevadas mas as raparigas apostam em percursos escolares mais longos do que os rapazes. A sua forte orientação para o sucesso é tido como um fator que as leva a sentir a escola como pressão, também em maior percentagem do que os rapazes.
- + Os dados de fontes oficiais revelam uma tendência para o aumento dos níveis de instrução da população jovem que trabalha por conta de outrem no concelho de Oeiras. Por outro lado, são as jovens mulheres que apresentam uma escolaridade mais elevada do que os homens.

TRABALHO/EMPREGO

- + Entre as pessoas jovens trabalhadoras por conta de outrem em Oeiras, a maioria estabeleceu um contrato de trabalho com termo, o que implicará entradas e saídas do mercado de trabalho, intercaladas por períodos mais ou menos longos no desemprego. Estes dados, fornecidos pelo Gabinete de Estatísticas de Planeamento do Ministério do Trabalho e Segurança Social está em alinhamento com os resultados do questionário aplicado aos/às jovens do concelho, no âmbito deste estudo. Com efeito, um pouco mais de 60% das pessoas respondentes a trabalhar, no momento de resposta ao questionário, já tiveram outro trabalho para além do atual. Esta rotatividade atinge mais as mulheres - 67,9% face a 58,7% dos jovens homens trabalhadores. Por outro lado, cerca de 54% da população jovem respondente a trabalhar, fazem-no ao abrigo de contratos não permanentes de trabalho.
- + De acordo com os dados obtidos no questionário, o tipo de contrato de trabalho varia em função do nível de escolaridade alcançado. Ou seja, são os/as jovens com ensino superior quem, em maior percentagem (49,7%), têm contratos de trabalho sem termo, o que permite uma maior estabilidade. Esta percentagem baixa para 33,2% e 23,7% respetivamente para as pessoas com ensino secundário/pós secundário e para quem alcançou, no máximo, o 3º ciclo do ensino básico. Este pode constituir um indicador de que “estudar compensa”.

- + Mais de metade dos/as jovens inquiridos/as considera que o seu atual trabalho está adequado ao seu nível de instrução/qualificação, havendo uma maior percentagem dos homens a afirmarem essa adequação - 65,7% face a 62,8% das mulheres. No entanto, 26,6% consideram-se “desaproveitados/as” já que afirmam ter qualificações superiores às exigências do trabalho, opinião que apresenta um peso percentual um pouco superior no caso das mulheres (28,5% face a 23,6% dos homens). Se considerarmos os níveis de instrução são as pessoas com licenciatura, ou mais, as que tendem a considerar que têm mais qualificações do que lhes é exigido em contexto profissional.
- + Salários baixos e ‘desgosto’ com o tipo de profissão são os dois motivos mais referidos tanto por mulheres, como por homens, para se justificar a insatisfação em relação ao trabalho que realizam. O terceiro motivo mais mencionado (por mais de 30% das pessoas jovens respondentes) está relacionado com a ‘insegurança e instabilidade laboral’, o que significa que estas são características atuais do mercado de trabalho que não são propriamente desejadas pelas pessoas jovens.
- + Os salários auferidos surgem, nos discursos dos/as jovens, como baixos e com fraca capacidade para proporcionar a independência esperada quando se inicia uma atividade profissional.
- + Inquiridos/as sobre quais as suas ambições para o futuro relacionadas com a atividade profissional, duas questões se evidenciam, em ambos os sexos: i) a perspetiva de ter um trabalho/emprego que permita uma progressão na carreira, valorizando-se assim a estabilidade ii) a questão financeira, traduzida na expressão ‘ter um trabalho/emprego bem remunerado’.

SAÚDE E BEM-ESTAR

- + Da população jovem inquirida, a grande maioria avalia como ‘boa’ ou ‘muito boa’ a sua saúde (89,3%).
- + O uso abusivo das redes sociais/computadores/internet é o comportamento aditivo que mais predomina entre raparigas e rapazes.
- + Os consumos abusivos de álcool e substâncias psicoativas são preocupações que envolvem mais os rapazes.
- + Manter o equilíbrio mental foi considerado como o maior desafio de futuro, em termos de saúde. A saúde mental parece ser um problema com tendência crescente e agravado pela pandemia. Esta é uma questão que preocupa ainda mais as raparigas do que os rapazes como reflexo da maior pressão, também mais sentida pelas raparigas, por parte da escola.
- + A dificuldade de os jovens rapazes expressarem sentimentos e identificarem questões do foro emocional como problemas, havendo também pouco contexto (na família e entre pares) para que tais assuntos sejam falados, leva os rapazes a desvalorizar mais as questões da saúde mental.

HABITAÇÃO

- + A grande maioria das pessoas jovens inquiridas (80%), quer do sexo feminino, quer do sexo masculino, refere viver em casa da família de origem.
- + Nem sempre ter emprego é suficiente para se conseguir sair de casa dos pais: perto de 30% dos/as jovens que ainda vivem com a família de origem estão a trabalhar, o que significa que, a maioria, ainda não terá alcançado condições financeiras para se autonomizar.



- + No geral, mesmo aqueles/as jovens que auferem melhores salários referem a dificuldade de fazer face aos elevados custos da habitação, particularmente sentidos no concelho de Oeiras.
- + Do questionário aplicado aos/às jovens verificou-se que apenas 5,4% conhecem e beneficiam do programa “Habitação Jovem”.
- + As perspetivas da maior parte dos/as jovens (cerca 68%) face à habitação passam por ter uma casa própria (e não arrendada). Este projeto está muito associado ao desejo de uma vida em casal seja através da formalização do casamento, ou não.
- + O projeto de arrendar uma casa é explicitado apenas por cerca de 18%.

USOS DO TEMPO PARA ALÉM DA ESCOLA E DO TRABALHO

- + 90% das jovens raparigas e 77,5% dos jovens rapazes afirmam que todos os dias passam tempo nas redes sociais. Para as raparigas as redes sociais podem conduzir a consequências particularmente gravosas pois, nomeadamente, ao “imporem” padrões de beleza acabam por exercer controlo e pressão.
- + A prática associativa não se revela muito presente na vida dos/as jovens mas são as raparigas quem em maior número referem não participar em associações (56,2% face a 48,4% dos rapazes).
- + São também as raparigas que manifestam menos hábitos de prática desportiva. Mas são as raparigas que residem em empreendimentos municipais que mais referem não praticar desporto. A situação de particular desfavorecimento destas raparigas, no que diz respeito ao acesso a alguns bens desportivos e culturais, manifesta-se ainda nas percentagens das que dizem nunca ter ido a concertos, cinemas e teatros.

USO DOS RECURSOS DO CONCELHO

- + Há equipamentos que não são frequentados por mais de metade dos/as jovens inquiridos/as: *Fitness Outdoor*; Escola de Vela; Teatros Municipais; Bibliotecas Municipais.
- + Os equipamentos menos utilizados, tanto por rapazes, como por raparigas, são: a Escola de Vela que tipo de atividade e dimensão terá uma capacidade menor de abrangência; os Teatros Municipais e as Bibliotecas.
- + Os Pavilhões Desportivos e as Piscinas Municipais têm sobretudo uma frequência masculina.
- + A grande maioria dos/as jovens considera que ‘tem acesso à cultura’, ‘tem acesso à informação’. Também a maioria dos/as jovens manifesta-se satisfeito/a com a oferta desportiva e cultural do concelho. A este nível regista-se uma assimetria dentro do concelho com os jovens, e particularmente as jovens, que residem nos empreendimentos municipais a terem uma opinião menos favorável.
- + Os três programas menos conhecidos entre a população inquirida são: *Experimenta-te*, o *Oeiras Band Session's*, e *Jovem Mais Ativo*. Em contrapartida, os mais conhecidos/participados são: programa *Jovens em Movimento*, seguido do programa *Mexe-te nas Férias*.

RELACÕES FAMILIARES

- + Questionados/as sobre a qualidade das suas relações familiares, a grande maioria dos/as jovens refere-se a elas como 'boas' ou 'muito boas'.

VIOLÊNCIA(S) E SENTIMENTOS DE (IN)SEGURANÇA

- + Em 2020, a Polícia de Segurança Pública registou um total de 270 pessoas com menos de 25 anos, como vítimas de um crime de violência doméstica. A maior parte é do sexo feminino.
- + 10% das raparigas inquiridas e 7% dos rapazes afirmaram já terem sido vítimas de violência no namoro.
- + 30% das raparigas e 25% dos rapazes afirmam conhecer situações de violência no namoro.
- + A maior parte dos/as jovens inquiridos/as afirma saber pedir ajuda em caso de se sentir em perigo.

O SENTIMENTO DE FELICIDADE

Quando questionados/as diretamente sobre se são felizes, cerca de 73% dos/as jovens inquiridos/as afirmam que ‘sim’.

As pessoas jovens que se dizem nem sempre, ou nunca, se sentirem felizes são, sobretudo jovens do sexo feminino; em situação de desemprego; que consideram difíceis as suas relações familiares; que sentem muito a escola como pressão; que se afirmam ter sido vítimas de *bullying*; que se afirmam ter sido vítimas de discriminação.

A HETEROGENEIDADE DA JUVENTUDE

Para além do que foi aqui apresentado, os resultados obtidos pelo estudo dão conta da grande diversidade de situações que a juventude, enquanto categoria social, encerra tornando-se evidente a sua forte heterogeneidade.

Identifiquem-se aqui, algumas destas diversidades:

Jovens Nem-Nem. São 25 jovens, o que corresponde a 1% do total de jovens inquiridos/as. Não trabalham, já não estudam e nunca tiveram qualquer experiência de trabalho. Têm maioritariamente idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos.

Jovens em situação de desemprego. São 175 pessoas⁴⁷, o que significa 8,4% da população inquirida.⁴⁸ Algumas características deste grupo: têm maioritariamente idades compreendidas entre os 18 e os 24 anos; 12% concluíram, no máximo o ensino básico; 48% completaram o ensino secundário ou pós secundário; 28% têm, no mínimo, a licenciatura.

Jovens que trabalham. São 717 o que corresponde a cerca de 36% da população inquirida. Neste grupo há uma sobre representação das mulheres; têm mais de 18 anos e mais de metade concluiu, pelo menos, a licenciatura. Mais de metade já teve outros trabalhos e a maioria considera-se feliz.

Jovens que já não vivem em casa da família de origem. São 395 jovens dos quais 49% tem 25 anos ou mais; perto de 60% está a trabalhar e a maioria afirma sentir feliz (74%).

Jovens com baixas expetativas em relação ao nível de instrução a alcançar. São 134. Cerca de 60% afirmaram ter insucesso na escola; 80% têm menos de 18 anos; 22% estão numa situação de desemprego mas a maior parte (69%) diz sentir-se feliz.

⁴⁷ Existem também 8 pessoas que referem serem ‘domésticas’. Estas pessoas serão incluídas no tratamento estatístico dos/as ‘desempregados/as’, não sendo feita distinção entre estas e as pessoas desempregadas.

⁴⁸ No estudo da Fundação Francisco Manuela dos Santos a percentagem de jovens desempregados/as é de 14% mas, uma vez mais importa não esquecer, que o grupo de idades considerado abrangem pessoas mais velhas.

Ainda como conclusão do trabalho desenvolvido podemos dizer que os/as jovens têm, em geral, uma imagem positiva do futuro do concelho.

Quando convidados/as diretamente a pronunciarem-se sobre a sua visão para o concelho daqui a vinte anos, foram 700 as pessoas jovens que o fizeram. Cerca de 23% destes/as jovens afirmam ter uma imagem positiva do futuro do concelho mas não concretizam propostas ou recomendações, esperando, no entanto alguns, que Oeiras venha a ser o melhor concelho do mundo para viver.

Para cerca de 50% as expetativas de futuro continuam a ser positivas mas perspetivam melhorias concretas que se podem organizar em três desafios maiores:

- + Aposta na sustentabilidade ambiental – “*tornar Oeiras verde*” como escreveram estes/as jovens no questionário:
 - “*Cidade verde e sustentável com hortas, painéis fotovoltáicos em todo o lado e livre de carbono*”;
 - “*Cidade verde com energias limpas*”;
 - “*Com mais espaços verdes naturais (não feitos pelo Homem, como é o Parque dos Poetas), até em modo selvagem o que é de extrema importância para os ecossistemas. Um concelho que deixe de ser dependente.*”
- + Aposta numa rede de transportes que melhor corresponda às necessidades das pessoas e mais amiga do ambiente, fomentando as novas formas de mobilidade:
 - “*Gostaria que fosse um concelho promotor de uma mobilidade mais sustentável através dos transportes públicos e de uma rede clicável, que tivesse uma oferta cultural rica para usufruto dos munícipes e que apostasse nas pequenas áreas verdes em ambiente urbano como forma de melhorar a qualidade do ar e o conforto térmico.*”
 - “*Concelho (...) com uma rede de transportes públicos acessível e eficiente, permitindo deixar facilmente o automóvel em casa.*”
- + Aposta em habitações acessíveis com capacidade para fixar e atrair população em vez de a expulsar:
 - “*Com mais habitação para todos. Infelizmente é quase impossível viver em Oeiras e trabalhar no concelho com as condições de hoje. Gostaria de ficar cá mas sinto-me obrigada a mudar devido aos preços altíssimos praticados no concelho.*”

Ainda que, em menor número, há jovens que expressam o desejo de o concelho se tornar mais inclusivo e com maior capacidade para criar emprego dirigido às pessoas mais jovens.

Para os cerca de 27% que afirmam ter uma imagem negativa do futuro do concelho, tal imagem alimenta-se da impossibilidade de o concelho fixar a população mais jovem, sobretudo devido às questões habitacionais: “*Atualmente, a única forma possível de imaginar Oeiras é como uma vila velha, dado que, por mais que os jovens queiram, não vão conseguir criar vida em Oeiras.*”

Por outro lado, o crescimento das construções podem, na opinião destes e destas jovens, alterar para pior a paisagem, a qualidade de vida e a inclusão:

- “*Cheia de construções e com pouco espaços verdes. Lotada de pessoas e desagradável andar de carro nas ruas.*”
- “*Cheia de prédios, de pessoas sem emprego e de pessoas sem casa, pois o preço das casas está a subir cada vez mais, principalmente na zona mais junto ao mar. Muitos estrangeiros viverão cá.*”

- + Ações de sensibilização (saúde mental, saúde sexual e reprodutiva, *bullying*):

+ Creches com valores acessíveis para todos:

+ Feiras de profissões e de emprego:

- + Feiras de profissões e de emprego;
- + Alargamento de serviços de informação, orientação e apoio na procura de emprego;
- + Apoio a jovens empreendedores que querem começar o seu negócio;
- + Parcerias com empresas para estágios remunerados, negociar a sede dos mesmos no nosso concelho;
- + Programas que permitam a jovens compatibilizar os estudos com um trabalho remunerado;
- + Mais programas para inserção de jovens no mercado de trabalho a longo prazo.

PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA HABITAÇÃO

- + Habitação jovem a preços mais acessíveis;
- + Mais aposta no programa de Habitação Jovem;
- + Apoio no pagamento de rendas para jovens;
- + Maior qualidade nos empreendimentos sociais.

PROPOSTAS DOS/AS JOVENS NO DOMÍNIO DA PARTICIPAÇÃO

Incrementar a participação

- + Ações de sensibilização para envolvimento dos jovens do Concelho na vida política;
- + Assembleias Municipais e de Freguesia temáticas, para jovens e com representação diversificada;
- + Melhores canais de informação com os/as jovens;
- + Clubes de debate promovidos pelos/as próprios/as jovens;
- + Mais formação para a Cidadania nas escolas.

Mais auscultação e poder de influência nas decisões públicas

- + Mais inquéritos de auscultação, como o que foi feito neste estudo;
- + Reuniões especificamente destinadas a ouvir a opinião dos jovens;
- + Semanas abertas no município, onde se reflita sobre: O que é Oeiras verdadeiramente? Quem são os Oeirenses? Com quem vivemos neste concelho? Como dar resposta aos problemas de uns e de outros?

Voluntariado: ambiente e solidariedade social

- + Ações de sensibilização para o meio ambiente;
- + Programas de apoio à limpeza dos espaços públicos;
- + Programa 'Jovens em Movimento' durante todo o ano;
- + Atividades intergeracionais.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Comissão Nacional de Promoção dos Direitos e Proteção das Criança e Jovens (2021) *Relatório Anual de Avaliação da Atividade das CPCJ 2020*, CNPDPCJ, Lisboa

Duarte, A. M. (2013). “De precário e empreendedor todos temos (que ter) um pouco? Reflectindo sobre as narrativas de construção da identidade do trabalhador contemporâneo”. In Marques, A.P.; Gonçalves, C.M. & Velloso, L. (coord.) *Trabalho, Organizações e Profissões: Recomposições conceptuais e desafios empíricos*. Lisboa: Associação Portuguesa de Sociologia, pp.13-31

EAPN (2020), *EM FOCO. Dos 15 aos 24: Pobreza e exclusão social nos jovens em Portugal*, Observatório Nacional da Luta Contra a Pobreza; EAPN Portugal / Rede Europeia Anti-Pobreza

Ferreira, T., e Vieira, M. M. (2018) *Emprego, empregabilidade e empreendedorismo: As políticas públicas para o emprego jovem. Policy Brief 2018*, Observatório Permanente da Juventude, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais

Ferreira, V. S., *Modas e modos: A privatização do corpo no espaço público português* in Mattoso, J. (Dir.), ‘História da vida privada em Portugal: Os nossos dias’, Lisboa, Círculo de Leitores – Temas e debates, 2011, pp. 242-276

Ferreira, V.S. et al. (2017). *Geração milénio?: um retrato social e político*. Lisboa : ICS. Imprensa de Ciências Sociais.

Guerreiro, M. Dores, e Abrantes P. (2007), *Transições Incertas. Os jovens perante o trabalho e a família*, CITE - Comissão para a Igualdade no Trabalho e no Emprego, Editorial do Ministério da Educação, Lisboa.

Guerreiro, M. Dores, Pegado E., Mateus S., Abranches M., Abrantes P., e Pereira I. (2008), *Os jovens e o mercado de trabalho: Caracterização, estrangulamentos à integração efectiva na vida activa e a Eficácia das Políticas*, CIES-ISCTE – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia, Lisboa,

Guerreiro, M. Dores, Abrantes, P. e Pereira, I. (2007), *Transições na juventude Percursos e discontinuidades*, Capítulo 9 in ‘Portugal no Contexto Europeu, vol. III - QUOTIDIANO E QUALIDADE DE VIDA’, Celta Editora, Lisboa

Guerreiro, M. Dores, Torres A. e Lobo, C. (2007), *Famílias em mudança: configurações, valores e processos de recomposição*, Capítulo 1 in ‘Portugal no Contexto Europeu, vol. III - QUOTIDIANO E QUALIDADE DE VIDA’, Celta Editora, Lisboa

Magalhães. M.J. (coord) (2020), *Estudo Nacional sobre Violência no Namoro - Violência no namoro em Portugal: vitimação e conceções juvenis*, Lisboa: UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. Disponível em: http://www.umarfeminismos.org/images/stories/noticias/VN_2020_NACIONAL.pdf

Mamede, Ricardo P. (coord.) (2020), *Portugal: Uma análise rápida do impacto da COVID-19 na economia e no mercado de trabalho*, OIT - Organização Internacional do Trabalho.

Miguéns, M. (coord.) (2020), *Estado da Educação 2019*, Conselho Nacional de Educação (CNE), Lisboa

Nico, M. (2018), *Plano Nacional da Juventude. Relatório parcial: áreas prioritárias e propostas*. Lisboa: IPDJ, I.P.

Nunes J.A. e Louvison M. (2020), 'Epistemologias do Sul e descolonização da saúde: por uma ecologia de cuidados na saúde coletiva'? Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200563>

OECD (2020), *Education at a Glance 2020: OECD Indicators*, OECD Publishing, Paris
Disponível em: <http://www.oecd.org/education/education-at-a-glance/>

OIT (2020), *Jovens e a COVID-19- Impactos no emprego, na educação, nos direitos e no bem-estar mental. Relatório do Inquérito 2020*, OIT - Organização Internacional do Trabalho.

Oliveira, Catarina Reis (2021), *Indicadores de integração de imigrantes*, Alto Comissariado para as Migrações (ACM, I.P.)

Pais, J. M. (1990), A construção sociológica da juventude-alguns contributos in *Análise Social*, vol. XXV (105-106), (1º, 2º), pp. 139-165

Pais, J. M., Bendit, R., Ferreira, V. S. (2011), *Jovens e rumos*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais

Sagnier, L. e Morell, A. (coord.) (2021), *Os jovens em Portugal, hoje: Quem são, que hábitos têm, o que pensam e o que sentem*, Fundação Francisco Manuel dos Santos, Lisboa

UNICEF (2021), *The State of the World's Children 2021 - On my mind. Promoting, protecting and caring for children's mental health*. Disponível em: <https://www.unicef.org/media/108121/file/SOWC-2021-Europe-regional-brief.pdf>

Vieira, M. M., (2016), "Juventude(s) e escolhas de futuro: Do risco ao arriscar" in Rocha, G.P.N., Laland-Gonçalves, R. & Medeiros, P.D. (orgs.), *Juventude(s): Novas realidades novos olhares*, Vila Nova de Famalicão, Edições Húmus, pp. 123-147

ANEXOS

ANEXO 1

ESTUDO SOBRE A POPULAÇÃO JOVEM RESIDENTE NO CONCELHO DE OEIRAS

Introdução: Apresentação do estudo e seus objetivos

Freguesia de residência (assinale na lista abaixo a freguesia em que reside):

União das Freguesias de Algés, Linda-a-Velha e Cruz-Quebrada/Dafundo	
União das Freguesias de Carnaxide e Queijas	
União das Freguesias de Oeiras, São Julião da Barra, Paço de Arcos e Caxias	
Freguesia de Porto Salvo	
Freguesia de Barcarena	

1. CARACTERIZAÇÃO

No início deste questionário pedimos-lhe que responda às seguintes perguntas sobre si próprio/a:

1. Sexo

Masculino	
Feminino	

2. Idade _____

SE VIVE EM CASA DE ACOLHIMENTO SALTA PARA PERGUNTA 15

2. COMPOSIÇÃO DO AGREGADO FAMILIAR

Este primeiro conjunto de questões refere-se ao seu agregado familiar.

3. No total, e contando consigo, quantas pessoas vivem consigo?

I _____ I pessoas.

4. Por favor, sinalize as pessoas com quem mora:

	SIM	NÃO
4.1 Mãe		
4.2 Pai		
4.3 Avó/avô		
4.4 Padrasto/madrasta		
4.5 Irmã/irmão		
4.6 Cônjuge/companheiro/a		
4.7 Filho/a		
4.8 Outro parente		
4.9 Outras pessoas sem parentesco		

5. Por favor indique, em relação ao pai e à mãe:

5.1 Informação relativa ao PAI:

SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO	NÍVEL DE INSTRUÇÃO CONCLUÍDO
Tem um trabalho ou profissão	Nenhum nível de educação completo
Está desempregado/a	1º Ciclo do ensino básico
É estudante ou está a frequentar formação profissional	2º Ciclo do ensino básico
É trabalhador/a e estudante	3º Ciclo do ensino básico
Realiza trabalho doméstico (não pago)	Ensino secundário
Outra situação	Pós-secundário não superior
Não sabe/Não responde	Ensino superior
	Não sabe/Não responde

5.2 Informação relativa à MÃE:

SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO	NÍVEL DE INSTRUÇÃO CONCLUÍDO
Tem um trabalho ou profissão	Nenhum nível de educação completo
Está desempregado/a	1º Ciclo do ensino básico
É estudante ou está a frequentar formação profissional	2º Ciclo do ensino básico
É trabalhador/a e estudante	3º Ciclo do ensino básico
Realiza trabalho doméstico (não pago)	Ensino secundário
Outra situação	Pós-secundário não superior
Não sabe/Não responde	Ensino superior
	Não sabe/Não responde

3. RELAÇÕES FAMILIARES

A propósito da família, gostávamos que respondesse a perguntas de outra natureza.

6. Como classifica as suas relações com a sua família?

Muito boas	
Boas	
Razoáveis	
Difíceis	
Não sabe/Não responde	

7. Considera que o tempo que tem para estar em família é:

Suficiente	
Insuficiente	
Não sabe/Não responde	

8. Acha que tem alguém na sua família com quem pode falar sobre os seus problemas e perspectivas de futuro:

Sim, sempre	
Sim, às vezes	
Raramente	
Nunca	
Não sabe/Não responde	

9. Em relação à vida em família, quais os seus projetos para o futuro? Sinalize a frase que, para si, corresponde à sua maior ambição.

Conseguir ter uma casa independente da família de origem	
Casar e ter filhos/as	
Casar mas não ter filhos/as	
Viver em casal (sem ser casado/a) e ter filhos/as	
Viver em casal (sem ser casado/a) mas não ter filhos/as	
Viver só	
Viver só mas com filhos/as	
NS/NR	

4. CONDIÇÕES DE VIDA E HABITAÇÃO

Gostávamos, agora, que respondesse a algumas questões sobre a casa onde vive.

10. Vive em casa dos seus pais/família de origem ou vive numa casa sua?

Vive na sua própria casa	
Vive em casa da família de origem /dos pais	
Vive numa casa que não é sua com outras pessoas/familiares	
Recusa responder	

Passa para a pergunta 12

11. A casa onde mora é: arrendada, comprada.....?

Arrendada	
Casa comprada (com ou sem empréstimo / hipoteca)	
Casa cedida	
Não sabe/Não responde	

12. Essa casa fica, ou não, num bairro de habitação social?

Sim, fica	
Não	
Não sabe /Não responde	

13. Gosta da casa onde vive?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 15

Passa para a pergunta 15

14. Se não, porquê? (por favor sinalize as razões que considere mais importantes)

	SIM	NÃO
14.1 É muito cara		
14.2 Não tem as condições de habitabilidade necessárias		
14.3 Fica longe do resto da família / amigos		
14.4 Fica longe do local de trabalho		
14.5 Fica longe dos transportes e dos serviços		
14.6 A localização não oferece segurança		
14.7 É pequena		
14.8 Fica longe da escola /faculdade		

.....

14.9 Fica numa zona pouco cuidada, pouco limpa		
14.10 Fica numa zona sem comércio		
14.11 Fica numa zona onde não há sítios para se estar com os/as amigos/as		
14.12 Fica numa zona onde não há espaços para a prática de atividades desportivas		
14.13 Fica situada num bairro social		
14.14 Outra razão. Qual?		
Não sabe/Não responde		

15. Na sua opinião, quais serão as principais dificuldades para uma pessoa jovem ter uma casa sua, independente da sua família de origem?

	SIM	NÃO
15.1 As casas são muito caras		
15.2 Muitos jovens estão desempregados / têm empregos precários		
15.3 Não se conseguem fiadores		
15.4 Os proprietários não querem fazer contratos		
15.5 As casas mais acessíveis não oferecem condições de habitabilidade		
15.6 Os bancos dificultam os empréstimos		
15.7 As casas mais acessíveis são longe		
15.8 Acho que não há dificuldades		
15.9 Outra razão. Qual?		
Não sabe/Não responde		

16. Em relação à habitação, quais os seus projetos para o futuro? Sinalize o que, para si, corresponde à sua maior ambição (uma opção por coluna)

16.1. LOCALIZAÇÃO

Continuar a morar em Oeiras	
Ir morar para outro concelho	
Ir morar para fora do país	

16.2. SITUAÇÃO HABITACIONAL

Partilhar casa com amigos/as	
Ir viver sozinho/a numa casa arrendada	
Ir viver sozinho/a numa casa própria	
Ir viver com o/a namorado/a ou cônjuge numa casa arrendada	
Ir viver com o/a namorado/a ou cônjuge numa casa própria	
Ir viver numa casa própria com espaço ao ar livre (jardim)	
Ir viver numa casa arrendada com espaço ao ar livre (jardim)	
Outra. Qual? _____	

5. EDUCAÇÃO

Vamos agora pensar na educação e formação.

17. Presentemente está a frequentar a escola, alguma ação de educação/formação ou a frequentar a universidade?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 21

Passa para a pergunta 21

18. Tem tido problemas na escola/formação/universidade?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 20

Passa para a pergunta 20

19. Que tipo de problemas tem tido?

	SIM	NÃO
19.1 Insucesso escolar		
19.2 Problemas de comportamento		
19.3 Dificuldades de concentração		
19.4 Problemas de relacionamento com professores/as		
19.5 Problemas de relacionamento com colegas		
19.6 É / foi vítima de <i>bullying</i>		
19.7 É / foi vítima de discriminação		
19.8 Sente que não tem apoio no estudo		
19.9 Dificuldade em pagar propinas/despesas com educação/formação		
19.10 Outra razão. Qual?		
Não sabe/Não responde		

20. Ainda em relação às questões da educação/formação, quais são os principais desafios que enfrenta?

	SIM	NÃO
20.1 Ter sucesso na escola		
20.2 Conseguir entrar para a faculdade		
20.3 Concluir um curso universitário		
20.4 Encontrar um curso profissional ajustado aos meus interesses		
20.5 Saber qual a área de ensino que poderá ter mais saídas profissionais		
20.6 Continuar em formação mesmo depois de ter saído do sistema de ensino		
20.7 Ter interesse nas matérias escolares		
20.8 Conhecer bem as minhas competências		
20.9 Lidar com a pressão que a escola exerce		

21. Qual é o nível de educação mais elevado que já completou? Se ainda estiver a estudar, indique o nível mais elevado completado até ao momento.

Não completou nenhum nível de instrução	
1º Ciclo do ensino básico	
2º Ciclo do ensino básico	
3º Ciclo do ensino básico	
10º ou 11º ano	
12º ano	
Pós-secundário não superior	
Bacharelato	
Licenciatura	
Pós-graduação	
Mestrado	
Doutoramento	
Não sabe/Não responde	

22. Até quando gostaria de ter estudado ou que nível de ensino quer alcançar?

Até concluir 11º ano	
Até concluir 12º ano	
Até concluir o pós-secundário	
Até concluir uma licenciatura	
Até fazer o mestrado	
Até fazer o doutoramento	
Está satisfeito com o seu nível de educação/não pretende voltar a estudar	
Outro. Qual?	
Não sabe/Não responde	

6. CONDIÇÃO PERANTE O TRABALHO

Mudando novamente de tema, temos umas questões sobre trabalho.

23. Por favor, indique qual a sua condição perante o trabalho:

Tem um trabalho ou profissão	
Está desempregado/a	Passa para a pergunta 36
É estudante ou frequenta formação profissional	Passa para a pergunta 41
É trabalhador/a estudante	
É doméstica/o (não tem trabalho remunerado, está em casa e trata da casa e da família)	Passa para a pergunta 36
Outra situação	Passa para a pergunta 41

SITUAÇÃO DAS PESSOAS COM EMPREGO/ TRABALHO

As questões seguintes dizem respeito ao seu trabalho remunerado. Se tiver mais do que um emprego/trabalho, considere o principal.

24. Qual é a profissão (ou trabalho) que exerce?

25. Há quanto tempo tem este trabalho?

----- meses ----- anos

Não sabe/Não responde ☐

26. Antes desse, teve outros trabalhos e/ou profissões?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

27. Exerce a sua profissão (ou trabalho) como trabalhador/a por conta de outrem, trabalhador/a por conta própria, trabalhador/a familiar não remunerado/a ou como estagiário/a?

Trabalhador/a por conta própria
Trabalhador/a por conta de outrem (tem patrão)
Estágio profissional
Não sabe/Não responde

Passa para a pergunta 29

Passa para a pergunta 29

28. Que tipo de contrato de trabalho tem no seu principal trabalho remunerado?

Contrato de trabalho sem termo/efetivo (permanente)	
Contrato de trabalho com termo certo	
Contrato de trabalho com termo incerto	
Contrato de trabalho temporário, através de agência de trabalho temporário	
Contrato para realização de estágio profissional	
Contrato de prestação de serviços (inclui recibo verde)	
Sem contrato de trabalho	
Ainda está no período experimental	
Outro. Qual?	
Não sabe/Não responde	

29. O seu trabalho é a tempo inteiro ou a tempo parcial?

A tempo inteiro	
A tempo parcial	
Não sabe/Não responde	

30. Durante o último período de Estado de Emergência na sequência da pandemia da COVID19 esteve em lay off?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Oeiras	
Lisboa	
Cascais	
Amadora	
Sintra	
Outro	

Sim
Não
Mais ou menos
Não sabe/Não responde

Passa para a pergunta 34

	SIM	NÃO	NÃO SE APLICA / PREFIRO NÃO RESPONDER
Não se aplica / Prefiro não responder			
33.1. Gostaria de ter outra profissão			
33.2. Salário baixo			
33.3. Insegurança ou instabilidade laboral			
33.4. Relação com chefias			
33.5. Relação com colegas			

Sim	
Não, o trabalho é exigente demais para as minhas qualificações	
Não, as minhas qualificações são superiores às exigências do trabalho	
Não sabe/Não responde	

Muito difícil	
Difícil	
Fácil	
Muito fácil	
Não sabe/Não responde	

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 38

Recusa responder ☐

39. Por que razão está/ficou desempregado/a?

Acabou o contrato de trabalho	
Foi despedido/a por justa causa	
Foi despedido por extinção do posto de trabalho ou inadaptação (antes da COVID)	
Houve despedimento coletivo	
Demitiu-se	
Suspendeu o contrato por salários em atraso	
Reestruturação da empresa na sequência da COVID	
Procura 1º emprego	
Não sabe/Não responde	

40. Durante as últimas 4 semanas recebeu alguma oferta de emprego?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

PERSPETIVAS GERAIS SOBRE O TRABALHO

41. Em relação ao trabalho, quais os seus projetos para o futuro? Sinalize o que, para si, corresponde à sua maior ambição (uma opção por coluna)

Ter um trabalho/emprego seguro	
Ter um trabalho/emprego ajustado às minhas qualificações	
Ter um trabalho/emprego que me permita progredir na carreira	
Ter um trabalho/emprego que fique perto da minha zona de residência	
Ter um trabalho/emprego bem pago	
Ter um trabalho/emprego socialmente valorizado	
Ir trabalhar para o estrangeiro	
Ir trabalhar para outra zona do país	

42. Pensando nas questões relacionadas com o trabalho/emprego, quais os principais desafios que enfrenta, enquanto jovem (por favor refira as que considere mais importantes):

	SIM	NÃO
42.1 Saber como procurar emprego		
42.2 Encontrar emprego		
42.3 Ter um emprego adequado à área de formação		
42.4 Ter um emprego que lhe dê satisfação pessoal		
42.5 Ter um emprego com remuneração compatível com o nível de vida desejado		
42.6 Ter um emprego que permita uma boa conciliação com a vida pessoal e familiar		
42.7 Encontrar apoios para criar o próprio emprego		
42.8 Poder ser discriminado/a na procura de emprego		
42.9 Poder ser discriminado/a no local de trabalho		
42.10 Ter um emprego que permita progressão na carreira		
42.11 Ter um emprego que exija trabalhar no estrangeiro / viajar		
42.12 Não ter as competências necessárias para ter emprego		
42.13 Saber fazer um bom CV para revelar as competências adquiridas		

43. A recente situação de pandemia, e respetivos Estados de Emergência / confinamento tiveram, ou vão ter, algum tipo de consequência no seu futuro profissional?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 45

Passa para a pergunta 45

44. Que tipo de consequências teve ou vai ter? Por favor refira as que considere mais importantes.

	SIM	NÃO
44.1 Os salários, em geral, vão ser mais baixos		
44.2 Vai haver menos empregos disponíveis		
44.3 Vão ser exigidas mais competências informáticas / digitais		
44.4 As melhores oportunidades de trabalho vão estar no estrangeiro		
44.5 Vai ser mais difícil ter um contrato a longo prazo		
44.6 Não vai haver investimentos na minha área de formação		
44.7 Vai haver mais precariedade		
44.8 O teletrabalho vai ficar facilitado		
44.9 Pode-se trabalhar em qualquer lugar		
44.10 Outra. Qual?		

7. SAÚDE

Gostaríamos, agora, que respondesse a algumas perguntas sobre questões de saúde e sobre hábitos que podem influenciar a sua saúde.

45. Como considera a sua saúde, em geral?

Diria que é:	
Muito boa	
Boa	
Razoável	
Má	
Muito má	
Não sabe/Não responde	

46. Já alguma vez alguém (pessoa amiga, familiar ou outra) demonstrou preocupação com alguma das seguintes situações:

	SIM	NÃO
46.1 Pelo tempo que usa nas redes sociais / computador		
46.2 Pelo seu consumo de álcool		
46.3 Pelo seu consumo de substâncias psicoativas		
46.4 Por outra razão. Qual?		
Não sabe/Não responde		

47. Das questões seguintes, e pensando no seu futuro, quais as que o/a preocupam mais (Por favor refira as que considere mais importantes):

	SIM	NÃO
47.1 Ter acesso aos cuidados de saúde		
47.2 Conseguir ter um seguro de saúde		
47.3 Manter-me saudável o maior número de anos possível		
47.4 Ter uma vida sexual saudável		
47.5 Ter uma alimentação saudável		
47.6 Conseguir evitar o consumo de drogas		
47.7 Conseguir evitar o consumo de álcool		
47.8 Reduzir o tempo que passa nas redes sociais e nos jogos de computador		
47.9 Conseguir manter equilíbrio mental		

48. A situação pandémica atual causada pela Covid 19 teve alguma consequência na sua vida?

Sim	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 50

Passa para a pergunta 50

	SIM	NÃO
49.1 Fiquei mais deprimido/a		
49.2 Fiquei impedido/a de estar com os meus amigos/as		
49.3 Fiquei impedido/a de estar com outros familiares		
49.4 Causou momentos de maior tensão em casa		
49.5 Fiquei desmotivado/a em relação à escola		
49.6 Baixou o meu rendimento escolar		
49.7 Aumentou o meu rendimento escolar		
49.8 Tive mais tempo para mim		
49.9 Não pude sair/passear as vezes que queria		
49.10 Aumentei de peso		
49.11 Diminuí de peso		
49.12 Fez com que passasse mais tempo nas redes sociais/internet		
49.13 Passei mais tempo em frente à televisão		
49.14 Impediu-me de praticar desporto		

8. USOS DO TEMPO

Peço a sua atenção para as questões que se seguem. Elas dizem respeito às atividades que normalmente realiza e ao modo como usa o seu tempo.

50. Normalmente, com que frequência realiza as seguintes atividades:

ATIVIDADES	Todos os dias	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Uma ou duas vezes por ano	Nunca	Não sabe/ Não responde
50.1 Atividades de voluntariado						
50.2 Participação em associações (de estudantes, jovens, desportivas, recreativas ou outras)						
50.3 Prática de atividades desportivas/exercício físico						
50.4 Atividades culturais (concertos, cinema, teatro...)						
50.5 Idas com amigos/as à discoteca, bares...						
50.6 Sair com amigos/as "sem programa"						
50.7 Estar nas redes sociais						

9. PARTICIPAÇÃO SOCIAL E CÍVICA

51. Pertence a alguma associação ou grupo de jovens?

Sim, é sócio	
Sim, é dirigente	
Não	
Não sabe/Não responde	

Passa para a pergunta 53

Passa para a pergunta 53

52. Por favor indique que tipo de associação é:

Desportiva	
Cultural	
De estudantes	
Escuteiros/Escoteiros	
Juvenil	
Associações de Solidariedade Social	
Outra	
Não sabe/Não responde	

53. Dos seguintes equipamentos, sinalize com que frequência os costuma frequentar. Se eventualmente não conhecer os equipamentos e atividades identificadas, por favor sinalize na respetiva coluna:

EQUIPAMENTOS	FREQUÊNCIA DE UTILIZAÇÃO				
	Pelo menos uma vez por semana	Pelo menos uma vez por mês	Uma ou duas vezes por ano	Nunca	Não conhece
53.1 Bibliotecas Municipais					
53.2 Piscinas municipais					
53.3 Teatros Municipais					
53.4 Escola de Vela					
53.5 Pavilhões desportivos					
53.6 Palácios					
53.7 Fitness Outdoor					
53.8 Jardins e parques municipais					
53.9 Outros. Quais? _____					

54. Das/os seguintes atividades/projetos da Câmara Municipal de Oeiras, sinalize com que frequência os costuma frequentar. Se eventualmente não conhecer as atividades ou os projetos identificadas/os, por favor sinalize na respetiva coluna:

ATIVIDADES/PROJETOS	Conheço e estou envolvido/a	Conheço mas não estou envolvido/a	Não conheço nem estou envolvido/a
54.1 Programa Jovem em Movimento			
54.2 Mexe-te nas Férias			
54.3 Tempo Jovem			
54.4 Jovens em Movimento			
54.5 Bairro Feliz			
54.6 Experimenta-te			
54.7 Jogos de Oeiras			
54.8 Jovem Mais Ativo			
54.9 Oeiras Band Session's			
54.10 Habitação Jovem			
54.11 Outro/a. Qual? _____			

55. Em que medida conhece ou está envolvido/a em atividades inseridas no âmbito dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável?

OBJETIVOS DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL	Conheço e estou envolvido/a	Conheço mas não estou envolvido/a	Não conheço nem estou envolvido/a
1. Erradicar a pobreza			
2. Erradicar a fome			
3. Saúde de qualidade			
4. Educação de qualidade			
5. Igualdade de género			
6. Água potável e saneamento			
7. Energias renováveis e acessíveis			

8. Trabalho digno e crescimento económico			
9. Indústria, inovação e infraestruturas			
10. Reduzir as desigualdades			
11. Cidades e comunidades sustentáveis			
12. Produção e consumo sustentáveis			
13. Ação climática			
14. Proteger a vida marinha			
15. Proteger a vida terrestre			
16. Paz, justiça e instituições eficazes			
17. Parcerias para a implementação dos objetivos			

10. PERSPETIVAS PESSOAIS

Por último, gostava de conhecer algumas opiniões sobre assuntos diversos.

56. Em relação às frases que constam no quadro em baixo indique, tendo em conta a sua vida e as suas opiniões, se concorda ou não:

PARTICIPAÇÃO	Concordo	Não concordo	NR
56.1 No concelho existem sítios públicos suficientes para estar com amigos e amigas da minha idade (por ex. parque para skates, biblioteca com atividades para adolescentes ou outros sítios)			
56.2 Eu sinto que a(s) pessoa(s) me ouvem e têm em consideração as minhas opiniões			
56.3 Estou satisfeito/a com a oferta cultural em Oeiras			
56.4 Estou satisfeito/a com a oferta desportiva em Oeiras			
56.5 Eu tenho acesso à informação			
56.6 Eu tenho acesso à cultura			
56.7 Tenho oportunidades para expressar a minha criatividade			
56.8 Eu sinto que o bairro onde moro é um local seguro			
56.9 Eu sinto-me seguro/a em casa			

56.10 Eu conheço situações de violência no namoro			
56.11 Eu já fui vítima de violência no namoro			
56.12 Quando eu me sinto em perigo, eu sei a quem me dirigir para pedir ajuda			
56.13 Já me senti em risco quando uso a internet			
56.14 Sinto que à minha volta as pessoas respeitam as diferenças (em termos de etnia, práticas religiosas...)			
56.15 Eu sinto-me discriminado/a			

57. Considera-se uma pessoa feliz?

Sim	
Não	
Nem sempre	
Não sabe/Não responde	

57.1 Porquê?

58. A Câmara Municipal de Oeiras está a elaborar um Plano Estratégico para a Juventude que deve ser instrumento para favorecer a participação das/os jovens na sociedade e contribuir para melhorar as condições para a sua passagem à idade adulta. Por favor identifique as ações / medidas que, na sua opinião, este plano deveria contemplar:

ÁREAS	PROPOSTAS DE AÇÕES / MEDIDAS
58.1 Educação / Formação	
58.2 Trabalho / Emprego	
58.3 Saúde	
58.4 Lazer (parques, praias, etc...)	
58.5 Cultura	
58.6 Desporto	
58.7 Participação cívica	
58.8 Habitação	
58.9 Segurança	

59. Tem conhecimento que a Câmara Municipal de Oeiras se encontra a preparar uma candidatura a Capital Europeia da Cultura em 2027?

Passa para a pergunta 61

Através de informação divulgada no site da CMO	
Através de uma associação juvenil	
Através da associação de estudantes	
Através de outra associação do concelho	
Através de uma entidade cultural	
Através de projetos em curso no concelho	
Através de amigos/as	
Através da escola/universidade	
Através das redes sociais	
Outra. Qual? _____	
Não responde	

--

Muito agradecemos a sua colaboração.

- 3.1. Na sua opinião, quais são os principais desafios que os jovens enfrentam no que se refere à educação?
Ter sucesso na escola, conseguir entrar na faculdade, concluir um curso universitário, encontrar um curso profissional ajustado aos seus interesses, ter interesse nas matérias escolares, lidar com a pressão, etc..
- 3.2. Teve, ou tem atualmente, algum tipo de problemas na escola/formação/universidade? Quais? *Insucesso escolar, problemas de comportamento, dificuldades de concentração, relacionamento com professores/as, relacionamento com colegas, bullying, discriminação, falta de apoio, dificuldades económicas, etc..*
- 3.3. Até quando gostaria de estudar ou de ter estudado? *Nível de ensino, área profissional, etc..*

4. TRABALHO

(só para quem trabalha)

- 4.1. Qual a profissão ou o trabalho que exerce?
- 4.2. Que tipo de contrato tem? *Contrato sem termo/efetivo, contrato a termo certo, contrato a termo incerto, agência de trabalho temporário, estágio profissional, prestação de serviços / recibo verde, sem contrato, etc.*
- 4.3. Está satisfeito/a com o seu trabalho? Porquê?
- 4.5. Acha que o seu trabalho está adequado ao seu nível de instrução / às suas qualificações?
- 4.6. Tendo em conta os seus rendimentos, sente dificuldade em fazer face às suas despesas habituais?

(só para quem está desempregado/a)

- 4.7. Há quanto tempo está sem trabalho?
- 4.8. Alguma vez teve um trabalho / atividade remunerada? Qual?
- 4.9. Por que razão ficou desempregado/a?
- 4.10. Tem procurado emprego de forma ativa? Se sim, como? Se não, porquê?

(para todas as pessoas)

- 4.11. Pensando no trabalho, que situação gostaria de alcançar no futuro? *O que é para si mais importante: ter um trabalho seguro, ajustado às minhas qualificações, com progressão na carreira, perto da zona de residência, bem remunerado, etc.*
- 4.12. Quais acha que são os principais desafios que os jovens enfrentam relativamente ao trabalho/emprego? *Encontrar emprego, saber como procurá-lo, conseguir um emprego adequado à área de formação, conseguir um emprego satisfatório ou bem remunerado, conciliar o trabalho com a vida pessoal e familiar, criar o próprio emprego, discriminação no recrutamento ou no local de trabalho, progressão na carreira, falta de competências, etc..*

5. IMPACTOS DA PANDEMIA

- 5.1. Que consequências teve a situação pandémica causada pela Covid-19 na sua vida (trabalho, estudos, família...)? *Ficou mais deprimido/a ou desmotivado/a, maior tensão em casa, rendimento escolar baixou ou aumentou, teve mais ou menos tempo para si, teve problemas de saúde, passou mais tempo em frente à televisão ou internet, etc.*
- 5.2. Acha que a situação de pandemia teve, ou vai ter, alguma consequência no seu futuro como estudante ou trabalhador? *Maior ou menor aproveitamento escolar, salários mais baixos, menos empregos disponíveis, maior exigência de competências informáticas/digitais, menor investimento na sua área de formação, mais precariedade, mais facilidades no teletrabalho, etc.*

Muito agradecemos a sua colaboração.



